



Serviço Público Federal
Ministério da Educação
Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul



INSTITUTO DE FÍSICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE CIÊNCIAS

**CONCEPÇÕES E PERFIL DE EDUCADORES MUSEAIS DE MATO GROSSO
DO SUL, SOB A PERSPECTIVA INTERDISCIPLINAR DA EDUCAÇÃO
AMBIENTAL CRÍTICA**

KARINA DA SILVA ALMEIDA

CAMPO GRANDE – MS

2023



Serviço Público Federal
Ministério da Educação
Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul



INSTITUTO DE FÍSICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE CIÊNCIAS

**CONCEPÇÕES E PERFIL DE EDUCADORES MUSEAIS DE MATO GROSSO
DO SUL, SOB A PERSPECTIVA INTERDISCIPLINAR DA EDUCAÇÃO
AMBIENTAL CRÍTICA**

KARINA DA SILVA ALMEIDA

Dissertação apresentada ao Programa de Ensino de Ciências da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, área de concentração em Educação Ambiental, do Programa de Pós-graduação em Ensino de Ciências, sob a orientação da Profa. Dra. Suzete Rosana de Castro Wiziack.

CAMPO GRANDE – MS

2023

KARINA DA SILVA ALMEIDA

Nome: Karina da Silva Almeida

Título: Concepções e perfil de educadores museais de Mato Grosso do Sul, sob a perspectiva interdisciplinar da educação ambiental crítica

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof^ª. Dr^ª. Suzete Rosana de Castro Wiziack

Orientadora/ UFMS

Prof^ª. Dr^ª. Icléia Albuquerque de Varga

Membro Titular Interno/UFMS

Prof^ª Dr^ª. Mirian Xavier

Membro Titular Externo/UEMS

Prof^ª. Dr^ª. Alexandra Penedo de Pinho

Membro Suplente Interno/UFMS

Prof^a. Dra. Suelen Regina Patriarcha Graciolli

Membro Suplente Externo/UCDB

DEDICATÓRIA

Dedico cada letra, palavra e página deste trabalho aos meus pais, que não mediram esforços para que eu chegasse até aqui. Sem eles minha vida e meu processo formativo não existiriam. Mãe e Pai, vocês são meus pilares, meu fomento, minha inspiração.

AGRADECIMENTOS

“Mãe, eu sei

Moro em outro mundo, sim

Onde só o amor é lei

Me ensinou assim”.

Amanheceu - Scalene

Até aqui Deus e a minha família me sustentaram.

Agradeço primeiramente a Deus por ter me dado a oportunidade de passar por essa incrível jornada formativa. Agradeço a meus pais, Maria José e Ernestino, pois sem eles eu não existiria, e não conseguiria chegar até aqui, devo tudo a eles. Ao seus esforços diários, os conselhos, ao bom exemplo, pois eles me ensinam todos os dias que sem trabalho e sacrifício não chegamos a lugar algum.

Agradeço às minhas filhas, Cecília e Maria Flor, que me motivam a cada dia ser uma mulher, mãe e profissional melhor. Aproveito para fazer um adendo reforçando que a maternidade e a pós-graduação são possíveis sim! E que mesmo sendo uma mulher, filha, mãe, esposa, professora, pesquisadora, mestranda, entre outras múltiplas atribuições, a pós-graduação foi possível. Pois lugar de mulher é onde ela quiser!

Agradeço a todos(as) os e as Professores(as) que já tive em toda a minha jornada formativa, desde a educação básica até o ensino superior. Agradeço a vocês por todos os meus conhecimentos, que são como um quebra-cabeças em plena construção, onde cada um de vocês contribuiu com uma peça. Começando pela minha Mãe, a minha primeira professora. Agradeço à minha orientadora, Suzete Wiziack pelas valiosas orientações e aulas espetaculares. Agradeço a banca de professoras avaliadoras, que aceitaram avaliar minha pesquisa e sugerir melhorias para a mesma.

Agradeço a cada participante que aceitou participar da minha pesquisa, que dedicou um tempinho de seu dia corrido para ser entrevistado por mim, ou responder ao questionário da pesquisa. Muito obrigada, vocês tornaram essa pesquisa possível.

Por fim, entrego-lhes hoje o resultado de uma pesquisa dedicada aos Museus, e aos profissionais que neles atuam, pois sem vocês os museus não seriam os mesmos. Pois vocês dão vida aos Museus. Espero que a contemplem, e almejo que seus resultados contribuam e que agreguem ao campo de pesquisas sobre museus, museologia e educação museal.

MEMORIAL

Antes de iniciar o relato desta pesquisa, é importante explicar que um longo caminho já foi traçado antes que eu chegasse até aqui, e que me proporcionou a escolha pelo estudo sobre museus. Assim, o ponto de partida foi meu interesse pessoal, que surgiu de um encantamento iniciado na infância e que foi crescendo com o passar dos anos.

Este interesse iniciou-se em Coxim/MS quando, particularmente, me empolgava com visitas a espaços não formais de educação; eu adorava passeios, excursões e visitas escolares a diferentes lugares. E no interior tudo era mais fácil, mais próximo, mais acessível. Na infância, em Coxim/MS, conheci o Museu Militar José Alves Branco Correia, o Museu Arqueológico e Histórico de Coxim/MS, o Parque Temático Histórico do Pantanal, e o Memorial Henrique de Melo Spengler.

No Ensino Médio minha aventura foi na capital Campo Grande/MS, em 2010, através de uma excursão escolar, quando realizei minhas primeiras visitas ao Museu das Culturas Dom Bosco (MCDB), ao Museu de Arte Contemporânea (MARCO), e ao Memorial da Cultura Indígena, Museu Lídia Baís, sendo está uma experiência incrível, que resultou em inúmeros clicks fotográficos e lembranças inesquecíveis.

Após isso, quando me mudei para Campo Grande/MS realizei outras visitas a museus da capital, como ao Museu de Arqueologia (MuArq) e ao Museu da Imagem e do Som (MIS).

Posteriormente, com um olhar de acadêmica de Ciências Biológicas da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), por meio de uma visita técnica ao MCDB, comecei a perceber o potencial educativo dos museus e suas possibilidades educativas. Esse interesse, resultou em 2018, em Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), no qual produzi um Guia de Visitas Pedagógico: Bioturist@ndo, que é um material didático-pedagógico. Neste material sugeri alguns espaços não formais de educação para os professores levarem seus alunos. Entre tais espaços estava o Museu das Culturas Dom Bosco (MCDB).

Dando continuidade, em 2020, para finalizar o curso de Pedagogia (UCDB) também tive o museu como inspiração e pude produzir um TCC voltado para a temática do Museu e as Crianças. No trabalho sugeri oficinas pedagógicas lúdicas, para o público da educação infantil, a partir de uma visita ao MCDB.

Agora aqui estou, conquistando e realizando mais uma etapa de minha formação acadêmica: o Mestrado, cujo objeto de estudo continua ser os museus, temática que me faz sentir cada dia mais apaixonada.

Concluo afirmando que AMO MUSEUS e como Filha, Mãe, Professora de Ciências, Professora da Educação Especial, Pedagoga, Mestranda os museus estão em meu cotidiano.

ALMEIDA, K. S. **Concepções e Perfil de Educadores Museais de Mato Grosso do Sul, sob a perspectiva Interdisciplinar da Educação Ambiental Crítica**. 2023. 171 p. Monografia (Mestrado em Ensino de Ciências – Educação Ambiental). Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

RESUMO

As pesquisas acerca dos espaços museais vem destacando a ascensão e o reconhecimento do potencial educativo dos mesmos. No entanto, também é percebida a preocupação com certas questões da organização desses ambientes. Em contrapartida, no que diz respeito à formação, concepções e o perfil dos educadores museais pouco se sabe. E foi pensando nessa carência que esta pesquisa foi proposta, pela qual questiona-se: Quem são os educadores dos museus de Mato Grosso do Sul? Quais são suas concepções a respeito dos museus e da temática Educação Ambiental nesse espaço. Esses educadores consideram o saber interdisciplinar para ensinar? Dessa forma, esta pesquisa objetivou investigar o perfil, concepções e ações dos educadores museais de três museus de Mato Grosso do Sul. A pesquisa é de abordagem quali-quantitativa e o público-alvo da investigação é formado por gestores e educadores, que atuam no Museu das Culturas Dom Bosco (MCDB), Museu de Arqueologia da UFMS (MUARQ) e o Museu de História do Pantanal (MUHPAN). O instrumento de coleta de dados utilizado na pesquisa foi um questionário semiestruturado com questões abertas e fechadas aplicado por meio da plataforma Google Forms, além de uma entrevista semiestruturada. Os dados foram analisados através da técnica de análise de conteúdo (Bardin, 2011), cuja as dimensões de análise foram selecionadas a priori seguindo-se o referencial de Silva (2007), que classifica três tipologias distintas de concepções de educação ambiental, são elas: Concepção Conservadora, Concepção Pragmática e Concepção Crítica. Os resultados apontaram que de forma geral os educadores museais majoritariamente são estudantes, seja da graduação e/ou pós graduação, que possuem vínculo temporário desempenhando a função de estagiários, ou em menor número vínculo efetivo como profissionais concursados. Além disso, a pesquisa evidenciou que estes profissionais anseiam melhorias e a valorização de sua profissão. E no que tange às concepções sobre interdisciplinaridade e educação ambiental, os resultados evidenciam a existência de equívocos conceituais, lacunas na formação e a necessidade da promoção e ausência de oferta de capacitações específicas para este público alvo. Espera-se que as reflexões oriundas dessa pesquisa fomentem melhorias na formação dos educadores museais, sobretudo, para desempenharem a Educação Ambiental crítica, haja vista que, estes profissionais, que exercem um importante papel na democratização e popularização da cultura e ciência para toda sociedade.

Palavras-chave: Educação museal; Espaços não formais de educação; Formação Inicial e Continuada.

ABSTRACT

Research on museum spaces has highlighted the rise and recognition of their educational potential. However, it is also perceived the concern with certain issues of the organization of these environments. On the other hand, little is known about the formation, conceptions and profile of museum educators. And it was thinking about this lack that this research was proposed, by which it is questioned: Who are the educators of the museums of Mato Grosso do Sul? What are your conceptions about museums and the theme of Environmental Education in this space. Do these educators consider interdisciplinary knowledge to teach? Thus, this research aimed to investigate the profile, conceptions and actions of museum educators from three museums in Mato Grosso do Sul. The research is of qualitative-quantitative approach and the target audience of the investigation is formed by managers and educators, who work in the Museum of Don Bosco Cultures (MCDB), Museum of Archaeology of UFMS (MUARQ) and the Museum of History of the Pantanal (MUHPAN). The data collection instrument used in the research was a semi-structured questionnaire with open and closed questions applied through the Google Forms platform, in addition to a semi-structured interview. The data were analyzed through the technique of content analysis (Bardin, 2011), whose dimensions of analysis were selected a priori following the reference of Silva (2007), which classifies three distinct typologies of conceptions of environmental education, they are: Conservative Conception, Pragmatic Conception and Critical Conception. The results showed that in general, museum educators are mostly students, either from undergraduate and/or graduate courses, who have a temporary bond performing the function of interns, or in a smaller number effective bond as professionals. In addition, the research showed that these professionals yearn for improvements and appreciation of their profession. And with regard to the conceptions about interdisciplinarity and environmental education, the results show the existence of conceptual misconceptions, gaps in training and the need for promotion and lack of provision of specific training for this target audience. It is expected that the reflections from this research will foster improvements in the training of museum educators, especially to perform critical Environmental Education, these professionals play an important role in the democratization and popularization of culture and science for the whole society.

Keywords: Museum education; Non-formal spaces of education; Initial and Continuing Training.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
2. DESENHO METODOLÓGICO	18
2.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA.....	18
2.1.1 Objetivo Geral	18
2.1.2 Objetivos Específicos	18
2.2 Caracterização da Pesquisa	18
2.3 Instrumentos de coleta de dados	19
2.4 Locais de pesquisa: Caracterização	20
2.5 Participantes do Estudo: Educadores e Gestores museais	23
2.6 Etapas metodológicas	23
3. A FORMAÇÃO DOS EDUCADORES MUSEAIS - REVISÃO DE LITERATURA	28
3.1 FORMAÇÃO DOS EDUCADORES MUSEAIS NO BRASIL: UMA REVISÃO DE LITERATURA	28
3.2 EDUCADORES MUSEAIS: PAPEL E IMPORTÂNCIA	29
3.3 EDUCADORES MUSEAIS NO BRASIL: BREVE HISTÓRICO	32
3.4 RESULTADOS: O QUE APONTAM AS PESQUISAS	35
3.5 CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE O PERFIL E OS SABERES DOS PROFISSIONAIS DOS MUSEUS DE ACORDO COM A INVESTIGAÇÃO BIBLIOGRÁFICA	39
4. EDUCAÇÃO AMBIENTAL E INTERDISCIPLINARIDADE	49
4.1 O QUE É EDUCAÇÃO AMBIENTAL: CONSIDERAÇÕES ETIMOLÓGICAS	49
4.2 HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL: UM BREVE PERCURSO	53
4.3 A EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO BRASIL	58
4.4 AS PRINCIPAIS LEIS BRASILEIRAS SOBRE EA	60
4.5 AIGUMAS DAS PRINCIPAIS CORRENTES DA EA CONSTRUÍDAS HISTORICAMENTE	63
4.5.1 A Educação Ambiental e a Interdisciplinaridade, um conceito presente nas diversas tipologias	69
5. OS MUSEUS E A RELAÇÃO COM A EDUCAÇÃO	73
5.1 MUSEUS: BREVE HISTÓRICO	73
5.2 MUSEUS: PRINCIPAIS DEFINIÇÕES	76
5.3 TIPOLOGIA DOS MUSEUS BRASILEIROS	77

5.4 MUSEUS NO BRASIL E NO MATO GROSSO DO SUL.....	78
5.5 ALGUMAS PESQUISAS SOBRE MUSEUS NO MATO GROSSO DO SUL.....	86
5.6 MUSEUS E EDUCAÇÃO: ALGUMAS RELAÇÕES E CONEXÕES.....	88
6. A INVESTIGAÇÃO EMPÍRICA SOBRE E SEUS RESULTADOS	94
6.1 PARTICIPANTES DA PESQUISA: CRITÉRIOS DE INCLUSÃO E IDENTIFICAÇÃO.....	94
6.2 RESULTADOS E DISCUSSÕES DAS ENTREVISTAS	95
6.2.1 ENTREVISTA – GESTORA 1 (G1).....	98
6.2.2 ENTREVISTA – GESTOR 2 (G2).....	99
6.2.3 ENTREVISTA - GESTORA (G3).....	101
6.3 RESULTADOS E DISCUSSÕES DOS QUESTIONÁRIOS: PERFIL DOS EDUCADORES MUSEAIS	112
6.4 INTERDISCIPLINARIDADE.....	121
6.5 EDUCAÇÃO AMBIENTAL.....	129
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	149
REFERÊNCIAS	153
APÊNDICES.....	161
ANEXOS	170

1. INTRODUÇÃO

“Se a educação sozinha, não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda.” (FREIRE, 2000, p.67).

Partindo da premissa de que o museu é um espaço que educa, e este transcende a abordagem não formal, pois tradicionalmente realiza ações para o ensino escolar, considera-se que os museus têm potencialidade para o desenvolvimento de ações educativas voltadas para a promoção da Educação Ambiental, pois as instituições museais são locais de produção de conhecimentos e de construção social da memória, o que favorece a percepção crítica da sociedade.

Nessa perspectiva, nessa pesquisa, anseia-se investigar quem são os profissionais que atuam nos museus de Mato Grosso do Sul e o que pensam sobre interdisciplinaridade e Educação Ambiental. Para tanto, esta pesquisa tem como objetivo analisar as concepções, o perfil e as ações desenvolvidas pelos educadores museais de três museus de Mato Grosso do Sul sob a perspectiva da Educação Ambiental crítica.

Os museus representam os espaços não formais de educação, sendo oportunos para a promoção de atividades educativas voltadas para a Educação Ambiental (EA), a partir de abordagens que envolvam a análise de problemáticas de forma multidimensional, seja nas dimensões ambientais, culturais, políticas, econômicas e sociais, portanto, de carácter interdisciplinar. Por este motivo, justifica-se também a emergência da promoção de discussões sobre Museus e a EA, ainda mais quando percebemos que os museus realizam muitas ações voltadas para as instituições escolares, o que os tornam importantes para o ensino formal e não formal.

Nesse tocante, a Lei Nº 9.795 de 1999 que dispõe sobre a Educação Ambiental e institui a Política Nacional de Educação Ambiental afirma que a “A educação ambiental é um componente essencial e permanente da educação nacional, devendo estar presente,

de forma articulada, em todos os níveis e modalidades do processo educativo, em caráter formal e não-formal” (Brasil, 1999. Art.2º).

Por conseguinte, conforme aponta Gomes e Cazelli (2014), com a ascensão e consolidação da função educativa nos museus, estes espaços viram a necessidade de capacitar profissionais qualificados para atuar nestes espaços.

Mas Costa (2019) afirma que, no que diz respeito à formação inicial e continuada dos educadores museais, pouco se avançou, pois as literaturas sobre o tema apontam para o déficit de cursos e capacitações específicas para a área.

Além disso, alguns autores (Carlétti; Massarani, 2015; Gomes; Cazelli, 2016; Norberto Rocha, 2021; Costa, 2019) reforçam a necessidade não somente de melhoria dessa formação, mas também da valorização na profissionalização dos profissionais de museus.

Considerando que a EA é um componente obrigatório da educação brasileira e que no que diz respeito à formação dos educadores museais para atuar com a temática continua ser um desafio, pretende-se focar a formação destes profissionais, sobretudo na área da Educação Ambiental. Outra problemática apontada é a da necessidade de uma abordagem interdisciplinar para o tratamento das temáticas abordadas nos museus, sobretudo durante a realização de ações de Educação Ambiental, que tem como princípio a interdisciplinaridade, de tal forma que ofereça abordagens integradas dos conteúdos trabalhados e de formação cidadãos críticos e reflexivos.

Em nosso entendimento, para tanto, é necessário proporcionar visitas mediadas por ações de construção de conhecimentos, pelas quais o educador museal possibilite a participação dos visitantes, a argumentação dos mesmos e o posicionamento crítico, através de problematizações e exemplificação de situações cotidianas.

No que se refere às abordagens interdisciplinares em museus, para explorá-las é preciso dar subsídios para que os profissionais de museus tenham conhecimento a respeito da articulação dos saberes e conhecimentos com os quais estão trabalhando. Além disso, metodologias e abordagens colaborativas, problematizadoras, críticas e reflexivas podem contribuir para superar a fragmentação dos saberes.

Destaca-se que a fragmentação dos saberes é um problema comumente encontrado na educação brasileira e em diversos outros segmentos. No que tange a

educação especificamente, os conteúdos escolares são tradicionalmente abordados de forma isolada, sem o estabelecimento de conexões e diálogos entre os saberes, o que resulta na superficialidade da interpretação pelos estudantes, sem a devida correlação, portanto, frágeis na resolução de problemas.

Segundo Morin (2015, p.27) “Ao parcelar os conhecimentos em fragmentos separados, nossa educação não nos ensina senão muito parcial e insuficientemente a viver, ela se distancia da vida ao ignorar os problemas permanentes do viver que acabamos de evocar”.

Visando superar essa problemática, no Brasil, existem diversos documentos normativos no âmbito educacional que reforçam a importância das abordagens interdisciplinares na educação brasileira. Por exemplo, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) BRASIL de 1997 já indicavam que:

A interdisciplinaridade questiona a segmentação entre os diferentes campos de conhecimento produzido por uma abordagem que não leva em conta a inter-relação e a influência entre eles questiona a visão compartimentada (disciplinar) da realidade sobre a qual a escola, tal como é conhecida, historicamente se constitui. Refere-se, portanto, a uma relação entre disciplinas (Brasil, 1997c, p.31).

Outro importante documento normativo, que dispõe sobre a Educação Ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental destaca em seu Art. 4º os princípios básicos da educação ambiental, entre eles, destacam-se: “III - o pluralismo de ideias e concepções pedagógicas, na perspectiva da inter, multi e transdisciplinaridade;” (Brasil, 1999).

A interdisciplinaridade também é apontada nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental, no art. Art. 8º, que define ser a EA “[...] uma prática educativa integrada e interdisciplinar, contínua e permanente em todas as fases, etapas, níveis e modalidades, não devendo, como regra, ser implantada como disciplina ou componente curricular específico”. (Brasil; 2012).

A partir do que é regulamentado na legislação, evidencia-se a importância e a necessidade da promoção de abordagens e práticas interdisciplinares voltadas para a Educação Ambiental. No entanto, é comum que a interface entre a Educação Ambiental e a Interdisciplinaridade não seja colocada em prática.

Essa problemática foi observada por mim, ainda antes de ingressar no mestrado. Durante minhas observações como visitante em dois dos museus que agora são universos da nossa pesquisa. Evidenciei que, as visitas de grupos escolares a estes museus, eram supervisionadas e/ou estavam sob a responsabilidade de professores de uma disciplina ou área de conhecimento específica e que estes buscavam trabalhar a sua área de conhecimento. Verifiquei que frequentemente eram propostas organizadas por professores de Artes, História e/ou Ciências e Biologia. Essa prática, observada com recorrência, retratava a limitação da participação de outros professores, sobrecarregando os professores responsáveis, sem a exploração da interdisciplinaridade ao longo das visitas escolares.

A partir dessa problemática observada, diversas são as justificativas que reforçam a necessidade, relevância social e educacional dessa pesquisa. Quanto à relevância educacional, nada melhor do que explorar um espaço não formal de educação, para a promoção de diálogos interdisciplinares, como defende Marandino (2016, p.9) ao afirmar que os “Museus são locais propícios para motivar, desenvolver atividades e estabelecer diálogos e interações entre grupos”. A autora afirma também que, “cada vez mais professores das diferentes áreas se interessam por conhecer melhor este espaço, tendo por objetivo proporcionar um melhor aproveitamento do mesmo pelos alunos” (Marandino, 2001a, p. 87).

Além desses apontamentos, é importante destacar que os museus são importantes espaços para o desenvolvimento de pesquisas acadêmicas, divulgação científica, ações educativas, lazer, cultura, turismo, além de terem o papel de resgate de memórias e da preservação da história do patrimônio cultural.

Partindo dessas premissas, os espaços não formais de educação, podem ser uma ótima ferramenta educativa e os museus são de suma importância para todos os cidadãos, pois possibilitam que os mesmos construam e disseminem a compreensão sobre o respeito e a valorização do patrimônio histórico-cultural regional e nacional.

Diante disso, mostra-se relevante, a necessidade de se investigar o perfil e conhecimentos dos educadores museais, que são os profissionais responsáveis pela recepção de visitantes de museus, pois a partir dessas investigações, será possível identificar possíveis equívocos conceituais e defasagens na formação destes profissionais.

Considerando a importância dessa temática, tanto para a educação formal, como a não formal, questionamos: Quais são as concepções que os educadores museais têm a respeito dos museus, das temáticas Interdisciplinares e da Educação Ambiental? Como foi, ou como está sendo a formação inicial e continuada destes profissionais? Existem equívocos conceituais e/ou defasagem que estes profissionais possam apontar para o desenvolvimento da EA nos museus?

E é buscando responder a estes questionamentos que essa pesquisa foi proposta. Pois através da aplicação desta pesquisa, dados representativos foram levantados, oportunizando assim, futuras proposições de melhorias, para a superação das dificuldades e dos desafios encontrados ao longo da formação dos educadores que atuam em museus.

Partindo desses apontamentos iniciais, a presente pesquisa, objetivou investigar o perfil dos educadores museais de três museus de Mato Grosso do Sul. São eles: Museu das Culturas Dom Bosco (MCDB), Museu de Arqueologia da UFMS (MUARQ) e Museu de História do Pantanal (MUHPAN).

A pesquisa é de abordagem quali-quantitativa, com uso de um questionário semi-estruturado aplicado aos gestores e educadores museais. Além disso, entrevistas foram realizadas com os gestores(as) dos Museus.

Durante o percurso metodológico esta pesquisa perpassou por cinco etapas, são elas: 1) Convite e Documentação; 2) Realização das Entrevistas e aplicação do Questionário; 3) Categorização; 4) Análise dos resultados e 5) Síntese final. As análises quantitativas visam interpretação das respostas dos questionários, e da interpretação dos gráficos gerados pela plataforma do Google Forms, que possibilita o levantamento do perfil dos educadores museais dos três museus de Mato Grosso do Sul. Os resultados das questões discursivas foram analisados com auxílio da técnica de Análise de Conteúdo Bardin (2011), tendo como referencial teórico para as análises as tipologias de concepções de educação ambiental e dimensões para a análise de (Silva, 2007).

O texto apresenta sete capítulos, sendo: 1 Introdução; Capítulo 2. Desenho Metodológico; 3. A formação dos educadores museais - Revisão de literatura; Capítulo 4. Educação Ambiental e Interdisciplinaridade; Capítulo 5. Os museus e a relação com a educação; Capítulo 6. A investigação empírica sobre e seus resultados e Capítulo 7. Considerações finais.

O primeiro capítulo, apresenta e delimita o tema e do problema de pesquisa, apresenta a relevância do trabalho, as Hipóteses, os objetivos e justificativas da pesquisa, além de detalhar a metodologia utilizada para coletar e analisar os dados, e sintetizar as considerações finais.

Já o segundo capítulo, traça e delimita os objetivos da pesquisa, elencando o objetivo geral e os objetivos específicos.

O terceiro capítulo, apresenta uma revisão de literatura com uma panorama geral de pesquisas de doutorado e mestrado que estão sendo realizadas no Brasil, a nível de doutorado, e em artigos de periódicos, pesquisados através do Google acadêmico. As pesquisas selecionadas foram produzidas nos últimos cinco anos, voltadas para a temática de formação de educadores museais. De forma geral, discute-se ao longo do capítulo o perfil destes profissionais, bem como a escolaridade, área de formação, vínculos profissionais dos mesmos com os museus e o tempo de atuação nos espaços museais.

O quarto capítulo, conceitua de forma geral a temática de Educação Ambiental, além de apresentar brevemente seu histórico, apresenta as principais propostas para a política pública da área, suas principais correntes e seus diálogos com a interdisciplinaridade.

Já o quinto capítulo apresenta um breve histórico dos museus, com enfoque mundial e nacional, apresentando também sua importância, seu caráter educativo, e seus diálogos com a EA. Além de abordar o papel e a importância dos educadores museais na divulgação e popularização da ciência.

No sexto capítulo são apresentados a seção dos resultados e discussões da pesquisa, sendo divulgados os resultados das entrevistas e dos questionários, reflexões, sínteses e inferências sobre os dados. Para finalizar, no sétimo capítulo são apresentadas as considerações finais da pesquisa, elencando as principais conclusões evidenciadas a partir da análise dos dados.

2. DESENHO METODOLÓGICO

A seguir estão apresentados os objetivos e as caracterização da pesquisa visando apresentar o caminho teórico-metodológico adotado.

2.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

2.1.1 Objetivo Geral

Esta pesquisa tem como objetivo geral analisar as concepções, o perfil e as ações desenvolvidas pelos educadores museais de três museus de Mato Grosso do Sul sob a perspectiva da Educação Ambiental crítica e interdisciplinar.

2.1.2 Objetivos Específicos

- a) Identificar o perfil dos educadores museais de três museus de Mato Grosso do Sul;
- b) Investigar as concepções dos educadores museais a respeito dos museus, das temáticas de Educação Ambiental (EA) e da Interdisciplinaridade;
- c) Identificar ações, necessidades, dificuldades e os desafios dos educadores museais ao recepcionar grupos escolares, considerando a perspectiva interdisciplinar e crítica.

2.2 Caracterização da Pesquisa

O tipo de pesquisa escolhido para atender aos objetivos propostos, será a pesquisa levantamento tipo survey, de abordagem quali-quantitativa. Cujo os instrumentos de coletas de dados utilizados serão a aplicação de questionários semi estruturados, entrevistas semiestruturadas e um diário de campo elaborado pela pesquisadora a partir de suas observações.

Segundo Ludwig (2015) a pesquisa de levantamento é um tipo de pesquisa de campo. Nesse tipo de pesquisa, as informações são solicitadas por um grupo de pessoas e/ou público-alvo específico, antecipadamente, acerca de um problema de estudo.

As pesquisas de levantamento objetivam descrever, explicar e explorar um fenômeno sob estudo. Se caracterizam pela indagação direta das pessoas, objetivando conhecer como se comportam. (MARCONI; LAKATOS, 2017).

Na pesquisa de levantamento, os dados são coletados dos respondentes, que são convidados voluntariamente a participar da pesquisa, e respondem às questões elaboradas pelo pesquisador.

2.3 Instrumentos de coleta de dados

Segundo Cervo & Bervian (2002), uma das principais técnicas de coleta de dados é a entrevista, que é realizada de forma estruturada ou semiestruturada, seguindo-se um método para se obter as informações sobre determinado assunto.

De acordo com Gil (1999), a entrevista é bastante utilizada em pesquisas sociais. Essa é uma técnica bastante adequada para levantamento e obtenção de informações, a respeito do que as pessoas sabem, esperam e desejam para cada resposta.

Em geral, as entrevistas semiestruturadas baseiam-se em um roteiro organizado e estruturado pelo pesquisador, constituído de “[...] uma série de perguntas abertas, feitas verbalmente em uma ordem prevista” (LAVILLE & DIONNE, 1999, p.188).

O outro instrumento de coleta de dados que foi utilizado nesta pesquisa foi o questionário. Segundo Cervo & Bervian (2002, p. 48), o questionário “[...] refere-se a um meio de obter respostas às questões por uma fórmula que o próprio informante preenche”. Os questionários podem apresentar perguntas abertas e/ou fechadas.

Tanto as respostas dos questionários, quanto as entrevistas foram analisadas e discutidas após o levantamento dos dados. As questões fechadas dos questionários, foram analisadas de forma quantitativa, a partir dos gráficos gerados pelo próprio Google Forms, já as questões abertas, foram analisadas qualitativamente, a partir da técnica de análise de conteúdo (Bardin, 2011), e serão categorizadas apoiadas ao referencial de (Silva, 2007).

As entrevistas foram gravadas e transcritas. Após a transcrição, também foram analisadas qualitativamente, a partir da técnica de análise de conteúdo (Bardin, 2011).

2.4 Locais de pesquisa: Caracterização

Os campos de realização da presente pesquisa foram inicialmente: Museu de Arqueologia da UFMS (MuArq), Museu das Culturas Dom Bosco (MCDB) e o Museu de História do Pantanal (MUHPAN).

O Museu das Culturas Dom Bosco (MCDB) é um museu universitário, administrado pela Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), localizado no município de Campo Grande/MS. O mesmo é um espaço não formal de educação, que tem como objetivo a difusão do conhecimento histórico e científico através de exposições e ações educativas, comunicando-se com a sociedade em geral. O MCDB enquadra-se na categoria de um museu de história e ciências naturais, possuindo um riquíssimo acervo com coleções arqueológicas, etnológicas, mineralógicas, malacológicas e zoológicas.

Figura 01. Fachada do Museu das Culturas Dom Bosco-MCDB, localizado em Campo Grande/MS



Fonte: <https://site.ucdb.br/noticias/ucdb/6/museu-das-culturas-dom-bosco-traz-atividades-diferenciadas-na-12-edicao-da-primavera-dos-museus/57932/>

No tocante às ações educativas, o MCDB possui um programa específico para receber grupos escolares, intitulado Programa de Visitas Escolares (PROVIS) - um programa que recebe frequentemente alunos oriundos de escolas públicas e particulares, ONGs e visitas técnicas de acadêmicos do Ensino Superior. Nas visitas este público participa de uma visita guiada, mediada pela equipe pedagógica do museu.

Segundo Lonkhuijzen (2016):

As ações educativas do Museu das Culturas Dom Bosco - MCDB fazem parte do Programa Educativo de Visitas do Museu - PROVIS, recebendo visitantes diversos, em especial, grupos escolares dos diferentes níveis de ensino (LONKHUYZEN, 2016, p.47).

O Programa Educativo do Museu das Culturas Dom Bosco – MCDB/UCDB objetiva a introdução de conceitos básicos sobre educação patrimonial/ambiental a partir da apresentação de seu acervo em visitas mediadas às exposições e atividades educativas programadas (LONKHUIJZEN, 2016, p.47). Com o intuito de que ambos se relacionem e se beneficiem com esta união, para a promoção do processo de ensino aprendizagem dos alunos, independentemente da tipologia de educação seja ela formal ou não formal.

O Museu de Arqueologia da UFMS (MuArq) está localizado no município de Campo Grande/MS. O mesmo é um museu vinculado à Pró-reitoria de Pós-graduação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). O MuArq possui um riquíssimo acervo arqueológico e pré-histórico dos grupos humanos que povoaram o Mato Grosso do Sul no passado. Entre esses povos, destacam-se os povos nômades, os caçadores-coletores, os indígenas agricultores ceramistas, e os povos produtores de artes rupestres.

Figura 02. Fachada do prédio que abriga o Museu de Arqueologia da UFMS-MuArq, localizado em Campo Grande/MS.



Fonte: <https://muarq.ufms.br/a-historia-do-muarq/>

Ao visitar o museu é possível conhecer o contexto histórico-cultural que estes povos viviam no passado, a partir da observação de diversos objetos e apetrechos históricos, como: lanças, cerâmicas, pilões, ferramentas de corte, e artes rupestres. Presentes nas coleções do acervo lítico dos povos caçadores-coletores, e do acervo de cerâmicas dos índios agricultores ceramistas. Em suma, ambas as exposições preservam e salvaguardam o passado do MS e contribuem com o desenvolvimento de ações educativas que remontam o passado histórico dos povos do MS. Semanalmente, o MuArq recebe visitas de grupos escolares e do público em geral.

O terceiro museu, campo desta pesquisa, é o Museu de História do Pantanal (MUHPAN). Este museu está localizado no município de Corumbá, no Mato Grosso do Sul. O museu está instalado em um prédio histórico de Corumbá/MS, sendo mantido pela Fundação da Cultura e do Patrimônio Histórico de Corumbá.

Figura 03. Fachada do Museu de História do Pantanal, em Corumbá/MS.



Fonte: <https://corumba.ms.gov.br/servicos/aceso-e-visita%C3%A7%C3%A3o-a-museu-hist%C3%B3ria-do-pantanal>

O MUHPAN apresenta ao longo de suas exposições a história da ocupação territorial do Pantanal, através de acervos voltados para a arqueologia, etnologia, história e antropologia social. O museu conta com peças de cerâmica pré-coloniais e artefatos pré-históricos, utilizados pelos primeiros habitantes da região pantaneira, há 8 mil anos. O museu possui também, artefatos e objetos provenientes da época da Guerra do Paraguai, que ajudam a salvaguardar esse importante acontecimento na história do Brasil.

Quem visita o museu pode realizar uma viagem fictícia pelo trem do pantanal, embarcando em uma viagem lúdica e divertida, com diversos estímulos sensoriais. Um dos principais objetivos do museu é apresentar uma rica diversidade cultural, artística e ecológica do Pantanal. Além de explorar e abordar junto aos visitantes ações de valorização histórico-culturais do Mato Grosso do Sul.

2.5 Participantes do Estudo: Educadores e Gestores museais

O público-alvo desta pesquisa consiste em gestores e educadores museais que atuam e/ou já atuaram em um dos três museus de Mato Grosso do Sul, citados anteriormente.

2.6 Etapas metodológicas:

Durante o percurso metodológico esta pesquisa perpassou por cinco etapas, são elas: 1) Convite e Documentação; 2) Realização das Entrevistas e aplicação do Questionário; 3) Categorização; 4) Análise dos resultados e 5) Síntese final.

Primeira etapa – Convite e Documentação

Visando atender as exigências legais do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos – CEP, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) a pesquisadora seguirá todos os protocolos éticos necessários realizando o convite formal ao público-alvo da pesquisa (Gestores dos museus e Educadores museais). Além da autorização (Carta de anuência) das instituições responsáveis pelos museus é necessária a anuência dos participantes em participar da pesquisa através da disponibilização e assinatura de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Vale ressaltar que o anonimato dos participantes da pesquisa é garantido em todas as etapas da mesma. E que os mesmos poderão desistir de participar da pesquisa em qualquer momento.

A coleta dos dados foi realizada de forma remota via email, Google meet, whatsApp.

Segue a descrição da documentação da pesquisa:

- 1) Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) dos Gestores dos Museus;
- 2) Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) dos Educadores dos Museus;
- 3) Cartas de Anuência- anuência institucional e dos locais de pesquisa.

Segunda etapa - Realização das Entrevistas e aplicação do Questionário

Nessa etapa a entrevista semiestruturada com os gestores dos Museus conduzida pela pesquisadora, investiga atividades realizadas no museu e as concepções dos educadores museais. Os questionários semiestruturados com questões abertas e fechadas, aplicados aos gestores e educadores museais, de forma online pela plataforma do Google Forms. Além disso, um diário de campo será utilizado como instrumento de coleta de dados pela pesquisadora, a fim de agregar os registros de coleta de dados.

Terceira a etapa - Categorização

A etapa de categorização foi realizada seguindo as dimensões de análise de (Silva, 2007) que caracteriza a Educação Ambiental em concepções, são elas: Concepção Conservadora; Concepção Pragmática; Concepção Crítica.

Quarta etapa - Análise dos resultados

Análises quantitativas: Serão organizadas e apresentadas em formato de gráficos e quadros, apresentando porcentagens dos dados coletados a respeito do perfil dos participantes da pesquisa, como por exemplo, números de participantes, média de idade, formação acadêmica, frequência de participação em capacitações, entre outros dados. Lembrando que, o anonimato dos participantes da pesquisa será garantido, sendo que, a identificação dos participantes será através de códigos, como por exemplo, ED01 (Educador 01).

Análises qualitativas: A análise das respostas dos questionários, se dará utilizando-se da técnica de Análise de Conteúdo Bardin (2011). O corpus de análise serão as respostas dos questionários. Os textos analisados passarão por uma desconstrução, unitarização, e

processo de categorização, em que as unidades serão comparadas e agrupadas por semelhança. A análise de conteúdo, pautada originalmente no referencial teórico de Bardin (1977) é um “[...] conjunto de técnicas de análise das comunicações [...]” (BARDIN, 2011, p. 30) que tem por objetivo a realização da interpretação e inferências dos dados extraídos a partir do conteúdo das respostas dos participantes da pesquisa.

Bardin (2011, p. 42) ainda conceitua análise de conteúdo como:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando a obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo de mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) dessas mensagens.

A reflexão pautada nos referenciais teóricos de (LAYRARGUES e LIMA, 2011;2014) buscam as macrotendências político-pedagógicas da Educação Ambiental brasileira dando subsídios às análises dos respondentes quanto aos seus conhecimentos prévios e suas concepções a respeito da Educação Ambiental (EA).

O referencial de (Silva, 2007) utilizado pela pesquisadora como apoio teórico-metodológico, facilita as interpretações e inferências dos dados, a partir das dimensões de análise definidas a priori por (SILVA, 2007). O quadro abaixo proposto por (SILVA, 2007), apresenta as dimensões de análise que subsidiam a caracterização da Educação Ambiental, tendo como opções: *Concepção Conservadora; Concepção Pragmática e Concepção Crítica*.

Para caracterizar as dimensões de análise foi realizada uma busca por elementos que emergem dos discursos dos respondentes da pesquisa e que possibilitam a realização das inferências da pesquisadora. As dimensões de análises são: *relação ser humano-meio ambiente, ciência e tecnologia, valores éticos, política e práticas pedagógicas* (atividades). Em cada uma dessas dimensões foram agrupados elementos que, em conjunto, buscam inferir a concepção de educação ambiental predominante.

Quadro 01. Tipologia de concepções de educação ambiental e dimensões para a análise (SILVA, 2007).

Dimensões de análise	Caracterização da Educação Ambiental		
	Concepção Conservadora	Concepção Pragmática	Concepção Crítica
Relação ser humano-ambiente	<ul style="list-style-type: none"> - dicotomia ser humano- ambiente; - ser humano como destruidor; - retorno à natureza primitiva (arcaísmo ou idealismo); - catastrofismo; - busca harmonia ser humano- natureza; - ser humano faz parte da natureza em sua dimensão biológica (reducionismo biológico). 	<ul style="list-style-type: none"> antropocentrismo; ser humano capaz de usar sem destruir; ser humano como biológico e social; lei de ação e reação (natureza vingativa); precisa proteger o ambiente para poder sobreviver; meio ambiente – bem para servir o ser humano. 	<ul style="list-style-type: none"> complexidade da relação; ser humano pertence à teia de relações sociais, naturais e culturais e vive em interação; relação historicamente determinada; ser humano como biopsicossocial, dotado de emoções.
Ciência e Tecnologia	<ul style="list-style-type: none"> cientista/especialista como único detentor do saber; base empirista – conhecimento como algo externo ao cientista; ciência como portadora da verdade e da razão; produção científica isolada da sociedade. 	<ul style="list-style-type: none"> relação entre ciência e sociedade de uma forma utilitária; conhecimento científico ocorre de forma linear; ênfase nos resultados; resolução dos problemas ambientais pela ciência e tecnologia; supremacia do saber científico sobre o popular. 	<ul style="list-style-type: none"> conhecimento científico como produto da prática humana; interdisciplinaridade na produção do conhecimento; processo de investigação envolve rupturas e mudanças de rumo; ciência como uma das formas de interpretação do mundo; cultura local como conhecimento.
Valores Éticos	<ul style="list-style-type: none"> questões que envolvem conflitos não são abordadas; padrões de comportamento em uma perspectiva maniqueísta; todos são igualmente responsáveis pelos problemas e pela qualidade ambiental. 	<ul style="list-style-type: none"> conflito apresentado como um “falso consenso”; solução depende do querer fazer; ênfase nos comportamentos individuais – postura normativa; relação direta entre informação e mudança de comportamento. 	<ul style="list-style-type: none"> questões controversas são apresentadas na perspectiva de vários sujeitos sociais; questões de igualdade de acesso aos recursos naturais e distribuição desigual de riscos ambientais são discutidas; incentivo à formação de valores e atitudes direcionados pela ética e justiça ambiental.
Participação Política	<ul style="list-style-type: none"> não há uma contextualização política e social dos problemas ambientais; a dimensão da participação política não aparece. 	<ul style="list-style-type: none"> participação do Estado como projetos e normas; oposição entre o social e natural; cidadão é o consumidor; propostas de atuação individual. 	<ul style="list-style-type: none"> proposta de “cidadania ativa”; responsabilidades das diferentes instâncias (sociedade civil, governo, ONGs); fortalecimento da sociedade civil; ênfase na participação coletiva.
Práticas pedagógicas	<ul style="list-style-type: none"> atividades de contemplação; datas comemorativas; atividades externas de “contato com a natureza” com fim em si mesma. 	<ul style="list-style-type: none"> atividades “técnicas/instrumentais” sem propostas de reflexão (e.x.: separar materiais para reciclagem); resolução de problemas ambientais como atividade- fim; atividades que apresentem resultados rápidos. 	<ul style="list-style-type: none"> propostas de atividades interdisciplinares; resolução de problemas como temas geradores; exploram-se potencialidades ambientais locais/regionais; estudo do meio; role-play – tema controverso.

Fonte: Silva (2007).

Quinta etapa - Síntese final

Visa a produção do texto (metatexto), a partir dos aspectos descritivos e interpretativos que representam a compreensão e a teorização do fenômeno investigado, a partir da questão de pesquisa proposta.

No que diz respeito aos conceitos de Educação Ambiental (EA) espera-se que as investigações possam fomentar parâmetros conceituais, obstáculos, e as dificuldades apontadas pelos participantes da pesquisa.

Considera-se com o apoio de Reigota (1995) que para a realização de atividades de Educação Ambiental é preciso, de antemão, investigar as concepções das pessoas sobre meio ambiente. Com isso, espera-se contribuir com estratégias, e caso necessário, capacitações dos profissionais que proporcionem a promoção de subsídios teóricos-metodológicos aos educadores museais.

Nessa perspectiva, espera-se que a realização desta pesquisa, seja relevante educacionalmente, e contribua com melhorias na formação e atuação dos educadores museais.

3. FORMAÇÃO DE EDUCADORES MUSEAIS: REVISÃO DE LITERATURA

3.1 FORMAÇÃO DOS EDUCADORES MUSEAIS NO BRASIL: UMA REVISÃO DE LITERATURA

Quem já visitou museus e/ou tem o hábito de visitá-los, certamente foi guiado por um mediador durante visitas. Estes profissionais são de extrema importância na condução dos visitantes. Considerando tais mediadores, alguns pesquisadores da área da educação e ensino desenvolveram suas pesquisas voltadas para investigar estes profissionais, cujo interesse de pesquisa visou investigar, por exemplo: o perfil, a formação, os saberes, os fazeres, as concepções, entre outras investigações pertinentes do dia a dia destes profissionais. Autores como: Rodari e Merzagora, 2007; Carletti, 2016; Gomes e Cazelli, 2016; Massarani, 2022, dentre outros autores, realizaram suas pesquisas voltadas para os educadores de museus.

A fim de compreender o panorama geral dos estudos voltados para investigar o perfil dos educadores museais no Brasil, uma revisão sistemática de literatura foi realizada visando o perfil qualitativo dos educadores museais, como o gênero, média de idade e a formação dos mesmos. Além disso, se investigou quais foram as motivações, os aprendizados e as dificuldades encontradas pelos mesmos ao desempenharem suas funções.

Para tanto, as buscas foram realizadas, na base de dados do *Google Acadêmico*. Inicialmente foram utilizados os descritores: *Formação de educadores museais; Educação Museal; Educação Ambiental*. Como resultados, foram encontrados 870 trabalhos publicados, entre o período de 2018 a 2022.

Já na segunda etapa, para refinar as buscas, os títulos dos 870 trabalhos encontrados foram analisados utilizando como critério de inclusão, a presença das palavras: *“Educadores de museus”, “Mediadores de museus”, “Monitores de museus”*.

Como resultados, nessa segunda etapa de análise, após refinar os resultados, foram encontradas 49 produções (artigos, livros, dissertações e teses).

Já na terceira etapa de seleção, os resumos dos textos foram lidos e analisados. E a seleção foi realizada a partir da seguinte questão de pesquisa: *Qual será o perfil de formação dos educadores museais?*

Após as análises dos resumos, 12 trabalhos foram selecionados, pois os mesmos respondiam as questões e apresentavam expressivos resultados. Após essa seleção, a metodologia e os resultados destes trabalhos foram analisados mais detalhadamente, a fim de dar subsídios às reflexões da presente revisão de literatura.

Após a seleção definitiva dos trabalhos. Os textos foram analisados através da técnica de análise de conteúdo (BARDIN, 2011). Seguindo-se as etapas de interpretação e a inferência dos trabalhos selecionados apresentados a seguir.

3.2 EDUCADORES MUSEAIS: PAPEL E IMPORTÂNCIA

Como já foi mencionado anteriormente na presente revisão de literatura, buscamos questionar: Afinal, quem são os mediadores dos museus no Brasil? Quando surgiram? Que papel desempenham?

Pois bem, no que diz respeito a origem destes profissionais no Brasil, um breve histórico da constituição desses profissionais ao longo da história das instituições museais no Brasil se faz necessário conhecer.

Identificados como educadores, mediadores, guias, monitores, entre outros nomes. São terminologias distintas, de profissionais que desempenham uma mesma função: educar. Segundo COSTA (2019), no que se refere à mediação:

Dentro deste campo, o fato de ter uma pessoa disponível, que consiga se inserir como agente que forma pontes entre o conhecimento científico e as pessoas, é essencial. Esta ponte, não necessariamente é estabelecida apenas dentro de um espaço museal, mas sim, em diversos outros tipos de atividades que tenham o objetivo de popularizar a ciência (COSTA, 2019. p. 28).

Ambas são as terminologias mais conhecidas que designadas aos profissionais que atuam nos museus atendendo ao público e mediando a visita dos mesmos pelos espaços da instituição.

Inúmeros são os verbos que podem designar e descrever a função dos educadores museais. Podemos destacar alguns, que melhor representam o papel do educador museal: apresentar, conduzir, divulgar, educar, ensinar, explicar, detalhar, informar, transpor, entre outros inúmeros verbos que representam as ações a qual os educadores são responsáveis em seu cotidiano de trabalho.

Guia, monitor, anfitrião, animador, explicador são algumas das denominações que esse profissional de museus recebe em diversos países, além de mediador. Considera-se que a existência dessas várias denominações está relacionada a diferentes concepções sobre o papel que um mediador de museus deve exercer (GOMES, CAZELLI, 2016, p. 26).

Seja qual for a denominação destes profissionais, é importante destacar que sua principal função e missão é a de popularizar a ciência para todos os públicos. Nesse tocante, o trabalho do mediador dentro de um museu não é algo simples e trivial, mas sim, é um trabalho que exige habilidades. Autores como: Carvalho (2012); Carlétti e Massarani (2015); Carlétti (2016); Gomes e Cazelli (2016). Reforçar em seus trabalhos que o papel dos mediadores em museus exige muitas habilidades, e não é uma ação de simplesmente transmitir um discurso e/ou apresentar um museu.

Isso demonstra que os mediadores são atores-chave dos museus, desempenhando uma importante função de serem pontes entre o conhecimento científico e o público.

No que diz respeito às funções exercidas pelos mediadores museais, além de mediar e guiarem grupos de visita, os mesmos também desempenham as funções de: comunicação (redes sociais); proposição de ações educativas; curadoria e montagem de exposições; organização e catalogação de acervos museológicos; exercício de conhecimentos básicos em informática. Percebe-se que a função destes profissionais vai muito além do que lidar com o público.

Moraes et al. (2007, p. 56), afirma:

[...] mediar não é informar e fornecer respostas aos visitantes, mas promover diálogos que possibilitem a todos avançarem naquilo que já conhecem. Correspondendo a uma ampliação do diálogo dos visitantes com os experimentos expostos por meio do desafio e da problematização.

Nesse sentido, o autor defende que mediar não é simplesmente apresentar um espaço, e/ou transmitir um conteúdo de forma engessada. O ato de mediar é mais complexo, exige do profissional a troca, o diálogo e a problematização. Para que assim, a visita torne-se dinâmica e construtiva.

Nesse tocante, Costa (2005) defende que a mediação não é uma tarefa simples, pois o mediador necessita de:

[...] conhecimento científico profundo e confiança para desafiar o visitante a expor suas ideias para, então, construir a partir delas; requer uma familiaridade suficiente com a ciência e tecnologia para ser capaz de ‘esquecer’ as equações e as formulações padronizadas e conversar sobre ciência com o visitante – em vez de tentar ensinar ciência (COSTA, 2005, p.31).

Através destes apontamentos, nota-se que os autores reforçam a necessidade de formação e de uma profissionalização destes profissionais, pois indicam ser importante que tenham subsídios teóricos e práticos para atuarem como mediadores.

Para tanto, a profissionalização e a valorização destes profissionais são fundamentais. Visto que, muitos deles não possuem uma qualificação profissional voltada para a área e nem participam de capacitações/formações com frequência.

No que tange a profissionalização destes profissionais, a Política Nacional de Educação Museal (PNEM) aponta algumas diretrizes voltadas para os profissionais, sua formação e pesquisa, entre elas destaca-se:

Valorizar o profissional da educação museal, incentivando a formalização da profissão, o estabelecimento de planos de carreira, a realização de concursos públicos e a criação de parâmetros nacionais para a equiparação da remuneração nas várias regiões do país (IBRAM, 2017, p. 6).

Essa necessidade da valorização profissional, além de ser uma meta do PNE, é também uma emergência apontada por outros autores, como: Rodari e Merzagora (2007), Gomes e Cazelli (2016), Carlétti (2016), Costa (2019), Massarani (2021; 2022), entre outros autores.

Por este motivo, reforça-se a importância da ampliação dos estudos e pesquisas voltadas para se conhecer o perfil e a atuação dos profissionais de museus, além da emergência na valorização, e da promoção de melhorias na oferta de qualificações e capacitações voltadas para os profissionais de museus.

3.3 EDUCADORES MUSEAIS NO BRASIL: BREVE HISTÓRICO

Segundo Janjacom (2018), foi em 1920 com a criação do Museu de História Natural (MHN), que o primeiro curso técnico de museus foi realizado no país, com o objetivo de se estudar as coleções históricas e científicas presentes no acervo do Museu de História Nacional.

Conforme Zen (2015), este curso não foi voltado para formar os profissionais para o desenvolvimento de processos educativos, pois o objetivo era o de realizar estudos e treinamentos somente para os profissionais atuarem internamente no museu.

Foi em 1922, a partir do Decreto nº 15.596 de 2 agosto de 1922 que ocorreu o primeiro curso de museologia do Brasil. Esse curso foi um marco na formação de funcionários de museus (JANJACOMO, 2018).

Segundo Sá (2007), a realização do Curso de Museus em 1922, idealizado por Gustavo Barroso, foi o principal marco no desenvolvimento da Museologia no Brasil.

Nos anos seguintes, o Curso de Museus do Museu de História Natural foi destacando-se com a preocupação das instituições museais, principalmente no que diz respeito aos acervos e materiais expostos presentes nessa instituição. O enfoque nas questões educacionais ainda estava em segundo plano, sendo o objetivo central do curso o de preparar os funcionários para atuar nas funções de organização e administração do museu.

Conforme sinaliza o Decreto nº 16.078, de 13 de julho (BRASIL, 1944):

O Curso de Museus a que se refere o art. 8.º do Decreto-lei n.º 6.689, de 13 de julho de 1944 tem por finalidade: a) preparar pessoal habilitado a exercer as funções de conservador de museus históricos e artísticos ou de instituições análogas; b) transmitir conhecimentos especializados sobre assuntos históricos e artísticos, ligados às atividades dos museus mantidos pelo Governo Federal; c) incentivar o interesse pelo estudo da História do Brasil e da arte nacional (BRASIL, 1944, s./p.).

Com o passar dos anos, os estudos voltados para a área da museologia foram ganhando força e espaço no universo dos cursos de Graduação e Pós-graduação no Brasil.

No que diz respeito à formação destes profissionais. Segundo (Carletti, 2016) em geral, no Brasil, os mediadores apresentam o perfil de terem concluído o ensino médio e/ou estarem cursando o ensino superior. Destaca-se também que a atuação dos mesmos é muitas vezes temporária, e que sua remuneração é proveniente de bolsa de estudos.

No Brasil, as opções e ofertas de cursos, capacitações e pós-graduação ofertados são escassos. Dentre os cursos de graduação e pós-graduação *Stricto Sensu* no Brasil, destacam-se os cursos de Museologia da UNIRIO, UFBA e da UFRGS.

Quadro 02. Principais Programas e cursos de pós-graduação na subárea de Museologia no Brasil.

Programa	Instituição	Ano de início
Museologia e Patrimônio	Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro	2006
Museologia	Universidade de São Paulo	2012
Museologia	Universidade Federal da Bahia	2013
Preservação de Acervos de Ciência e Tecnologia	Museu de Astronomia e Ciências Afins	2015
Artes, Patrimônio e Museologia	Fundação Universidade Federal do Piauí	2015
Museologia e Patrimônio	Universidade Federal do Rio Grande do Sul	2017

Fonte: autora (2023).

Estes programas que se destacam no Brasil estão centrados no eixo Sul-Sudeste-Nordeste. Pode-se inferir que essa característica se deve ao maior quantitativo de museus presentes nessas regiões, resultando em um maior número de interesse na formação de profissionais capacitados para atuar e/ou pesquisa nessas instituições.

Já as instituições públicas que oferecem o curso de Graduação em Museologia destacam-se: Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio); Universidade Federal da Bahia (UFBA); Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG); Universidade Federal de Brasília (UnB); Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e Universidade Federal de Pelotas (UFPel).

A ascensão da oferta de cursos de graduação em Museologia, em instituições particulares no formato à distância- EAD também é evidenciada no campo de formação de educadores museais. Entretanto, não se sabe sobre a qualidade destes cursos, o que torna necessário a realização de pesquisas mais aprofundadas nessa área. Após uma busca simples no Google, através do descritor “*Cursos de museologia no Brasil*”, algumas instituições destacaram-se nos resultados como: Claretiano; Estácio e Uniasselvi, entre outras instituições.

Dando um adendo nas opções de cursos livres oferecidos para profissionais de museus ou área afins, de forma presencial e/ou online, alguns deles gratuitos, pode-se destacar: Curso do MASP escola; Cursos Livres - COC/Fiocruz; Cursos MIS; Museus e Patrimônio - Curso – LÚMINA; Formação - Museu de Arte do Rio – MAR; Educação em Museus e Contextos Não Escolares - Senac EAD; Plataforma da Escola Virtual do Governo (EVG); Cursos – Programa Saber Museu; plataforma coursera.org. Entre outras opções de cursos encontrados a partir de buscas simples no Google.

3.4 RESULTADOS: O QUE APONTAM AS PESQUISAS

Dos 12 trabalhos selecionados, 5 deles eram artigos, 6 dissertações e 1 tese. Ambos foram selecionados pelo motivo de se aproximarem das discussões que se pretendeu estabelecer a observação das atividades realizadas pelos mediadores (Estudo de Caso), além da realização de entrevistas e/ou aplicação de questionários.

Vejamos agora algumas reflexões e discussões geradas a partir das análises realizadas. Lembrando que as análises foram realizadas, a partir da leitura dos resumos, da metodologia e dos resultados dos trabalhos.

Quadro 03. Identificação dos trabalhos selecionados.

Código	Tipo	Publicação	Ano	Autoria e Título
T01	Dissertação	Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)	2018	JANJACOMO, JONATHAN PIRES. Processos formativos, mediação e diferentes fazeres em centros e museus de ciências: o caso da Escola da Ciência–Física em Vitória/ES. 2018. Tese de Doutorado. Dissertação de Mestrado). Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, Brasil.
T02	Dissertação	Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira - Universidade Federal do Ceará (UFC).	2018	SILVA, Maria Cleidiane Barbosa da. O museu de ciência como cenário da formação docente: saberes e concepções de licenciandos mediadores do Museu Seara da Ciência - UFC. 2018. 117f. - Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira, Fortaleza (CE), 2018.
T03	Dissertação	Programa de Pós-Graduação em Hotelaria e Turismo da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).	2019	DANIEL, Gustavo Henrique Pereira. Arte/educação no paço do frevo (Recife/PE): o papel do educador de museu na construção da experiência turística. 2019. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco.
T04	Dissertação	Programa de Pós-Graduação Interunidades em Museologia da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Museologia.	2019	EMERICH, Denyse. Formação de educadores de museus para exposições antropológicas: perspectivas contemporâneas e descolonização. 2019. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.
T05	Artigo	Revista Ciência & Educação (Bauru)	2019	ROLDI, Maria Margareth Cancian; SILVA, Mirian do Amaral Jonis; CAMPOS, Carlos Roberto Pires. Diálogo com mediadores de Museus de Ciência. Ciência & Educação (Bauru), v. 25, p. 983-998, 2019.
T06	Dissertação	Instituto Oswaldo Cruz Programa de Pós-Graduação em Ensino em Biociências e Saúde (PGEBS)	2019	ELYSIO, Mariana de Souza et al. Jovens e museus de ciências: atuar como mediador no Museu da Vida pode influenciar sua formação pessoal e profissional? 2019. Tese de Doutorado.
T07	Dissertação	Universidade Federal da Bahia / Repositório Institucional da UFBA	2020	ROCHA, Micheli Ferreira Fonseca. Educação museal em um museu universitário: a teia de relações NORBERTO ROCHA, Jessica; MARANDINO, Martha. O papel e os desafios dos mediadores em quatro experiências de museus e centros de ciências itinerantes brasileiros. Journal of Science Communication,

				América Latina, v. 3, n. 2, p. A08, 2020. entre os animais peçonhentos, os mediadores e o público. 2020.
T08	Tese	Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP).	2021	SHIMIZU, Carina Kotani. Mediação informacional e cultural em museus e exposições: reflexões sobre teoria e prática pela visão dos profissionais de mediação. 2021. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.
T09	Artigo	Revista Museologia e Patrimônio	2021	MASSARANI, Luisa et al. Mediadores de centros e museus de ciência: um estudo sobre os profissionais que atuam na América Latina. Museologia e Patrimônio-Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio–Unirio, v. 14, n. 1, 2021.
T10	Artigo	Revista ACTIO: Docência em Ciências	2022	MASSARANI, Luisa et al. Mediadores em museus de ciência: um estudo sobre profissionais que atuam no Brasil. ACTIO: Docência em Ciências, v. 7, n. 1, p. 1-19, 2022.
T11	Artigo	Revista Ciências & Ideias	2022	DE OLIVEIRA, Suellen; VITIELLO, Pedro; SILVA, Robson Coutinho. PERCEPÇÕES DE FUTUROS MEDIADORES SOBRE A EDUCAÇÃO SEXUAL NOS MUSEUS DE CIÊNCIAS. Revista Ciências & Ideias ISSN: 2176-1477, v. 12, n. 4, p. 99-117, 2022.
T12	Artigo	Revista Tear	2022	DE SOUZA, Tamires Cristina; DE SOUSA SATO, Matheus. O mediador de museus e centros de ciência: uma análise da produção dos encontros nacionais de pesquisa em educação em ciências (2011-2019). # Tear: Revista de Educação, Ciência e Tecnologia, v. 11, n. 1, 2022.

Fonte: a autora (2023).

Nota-se, que todas as pesquisas selecionadas versam sobre formação de educadores museais, sendo eles coordenadores e/ou mediadores. No que diz respeito à formação profissional, a grande maioria é bolsista e/ou está cursando a graduação, mas alguns mediadores com formação em nível de pós-graduação também participaram de alguns trabalhos. Vejamos agora o perfil dos educadores que participaram das pesquisas:

Quadro 04. Informações sobre os mediadores participantes.

Código do Trabalho	Nomeação	Quantidade	Escolaridade	Área de Formação
T01	Mediadores	07	Ensino Superior Incompleto	Física; Química e Ciências Biológicas
T02	Mediadores	06	Ensino Superior Incompleto	Licenciandos dos cursos de Química, Física e Ciências Biológicas
T03	Educadores	10	Ensino Superior Incompleto	História; Geografia; Letras; Educação Física; Turismo.
T04	Educadores	06	Ensino Superior Incompleto e Completo.	Artes visuais; História e Psicologia.
T05	Mediadores	05	Ensino médio, Ensino Superior Incompleto e Completo	Ensino médio; Ciências biológicas; Engenharia Ambiental e Letras.
T06	Mediadores	63	Ensino médio, Ensino Superior Incompleto e Completo, Pós-graduação (Especialização, Mestrado e/ou doutorado).	Áreas de formação: Ciências Exatas e da Terra; Ciências Biológicas; Ciências Sociais Aplicadas; Ciências Humanas; Linguística; Letras e Artes; Outras.
T07	Mediadores	06	Ensino Superior Incompleto e Completo.	Bacharel em Ciências Biológicas; Licenciatura em Ciências Biológicas.
T08	Mediadores	86	Ensino superior Incompleto, Ensino superior Completo, Pós-graduação (Especialização, Mestrado e/ou doutorado).	Museologia; Artes (cênicas, plásticas); Licenciatura em Ciências biológicas; Educação/ Pedagogia; História; Administração; Arqueologia; Design; Direito; Física; Geografia; Gestão Cultural e Saneamento Ambiental.
T09	Mediadores	780	Ensino Fundamental, Ensino médio, Curso Técnico ou tecnólogo, Ensino superior completo, pós-graduação, Mestrado e Doutorado	Não informado.
T10	Mediadores	298	Ensino Fundamental,	Não informado.

			Ensino médio, Curso Técnico ou tecnólogo, Ensino superior completo, pós-graduação, Mestrado e Doutorado	
T11	Mediadores (Futuros)	52	Ensino médio, Ensino superior incompleto ou e completo	Ciência Ambiental; Ciências Biológicas; Ciências Sociais; Engenharia; Filosofia; Física; Gastronomia; Geografia; Jornalismo; Pedagogia; Psicopedagogia; Publicidade e propaganda; Química; Turismo; não informado;
T12	Mediadores	Não consta (Revisão de literatura)	Ensino Superior completo e incompleto e pós-graduação	Não consta (Revisão de Literatura)

Quanto à nomeação destes profissionais fica evidente nos textos analisados, a ampla variedade existente. De acordo com Massarani e Almeida (2008) e Gomes e Cazelli (2016), dentre as denominações dadas aos profissionais que atuam em museus pôde-se destacar: guia, monitor, mediador, facilitador, educador, animador, explicador e anfitrião, entre outros termos.

Nesses trabalhos analisados observou-se a predominância da terminologia de Mediador (10 trabalhos), e a de Educador (2 trabalhos).

Tecendo agora comentários, a respeito dos locais (instituições museais) onde foram realizadas as pesquisas, os dados revelam locais bem diversificados. Algumas pesquisas foram realizadas em museus, centros de ciências, museus itinerantes de ciências, museus de artes e museus de história natural.

Outra reflexão pertinente de se destacar diz respeito à diversidade de questões de pesquisa na presente revisão de literatura. Chama atenção que em nenhum dos trabalhos, as questões e/ou questionamentos dos trabalhos analisados, dizem respeito a temática de Educação Ambiental e/ou visam investigar as concepções dos mediadores

de museus a respeito de temáticas relacionadas à Educação Ambiental e/ou Interdisciplinaridade.

Ressalta-se que, mesmo que essa amostra de dados seja muito pequena, a falta da temática pode indicar o não interesse e/ou dificuldade dos pesquisadores em investigar as concepções dos educadores museais a respeito da EA. Isto amplia a necessidade e as possibilidades de realização de investigações até então inéditas na área.

3.5 CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE O PERFIL E OS SABERES DOS PROFISSIONAIS DOS MUSEUS DE ACORDO COM A INVESTIGAÇÃO BIBLIOGRÁFICA

Todos os trabalhos selecionados atenderam aos objetivos da questão de pesquisa. E apresentaram riquíssimas informações sobre o perfil de formação, os saberes acadêmicos e profissionais. Além de retratar que a rotina apresenta uma série de dificuldades da profissão de mediador e/ou educador de museus.

Os trabalhos apresentaram em comum em seus estudos, o mesmo perfil de formação dos mediadores: eles estão cursando uma graduação e possuem vínculo com os museus e/ou centro de ciências, como bolsistas, estagiários e/ou voluntários.

No trabalho (T01) o estudo realizado por Janjacom (2018) teve como objetivo compreender os processos formativos de mediadores de um centro de ciência, a Escola da Ciência – Física no município de Vitória/ES. Investigando os saberes e fazeres destes profissionais.

Para tanto, o autor do T01 utilizou a metodologia de estudo de caso. Participaram da pesquisa sete mediadores, sendo seis homens e uma mulher, com idade entre 18 e 24 anos. Como resultados desse trabalho, o perfil dos mediadores identificado foi o de estudantes de licenciatura, todos do curso de física, sendo bolsistas e/ou voluntários. Ou seja, eram mantidos financeiramente por bolsas de estudos, mais especificamente pelo Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID). No decorrer da pesquisa, muitos deles inclusive, deixaram de ser mediadores do centro de ciências, com a justificativa de terem encontrado um emprego mais rentável financeiramente.

No que diz respeito aos saberes construídos ao longo da prática como mediadores. A grande maioria dos participantes da pesquisa alegaram terem iniciado a prática como mediadores, a partir de observações e de experiências prévias advindas de mediadores veteranos, que os auxiliaram no início das recepções de visitantes. Ou seja, os aprendizados foram construídos na prática, ao longo das experiências vivenciadas no museu. Além de utilizarem os aprendizados acadêmicos, advindos das disciplinas do curso de licenciatura em Física. Visto que, a grande maioria das explicações ao longo da condução dos visitantes eram voltadas para experimentos físicos (JANJACOMO, 2018).

A partir de suas análises, Janjacom (2018) destacou que parte importante do processo de formação de mediadores se dá na participação em encontros específicos da área, tais como: congressos, seminários e reuniões. Mas estes eventos são muitas vezes insuficientes e escassos na área de museus.

Como resultados, o autor de T01 destaca que, a não profissionalização dos educadores museais, é ocasionada por uma falta de formação na área, falta de boas condições de trabalho, má remuneração, dentre outros fatores. Por fim, o autor destaca que é preciso ampliar as ações formativas voltadas para os mediadores dos museus.

Partindo desses apontamentos iniciais levantados pelo autor do T01, a profissionalização dos educadores museais está impactada pela função temporária que exercem, e pelo fato de que quando são remunerados, isto ocorre por meio de bolsas de estudos.

Essa problemática também é destacada por Rodari e Merzagora (2007), que afirmam: “a maioria dos mediadores exerce a atividade como um trabalho temporário, em período parcial, enquanto completa seus estudos ou procura outro emprego” (Rodari; Merzagora, 2007, p. 14).

Evidencia-se a necessidade do incentivo à profissionalização dos educadores museais, que está na Política Nacional de Educação Museal – PNEM (BRASIL, 2017), cujo o eixo II, é dedicado exclusivamente às recomendações voltadas para os profissionais, formação e pesquisa:

1. Promover o profissional de educação museal, incentivando o investimento na formação específica e continuada de profissionais que atuam no campo;
- 2 Reconhecer entre as atribuições do educador museal: a atuação na elaboração participativa do Programa Educativo Cultural; a realização de pesquisas e diagnósticos de sua competência; a implementação dos programas, projetos e ações educativas; a realização do registro, da sistematização e da avaliação

dos mesmos; e promover a formação integral dos indivíduos; 3 Fortalecer o papel do profissional de educação museal, estabelecendo suas atribuições no Programa Educativo e Cultural em conformidade com a Política Nacional de Educação Museal; 4 Valorizar o profissional da educação museal, incentivando a formalização da profissão, o estabelecimento de planos de carreira, a realização de concursos públicos e a criação de parâmetros nacionais para a equiparação da remuneração nas várias regiões do país (BRASIL, 2017, p 3).

Dando continuidade às análises, no trabalho (T02), Silva (2018) objetivou identificar as contribuições do museu Seara da Ciência no Ceará (UFC), na formação docente de licenciandos da área de ciências da natureza. Para tanto, a autora utilizou a metodologia de estudo de caso. Participaram da pesquisa seis licenciandos, sendo dois dos cursos de física, dois do curso de química e dois dos cursos de ciências biológicas.

Quanto ao perfil dos mediadores, no que diz respeito ao gênero, três dos participantes eram homens e as outras três mulheres. E quanto ao perfil profissional, o vínculo que estes mediadores possuíam com o museu era através de bolsa de estudos. Alguns deles recebiam bolsa de extensão, ou eram alunos de iniciação científica e/ou eram voluntários (SILVA, 2018).

Quanto à análise dos resultados, a autora utilizou-se de categorias de análise, para melhor questionar os participantes e analisar os dados. As categorias utilizadas foram: saberes da formação profissional; saberes disciplinares; saberes curriculares e saberes experienciais.

Como resultado, foi observado que sobre a perspectiva da formação docente, o papel de mediador no museu possibilita que os mesmos construam suas formações em conceitos voltados para educação, ciência e divulgação científica. Além disso, observou-se também que os órgãos administradores das bolsas de extensão e iniciação científica interferem e influenciam na formação destes docentes.

Outra reflexão importante presente no trabalho T02, que também foi levantada em outros trabalhos, indica que os próprios mediadores não possuem um consenso ao se auto identificarem, visto que, ao serem entrevistados, a respeito de como se denominavam, os resultados foram bem diversificados. Dentre eles destacam-se: a denominação de monitor, guia ou bolsista (SILVA, 2018).

Essa indefinição também foi analisada por Marandino (2008) que destacou a dificuldade em caracterizar os profissionais que atuam nos museus, o que está

diretamente relacionada com a diversidade de atividades e/ou programações oferecidas nos museus. E essa diversidade define as ações que serão realizadas pelos profissionais, por este motivo sua denominação pode ser tão diversificada.

O trabalho (T03) analisou o papel do educador de museu na construção da experiência turística no Museu Paço do Frevo (Recife/ PE). Para tanto foram realizadas entrevistas com dez educadores, sendo cinco homens e cinco mulheres. O perfil de formação dos participantes da pesquisa foi bem diversificado, sendo que seis deles eram formados em história, um em geografia, um em letras, um em educação física, e um em turismo (DANIEL, 2019).

O T03 se difere dos demais trabalhos pois objetivou investigar não só os mediadores, mas também o olhar dos turistas, a respeito da importância dos mediadores ao longo da condução dos visitantes. Para investigar o olhar do turista ao longo da mediação, alguns turistas deram depoimentos no final da visita. Os mesmos se mostraram muito satisfeitos, além de demonstrarem o desejo de regressar ao museu, de indicar a visita para outras pessoas, além de interagirem com os educadores, seja através de questionamentos, trocas de conhecimentos, elogios e críticas.

Ao longo das reflexões levantadas nos resultados do T03, uma importante necessidade formativa foi levantada. Quando entrevistada, a gestora do museu destacou a importância da realização de capacitações periódicas com os educadores visando realizar reciclagens e estudos periódicos. As formações eram realizadas uma vez por mês, em dois momentos distintos: um voltado para o processo educativo (temas e ações específicas) e outro voltado para o bem estar dos funcionários, inclusive, eles mesmos sugerem as temáticas de interesse (Daniel, 2019).

O trabalho (T04) apresenta uma proposta de pesquisa com o objetivo de refletir sobre a formação recebida pelos educadores que atuam em uma exposição. Para tanto, o ponto de partida foi a análise de uma formação oferecida para a equipe de educadores da Mostra do Redescobrimento – Brasil + 500, ocorrida em 2000, centrando-se no módulo Artes Indígenas (Emerich, 2019).

Como instrumento de coleta de dados, uma entrevista foi realizada com seis educadores que participaram do atendimento ao público no módulo Artes Indígenas. Como resultados, a pesquisa conseguiu levantar importantes informações a respeito do trabalho do educador de museus, conseguindo detalhar as etapas de preparação, seleção

e formação destes profissionais. Os profissionais detalham, por exemplo, que durante a preparação de uma exposição, os mesmos, desenvolviam e preparavam os roteiros das visitas, as estratégias de atendimento, selecionavam os materiais de apoio, e definiam as atividades educativas que seriam oferecidas ao público.

A autora Emerich (2019) destaca que os conhecimentos e aprendizados construídos ao longo da formação de educadores museais foram construídos de forma coletiva, em conjunto, através da interação entre os educadores. Além disso, os participantes da pesquisa relataram que participavam de cursos, oficinas e capacitações oferecidas na instituição museal a qual atuavam, e que nestas formações estudavam e discutiam teoricamente, vídeos e textos relacionados às temáticas das exposições que iriam organizar e expor na instituição.

No trabalho (T05), Roldi (2019) realizou um estudo com mediadores do Instituto Nacional da Mata Atlântica (INMA) no Espírito Santo, considerado um espaço não formal de educação. Para tanto, a autora utilizou-se da metodologia de estudo de casa, onde realizou observações, e entrevistas semiestruturadas.

Como resultados, participaram da pesquisa cinco mediadores. Cujo o perfil de formação era: Um recepcionista com formação do Ensino médio, um biólogo bacharel, um estudante de ciências biológicas licenciatura, um estudante de Engenharia Ambiental e um estudante do curso de Letras, sendo que três deles estão com o Ensino superior em andamento (Roldi, 2019).

No que diz respeito aos saberes dos mediadores as análises indicaram que as visitas ao INMA são orientadas através de um manual já existente. E assim que são contratados, os mediadores recebem este manual para estudo. Além disso, os mediadores iniciantes, acompanham por cerca de um mês as conduções de visitas por mediadores experientes. Após esse período, iniciam seu trabalho de forma autônoma (Roldi, 2019).

Como consideração final, a autora destacou que “O anseio por uma formação adequada ficou marcante durante as entrevistas, talvez reforçado pelo não entendimento do real papel de um mediador de museus.” (Roldi, 2019, p. 996).

Essa pesquisa retratou o quão necessária uma formação adequada destes profissionais, visto que, o ato de mediar e conduzir grupos de pessoas, não se dá apenas por uma reprodução automática e mecanizada de um manual de visita.

Queiroz (2013) reforça essa necessidade da promoção de uma melhoria na formação dos profissionais que atuam em museus, alegando que: “Se queremos modificar um conjunto de práticas dos mediadores de museus, solidificadas na ausência do diálogo, é necessário que nossos mediadores se formem para agirem dialogicamente com o público” (Queiroz, 2013, p. 151).

Por isso a emergência da reformulação da formação destes profissionais, com o oferecimento de capacitações que possibilitem aos mesmos estudos e aprimoramento de aportes teóricos e/ou metodológicos que os capacitem para a promoção de diálogos interdisciplinares.

No trabalho (T06), de Elysio (2019), realizado com jovens mediadores no Museu da Vida, um museu de ciências interativas localizado no Rio de Janeiro e vinculado à Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) se investigou em que medida a atuação de jovens como mediadores em museus de ciências pode influenciar em sua formação pessoal e profissional. Para tanto, a metodologia utilizada foi a de um estudo de caso e o instrumento de coleta de dados utilizado foi uma enquete online, que foi aplicada aos mediadores e ex-mediadores que atuaram no Museu entre 1999 e 2008.

Como resultados, a pesquisa contabilizou 63 respondentes, cerca de 55% afirmaram terem continuado sua formação acadêmica durante ou após terem atuado como mediador. E 45% declararam ter mudado de carreira após atuar como mediador, optando por dar áreas a educação não formal ou formal.

Isso evidencia que, mais da metade dos mediadores continuam dedicando seus estudos em áreas afins. Demonstrando que, o período de atuação como mediador influenciou na sua formação acadêmica e profissional.

Um dado bem expressivo dessa pesquisa foi a afirmação de que 97% dos mediadores, de que período de atuação como mediadores contribuíram de diferentes formas em suas vidas, inclusive como o aumento da confiança e autoestima na vida profissional como pessoal.

A pesquisa evidenciou ainda que a atuação como mediadores promoveu nos participantes a construção de um olhar crítico e reflexivo para com a ciência. Segundo a autora, ao perguntar sobre as concepções científicas dos participantes, os mesmos afirmaram que a atuação como mediadores contribuiu de forma positiva com a ampliação dos conhecimentos científicos, e os ajudaram a desmistificar e desconstruir conceitos científicos equivocados (Elycio, 2019).

O trabalho (T07) também se destaca pela contribuição com os estudos voltados para profissionais de museus. O trabalho (T07) promoveu diálogos com mediadores de um museu itinerante (Rocha, 2020) e a investigação foi realizada no Núcleo de Ofiologia e Animais Peçonhentos da Universidade Federal da Bahia (UFBA), e teve como objetivo investigar o potencial educativo de um museu itinerante, e as relações estabelecidas entre os animais peçonhentos, os mediadores e o público.

Segundo Rocha (2020), seis mediadores participaram da pesquisa, todos estagiários do NOAP/UFBA, sendo três homens e três mulheres, entre 20 e 26 anos. No que diz respeito à formação profissional dos mediadores: um possuía ensino superior completo (Ciências biológicas), e os outros cinco mediadores, eram estudantes de Licenciatura em Ciências Biológicas/UFBA. Observa-se que o perfil de formação profissional dos mediadores participantes da pesquisa, se assemelha muito com os resultados dos demais trabalhos analisados.

Neste trabalho, os mediadores levantaram alguns importantes questionamentos, a respeito das dificuldades da profissão de mediador de um museu itinerante. Pois os mesmos alegaram que o transporte, montagem e organização das exposições itinerantes era muitas vezes muito cansativo. Eles destacaram também que a própria logística limita os desempenhos de mediação dos mesmos, além de limitar também o tempo de atuação nos locais de realização das exposições. Os mediadores criticaram o fato de não participarem da concepção da exposição, apontando a falta de dialogicidade entre os setores (Rocha, 2020). A falta de capacitação profissional também foi comentada pelos participantes, que alegaram inclusive se sentiram inseguros e despreparados para dialogarem com o público.

Em consonância com essas discussões, Lira-da-Silva (2018) afirmou em seus estudos que existe uma dificuldade e carência de suporte teórico dos profissionais de

museus, em temáticas voltadas para dar-lhes subsídios durante ações de educação museal.

No trabalho (T08) realizado por Shimizu (2020), uma pesquisa foi realizada com o objetivo de levantar e analisar as percepções, estratégias e as práticas de mediação realizadas pelos profissionais e técnicos, principalmente da Rede de Educadores em Museus. Para tanto, um questionário foi aplicado aos respondentes.

Como resultados, foram obtidas 86 respostas, sendo a grande maioria de integrantes e/ou ex-integrantes da Rede de Educadores em Museus. Quanto ao perfil dos profissionais analisados, a pesquisa conseguiu abarcar diferentes regiões brasileiras, e teve como resultados uma grande variedade de formação acadêmicas dos profissionais de museus

Em relação à formação, os respondentes da pesquisa possuíam ensino superior, ou estavam cursando pós-graduação. Entre os cursos de formação destacaram-se: museologia, artes cênicas e plásticas, ciências biológicas, educação/pedagogia, história, administração, arqueologia, design, direito, física, geografia, gestão cultural e saneamento ambiental.

Outra questão importante realizada pela pesquisadora, propiciou o levantamento das funções exercidas pelos mediadores. Que variam entre: montagem de exposições, pesquisa e acervo, curadoria, comunicação, relacionamento institucional, captação de recursos, entre outras funções.

Segundo Shimizu (2020), a atuação profissional multitarefa tem como positivo promover nos profissionais uma visão multidisciplinar. Entretanto, a realização de muitas tarefas e funções pode acarretar na sobrecarga destes profissionais. Shimizu (2020) como os demais pesquisadores, refletiu sobre a fragilidade dos vínculos profissionais dos mediadores, visto que, a grande maioria atua nessa função de forma temporária.

Os trabalhos (T09) e (T10) são de Massarani (2021, 2022) respectivamente. Se caracterizam por serem trabalhos bem abrangentes, que contaram com a participação de uma quantidade bem expressiva de respondentes de diversos países. Ambos tiveram como objetivo conhecer os profissionais que atuam na mediação de museus.

No (T09), o objetivo foi conhecer os profissionais que atuam na mediação, em museus de ciência latino-americanos e os públicos. Para tanto, a pesquisa utilizou-se de uma enquete on-line como instrumento de coleta de dados (Massarani, 2021). Como resultados, foram obtidas as respostas de um total de 780 pessoas provenientes de 134 instituições distribuídas por 13 países latino-americanos. O perfil dos profissionais foi bem diversificado. No que diz respeito a idade, a média dos participantes apontou que os mesmos eram bem jovens, tendo em sua maioria entre 20 e 29 anos. A grande maioria havia concluído o ensino superior e atuavam a pouco tempo nos museus, em média dois anos, e a grande maioria trabalhavam por contrato temporário.

Em suas análises, Massarani (2021) apontou que a rotatividade dos profissionais de museus é um grande desafio a ser resolvido em prol da profissionalização destes. Os resultados também apontaram um avanço nas capacitações oferecidas a estes profissionais, pois 60% dos respondentes apontaram terem recebido alguma capacitação antes de iniciar suas atividades de mediação nos museus.

Em outra pesquisa, a (T10) Massarani (2022) apresentou os resultados de seu estudo com profissionais que atuam na mediação de museus e centros de ciências brasileiros. Para tanto, uma enquete on-line foi aplicada aos participantes da pesquisa. Como resultados, 298 participantes responderam à pesquisa, residentes em 16 estados e no Distrito Federal. A pesquisa apontou que o perfil de idade dos profissionais mediadores era entre 20 e 29 anos, e que a grande maioria pertencia a sexo feminino. Quanto à formação dos mesmos, a investigação apontou que a maioria tinha o ensino médio e/ou ensino superior completo, e no que diz respeito a experiência, a média foi de dois anos de atuação como mediadores. Massarani (2022) contribuiu para a visualização dos avanços e das carências vivenciadas no dia a dia dos profissionais de museus. No que diz respeito aos avanços, os resultados apontaram que a maioria dos mediadores já passaram por alguma capacitação na área, e isso contribui

Quanto às carências, a principal levantada na pesquisa foi a vulnerabilidade vivenciada pelos profissionais, visto que, seus vínculos empregatícios são instáveis e incertos, a grande maioria são mantidos por bolsas de estudos e extensão e/ou eram contratados de forma temporária. Segundo a Massarani (2022), isso indica a necessidade de se criar melhores condições de trabalho para estes profissionais que atuam nos museus, e que são fundamentais para a cultura e ciência do Brasil. Reforça-se que os mesmos precisam ser valorizados e reconhecidos, tamanha sua importância.

Os dois trabalhos de Massarani (2021, 2022) foram importantes para compreender o perfil de profissionais de museus para além do panorama brasileiro. Nessa perspectiva, contribuíram com a ampliação das investigações voltadas para os mediadores e/ou educadores de museus. Os resultados apontaram que o perfil destes profissionais (idade, formação, vínculo trabalhista) se assemelha muito com as pesquisas realizadas nos museus brasileiros. Apontando para a necessidade da valorização destes profissionais e da carência de formações e capacitações específicas voltadas para este público, independentemente de sua nacionalidade.

O trabalho (T11) de De Oliveira (2022), objetivou identificar as percepções dos mediadores acerca da educação sexual no contexto museal. Para tanto, um questionário foi aplicado aos futuros mediadores participantes de um “Curso de capacitação de mediadores para atuação em ambientes de ensino não formal do Espaço Ciência Viva”, realizados em 2019 e 2020.

Como resultados, 52 pessoas participaram, sendo a maioria do sexo feminino 41 e apenas 11 do sexo masculino, que possuíam idade entre 18 e 60 anos. Em relação ao nível de formação, 2 participantes cursaram o ensino médio, 41 o ensino superior completo ou incompleto, e 9 pós-graduandos cursando ou concluído.

Em relação às áreas de formação dos participantes da pesquisa com graduação incompleta e/ou concluída, os cursos foram: Ciência Ambiental; Ciências Biológicas; Ciências Sociais; Engenharia; Filosofia; Física; Gastronomia; Geografia; Jornalismo; Pedagogia; Psicopedagogia; Publicidade e propaganda; Química e Turismo.

Como considerações finais, a autora destacou que a pesquisa contribuiu para a formação de mais educadores sexuais e, isso no futuro pode vir a refletir na ampliação das ações destinadas à educação sexual nos espaços de ensino formal e não formal (De Oliveira, 2022).

Em seu trabalho (T12), Souza (2022) objetivou realizar um mapeamento de trabalhos publicados nos Encontros Nacionais de Pesquisas em Educação em Ciências (ENPECs), entre 2011 a 2019. Além de analisar a qualidade dos trabalhos, a autora investigou o perfil dos mediadores de museus e centros de ciências, apresentados nos trabalhos. Para alcançar seus resultados, a autora realizou uma pesquisa qualitativa, de caráter bibliográfico. Os dados foram analisados a partir da técnica de análise de conteúdo.

Segundo a autora do (T12), os resultados apontam para um perfil diversificado de mediadores, mas que em sua maioria, são estudantes da graduação, com uma predominância de atuação em museus e centros de ciências da região sudeste (SOUZA, 2022).

As conclusões do trabalho (T12) também corroboram com os trabalhos anteriores, considerando que os saberes destes profissionais são construídos com elementos da educação formal (Universidade), e através da prática, sendo apoiados pelos mediadores mais experientes (Souza, 2022). Foi observado também que a grande maioria dos mediadores cursam alguma licenciatura, nessa perspectiva, o papel de mediador, também contribui positivamente na construção da formação dos mesmos, de futuros professores. Segundo a autora, a função de mediadores tem sido pouco pesquisada na literatura, apesar da importância e complexidade da função exercida pelos mediadores. Nota-se a falta de reconhecimento e empenho com o desenvolvimento de melhorias na formação destes profissionais.

De forma geral, vale apontar que, todos os trabalhos realizados objetivando traçar um perfil dos educadores de museus foram bem diversificados e obtiveram resultados bem expressivos na área. Quanto à formação acadêmica dos profissionais participantes de todos os trabalhos analisados, observou-se um padrão de profissionais multifacetados, notou-se a prevalência de cursos ligados às ciências naturais e ciências humanas. Com destaque aos cursos de Ciências Biológicas, e os cursos de licenciaturas. Isso se deve, provavelmente devido a tipologia dos museus participantes da pesquisa, que em sua grande maioria, eram museus de ciências e história natural e/ou centros de ciências.

Foi unânime em todos os trabalhos, as discussões voltadas para a falta de reconhecimento e valorização dos profissionais que atuam nos museus. Visto que, muitos deles apontaram que a relevância dos seus trabalhos muitas vezes não é reconhecida.

Em suma, a presente revisão de literatura possibilitou o reconhecimento do panorama atual das produções científicas voltadas para investigações do perfil dos educadores de museus e ainda evidenciou que as pesquisas voltadas para este público precisam ser ampliadas nas instituições museológicas brasileiras.

4. EDUCAÇÃO AMBIENTAL E INTERDISCIPLINARIDADE

O presente capítulo discorre sobre as principais definições da Educação Ambiental (EA) e apresenta um breve histórico da área, além de apresentar as principais correntes e/ou vertentes da EA existentes, bem como os diálogos entre a EA e a interdisciplinaridade, tendo como aporte alguns dos referenciais teóricos da área.

4.1 O QUE É EDUCAÇÃO AMBIENTAL: CONSIDERAÇÕES ETIMOLÓGICAS

As definições e reflexões voltadas para a EA apresentadas neste texto, advêm de conceituações de alguns importantes pesquisadores da área e também de documentos educacionais e legislativos que fazem parte das políticas de EA

De antemão, é importante questionarmos: O que é Educação Ambiental?

Para responder à pergunta, apresentamos agora as principais definições etimológicas a respeito da EA, pois para melhor entendermos a origem dessa palavra, é preciso analisar os elementos que a constituem, tornando possível explicar o significado da mesma.

Para iniciar, nada melhor do que recorrer à origem das palavras, ou seja, a etimologia da palavra Educação tem origem no latim *educare*, que significa trazer à luz a ideia, criar, nutrir, fazer crescer (Martins, 2005).

Já a palavra “Ambiental” advém do latim “*ambire*” que significa o que está à volta de determinado ser, que envolve, que rodeia (Coimbra, 2002).

No contexto ecológico, o ambiente se refere aos arredores de um organismo, incluindo as plantas, os animais e os micróbios com os quais interage (Ricklefs, 2003, p.480).

A união dessas duas palavras apresenta não apenas um significado, mas sim uma intencionalidade que foi construída historicamente pela qual o ser humano visa entender

o seu redor, e acima de mais nada, visa respeitá-lo. Significa que por meio da EA busca-se que o ser humano conheça e reconheça a importância do ambiente, entendendo que muitas vezes ele é mal utilizado, agredido, explorado e depredado.

A EA não apresenta apenas um objetivo educacional, pois a mesma não deve atender apenas ao objetivo de alertar os cidadãos a respeito das problemáticas ecológicas, visto que, a EA não pode ser reduzida a preocupação somente com o ambiente natural, mas sim, com todo seu entorno, incluindo as relações humanas inseridas no ambiente, envolvendo todas as dimensões que o englobam, sejam elas: culturais, econômicas, sociais e políticas, estéticas, éticas, etc..

Defende Reigota (2014) que:

(...) a educação ambiental deve ser entendida como educação política, no sentido de que ela reivindica e prepara os cidadãos e as cidadãs para exigir e construir uma sociedade com justiça social, cidadanias (nacional e planetária), autogestão e ética nas relações sociais e com a natureza (Reigota, 2014, p.14).

A obra *Identidades da Educação Ambiental Brasileira*, também destaca e reconhece a importância e as características da Educação Ambiental, ressaltando que a mesma é uma prática educativa necessária, diante da crise ambiental que o mundo vivencia (Brasil, 2004).

Educação Ambiental é um vocabulário composto por um substantivo e um adjetivo, que envolvem, respectivamente, o campo da Educação e o campo Ambiental. Enquanto o substantivo Educação confere a essência do vocábulo “Educação Ambiental”, definindo os próprios fazeres pedagógicos necessários a esta prática educativa, o adjetivo Ambiental anuncia o contexto desta prática educativa, ou seja, o enquadramento motivador da ação pedagógica (Brasil, 2004, p.7).

Dessa forma, faz-se necessário uma leitura crítica do termo “Educação Ambiental”, pois existem diferentes formas de desenvolvê-la, muitas vezes com maneiras particulares de modificá-la e caracterizá-la.

Segundo (BRASIL, 2004, p.7) Educação Ambiental portanto é o nome que historicamente se convencionou dar às práticas educativas relacionadas à questão ambiental”,E para podermos ampliar as definições e conceitos voltados para EA, algumas definições e reflexões de alguns dos principais autores da área, a respeito do termo EA se faz importante.

Para Loureiro (2004) a EA é dinâmica e múltipla, e surgiu para integrar a educação, um posicionamento ambiental que historicamente havia sido negligenciado ou esquecido. Segundo o autor:

Educação ambiental é uma perspectiva que se inscreve e se dinamiza na própria educação, formada nas relações estabelecidas entre as múltiplas tendências pedagógicas e do ambientalismo, que têm no “ambiente” e na “natureza” categorias centrais e identitárias. Neste posicionamento, a adjetivação “ambiental” se justifica tão somente à medida que serve para destacar dimensões “esquecidas” historicamente pelo fazer educativo, no que se refere ao entendimento da vida e da natureza, e para revelar ou denunciar as dicotomias da modernidade capitalista e do paradigma analítico-linear, não-dialético, que separa: atividade econômica, ou outra, da totalidade social; sociedade e natureza; mente e corpo; matéria e espírito, razão e emoção etc (Loureiro, 2004, p. 66).

Santos (1999) define que a Educação Ambiental é o processo educacional de estudos e aprendizagem dos problemas ambientais e suas interligações com o homem na busca de soluções que visem a preservação do meio ambiente (Santos, 1999 p. 101).

Dias (2000) destaca a importância de se trabalhar a EA criticamente, centrada nos valores e atitudes individuais e coletivas, pois:

A Educação Ambiental deve proporcionar aos cidadãos os conhecimentos científicos e tecnológicos e as qualidades morais necessárias que lhes permitam desempenhar um papel efetivo na preparação e no manejo de processos de desenvolvimento, que sejam compatíveis com a preservação do potencial produtivo, e dos valores estéticos do meio ambiente. (Dias, 2000, p.149).

No que tange às definições da legislação sobre a EA, a Lei nº9795/99 a define como:

Art. 1º Entendem-se por educação ambiental os processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade. (Brasil, 1999).

A mudança de valores e atitudes para com o meio ambiente também foi objeto de estudo de CARVALHO (1998), que utiliza em sua obra a terminologia “sujeito ecológico”. A autora defende a necessidade de se formar sujeitos críticos e conscientes, capazes de compreender o mundo em que vivem, e de agir nele de forma crítica.

Todos esses educadores ambientais nos revelam que a questão ambiental está diretamente ligada a forma como o ser humano se relaciona com o meio ambiente. Esta relação, desde os primórdios da humanidade foi se modificando, e tornando-se cada vez mais exploratória e abusiva, resultando assim, no crescimento das discussões voltadas para a necessidade de ações voltadas para conscientização humana a respeito da exploração do meio ambiente. Nessa perspectiva, é preciso educar para se respeitar. E foi pensando nessa necessidade de mudança que as discussões voltadas para a EA surgiram. Vejamos abaixo, um breve percurso histórico da EA.

4.2 HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL: UM BREVE PERCURSO

Dissertar sobre o histórico da Educação Ambiental foi de suma importância na construção desta monografia, pois permitiu entender como se deu sua proposição e construção, quais foram as discussões voltadas para a temática, quais os interesses, os objetivos de sua formação, as políticas públicas ambientais, as práticas educativas e as concepções a respeito dessa temática. É preciso entender: Quando ela surgiu? Como surgiu? Porque e para quem? Com a história podemos assim discutir seu sentido, sua necessidade e aplicabilidade, enfim para que ela existe, entre outras reflexões.

Inicialmente, é importante ressaltar que sempre existiu certa preocupação com o ambiente, mas a EA surgiu na metade do século passado, sendo importante datar exatamente quando a mesma surgiu, pois essa proposta advém de reivindicações sociais. É o que destaca Reigota (2009, p. 21):

Antes de apresentarmos alguns dos principais eventos que marcam essa história semioficial é necessário lembrar que, muito antes deles, pessoas e grupos, de forma discreta, mas muito ativa, já realizavam ações educativas e pedagógicas próximas do que se convencionou chamar de educação ambiental.

O autor reforça a importância de destacar os pequenos movimentos de pessoas que fazem a história, e fazem parte dela, pois, para Reigota: “mesmo que esses sujeitos sejam anônimos e desconhecidos de grande público” [eles são importantes para evidenciar que] “a história não é apenas um conjunto linear de datas, heróis e eventos.” (REIGOTA, 2009, p. 22).

Antes de falarmos dos eventos que marcaram o histórico da EA, é importante destacarmos que, o que impulsionou a existência da Educação Ambiental, foram as problemáticas ambientais, foram os desastres, os impactos, e acidentes, além da projeção a respeito do esgotamento dos recursos naturais, que começaram a ser vistos como finitos e escassos, devido os hábitos consumistas do sistema capitalista e o crescimento exponencial da população humana neste contexto.

Nos primórdios da chamada civilização humana, o ser humano apresentava uma relação mais harmoniosa com a natureza, pois explorava os recursos naturais para o um consumo, sem exageros e desperdícios (Kruger, 2001). Segundo a autora, ao longo da história, com o passar dos anos e a partir da Revolução Industrial o ser humano começou a explorar de forma mais ampla a natureza e conseqüentemente modificá-la de maneira progressiva.

Com o passar dos anos, o advento da revolução industrial, da tecnologia, do sistema capitalista, do consumismo e da ascensão exponencial da população mundial, resultou em uma drástica mudança das relações entre o homem e o ambiente. A relação passa a ser exploratória, acarretando o esgotamento e a degradação de muitos recursos e um grave desequilíbrio ambiental. Inicia-se assim, uma crise ambiental global.

Dentre os exemplos de grandes impactos ambientais que marcaram a história da humanidade, podemos destacar:

A explosão das Bombas de Hiroshima e Nagasaki (1945), Doença de Minamata (1954), Nuvem de Dioxina (1976), Three Mile Island (1979), Vazamento em Bhopal (1984), Explosão de Chernobyl (1986), Navio Exxon Valdez (1989), Queima de petróleo no Golfo Pérsico (1991), Usina Nuclear de Tokaimura (1999), Navio Prestige (2002), entre outros grandes desastres ambientais ocorridos no mundo (COSTA, 2016; CHAVES, 2017).

No Brasil, alguns acontecimentos também resultaram em danos ambientais, como: Vale da Morte (1980), Vila Socó (1984), Césio 137 (1987), Vazamento de óleo na Baía de Guanabara (2000), Vazamento de barragem em Cataguases (2003), Rompimento de barragem em Miráí (2007), Vazamento de óleo na Bacia de Campos (2011), Incêndio na Ultracargo (2015), Rompimento da barragem de Mariana (2015).

É importante pontuar também, a valiosa contribuição realizada em 1962, que impulsionou as discussões e reflexões a respeito das problemáticas ambientais, que é a obra intitulada “Primavera Silenciosa”, escrita por Rachel Carson que marcou presença no movimento ambientalista, pois trouxe ao público o resultado de um estudo sobre os impactos da contaminação de pesticidas ao meio ambiente, bem como discussões a respeito da extinção de algumas espécies de animais.

Com isso vemos que a Educação Ambiental, tal como foi discutida mundialmente e no Brasil, é, portanto, uma terminologia recente, datada oficialmente de meados da década de 1960, do século XX. Sua construção histórica resulta das diversas reuniões, conferências, e pressões de movimentos sociais composto principalmente por pessoas preocupadas com as problemáticas ambientais.

Os inúmeros eventos realizados em diversos países possibilitaram a legitimação e a difusão das discussões voltadas para a educação ambiental internacionalmente. O primeiro evento que utilizou a expressão “Educação Ambiental” ocorreu em 1965, quando foi realizada a Conferência de Educação da Universidade de Keele, na Grã-Bretanha

Em 1968, o Clube de Roma foi fundado, com o objetivo de promover discussões voltadas para a crise na humanidade, crescimento populacional, consumismo e a necessidade da preservação dos recursos não renováveis.

Em 1972, foi publicado o relatório sobre “Os limites do Crescimento”. O mesmo foi resultado das reuniões do Clube de Roma. No mesmo ano, a Conferência de Estocolmo, na Suécia. Neste evento, discussões voltadas para as relações entre o Desenvolvimento e o Ambiente foram realizadas. Nessa conferência, já se falava na necessidade do uso sustentável dos recursos da Terra, sendo definida como uma meta a ser atingida por todos. Para tanto foi concebido o Plano de Ação Mundial, com diretrizes para criação de um Programa Internacional de Educação Ambiental.

A Conferência de Estocolmo (1972) foi de suma importância para as discussões voltadas para as questões ambientais internacionalmente, e pela primeira vez, a EA foi discutida como uma peça chave essencial para solucionar a crise ambiental.

Em 1975, a UNESCO em colaboração com o Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA), atendendo a recomendação da Conferência de Estocolmo, criou o Programa Internacional de Educação Ambiental (PIEA).

Outro importante evento ocorreu em 1977 sendo chamado de Conferência de Tbilisi. A mesma foi realizada na Geórgia com o objetivo de estabelecer os princípios orientadores da EA. O evento reforçou o caráter interdisciplinar, crítico, ético e transformador da EA.

Em 1987 foi promovido pela UNESCO o Congresso Internacional sobre Educação e Formação Relativa ao Meio Ambiente, em Moscou. Ao final um documento foi gerado, ressaltando a necessidade da formação de recursos humanos nas áreas formais e não formais da EA, e na inclusão das discussões a respeito da dimensão ambiental nos currículos de todos os níveis de ensino (PEDRINI, 1998).

Em 1992 foi realizada a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento, conhecida como a Conferência Rio-92 ou ECO-92, realizada no Rio de Janeiro no Brasil. A mesma teve como objetivos, discutir sobre os impactos da globalização no meio ambiente, bem como promover discussões sobre os problemas ambientais globais, e a necessidade do desenvolvimento sustentável. Ao final um documento foi gerado, a Agenda 21, que apresentava um plano de ação para a promoção de um desenvolvimento sustentável.

No ano de 2002 foi realizado o Encontro da Terra em Johannesburgo, na África do Sul. Este evento teve como finalidade avaliar as decisões, metas e objetivos traçados na ECO-92. Por este motivo, este evento também é conhecido como Rio+10.

Para facilitar a exposição da ordem cronológica dos acontecimentos. O quadro 1, a seguir, apresenta os principais momentos históricos da EA associados à natureza dos eventos e o enfoque dos mesmos.

Quadro 05. Principais marcos históricos da Educação Ambiental.

Ano	Local	Nome	Enfoque
1965	Universidade de Keele, na Grã-Bretanha.	Conferência para educadores	<ul style="list-style-type: none"> • Considerado o primeiro evento a mencionar o tema “Educação Ambiental”.
1968		Clube de Roma	<ul style="list-style-type: none"> • Discutir a crise na humanidade; • Controle do crescimento populacional; • Diminuição do consumo –mudança na mentalidade das pessoas; • Preservação dos recursos não renováveis; • Relatório: Limites do Crescimento (1978).
1972	Estocolmo (Suécia)	I Conferência das Nações Unidas Sobre o Ambiente Humano.	<ul style="list-style-type: none"> • Poluição industrial; • Educar para a solução de problemas ambientais –EA.
1975	Iugoslávia	Encontro de Belgrado	<ul style="list-style-type: none"> • Princípios E Orientações Para Programas de E.A.; • Carta de Belgrado preconiza uma nova ética global; • Sugere questionamentos, discussões, mudanças.
1977	TBILISI (Geórgia -URSS)	I Conferência Intergovernmental Sobre Educação Ambiental	<ul style="list-style-type: none"> • Definição de conceitos, finalidades, objetivos, princípios e estratégias da E.A.; • Recomendação de ações.
1992	Rio de Janeiro	RIO 92 – Conferência da ONU sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento	<ul style="list-style-type: none"> • Discussões sobre as premissas de Tbilisi através da AGENDA 21, • Seção IV, Cap. 4, definiu as áreas de programas para E.A.; • Tratado de Educação Ambiental para sociedades sustentáveis e responsabilidade global
1997		Conferência Internacional M.A. e Sociedade	<ul style="list-style-type: none"> • Educação e Conscientização Pública para a Sustentabilidade
2002	Johannesburgo –África do Sul	Rio+10	<ul style="list-style-type: none"> • Cúpula Mundial do Desenvolvimento Sustentável, com a participação de 193 países. • Avaliar as mudanças globais ocorridas a partir da Rio 92

Fonte: a autora (2023).

Todos os eventos apresentaram, em comum, o objetivo de discutir os modelos de consumo da sociedade e os impactos negativos que causavam ao meio ambiente com ênfase à necessidade de uma EA. Sendo assim, discutia-se os riscos do esgotamento dos bens naturais para as gerações futuras, o que resultou em diversos questionamentos sobre os conceitos que envolviam o crescimento econômico e o progresso.

Essas calorosas e efervescentes discussões evidenciaram como os conflitos de interesses, as questões políticas, econômicas e sociais influenciavam fortemente nas questões ambientais. Com isto, questionavam sobre qual EA deveria ser desenvolvida, visto que, os mesmos alegavam que a preservação não poderia impedir o desenvolvimento econômico e social da sociedade. Na Rio 92, uma reflexão importante ocorreu em torno do debate sobre novas formas de desenvolvimento da sociedade, pois o chamado desenvolvimento sustentável não se mostrava coerente para barrar os processos de degradação social e ambiental, o que demandava novas formas de viver em sociedade, novas formas de produção da economia.

4.3 A EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO BRASIL

As discussões voltadas para EA no Brasil iniciaram-se timidamente nos anos 70, e ganharam força nos anos 80 do século XX, tendo como destaque principalmente os interesses políticos e as pressões dos movimentos sociais, por trás do desenvolvimento da mesma no Brasil (Dias, 2000).

É importante ressaltar que, nos anos 70 e 80 o Brasil já participava das reuniões e encontros internacionais, mas ainda não articulava ações e práticas no âmbito nacional. Ainda eram muito tímidas as ações locais, que aos poucos foram ganhando força e notoriedade. Isso aconteceu, principalmente devido ao conflito de interesses em que o Brasil passava, visto que, o status do Brasil de país em desenvolvimento, resultou em fortes investimentos governamentais ao setor industrial, além da intensa exploração e exportação de matérias-primas para as grandes potências mundiais, como os EUA.

Mas apesar desse conflito de interesses, entre o crescimento econômico, havia muitas preocupações com as questões ambientais, e o Brasil foi realizando importantes encontros, formulando documentos e criando leis a fim de garantir e assegurar a disseminação de ações e práticas voltadas para a EA no Brasil.

Alguns acontecimentos da EA no Brasil que se destacam historicamente merecem ser apresentados como:

Na década de 1980 nos debates para institucionalizar a EA surgiu a ideia de inserir a EA como disciplina no currículo do Ensino Fundamental, ideia que foi rechaçada ao longo dos debates, devido ao caráter interdisciplinar da mesma.

Em 1988, o Brasil instituiu um artigo específico na constituição federal brasileira, o qual determina que o poder público promova a EA em todos os níveis de ensino. Em 1991, uma portaria do MEC orienta que a EA deve permear todo o currículo nos diferentes níveis de modalidade e ensino. No ano de 1992, o Brasil sediou a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (CNUMAD) em prol do desenvolvimento de discussões voltadas para a EA.

Destaco o que a Constituição Federal (1988) dispõe sobre a EA em seu art. 225:

Art. 2º A educação ambiental é um componente essencial e permanente da educação nacional, devendo estar presente, de forma articulada, em todos os níveis e modalidades do processo educativo, em caráter formal e não-formal (Brasil, 1988).

A CNUMAD foi realizada no Rio de Janeiro, sendo conhecida como Rio-92 ou ECO 92, a mesma recebeu representantes políticos de diversos países do mundo, para discutirem as problemáticas ambientais acarretadas pela Globalização, além da necessidade de se discutir sobre a necessidade da promoção de um desenvolvimento sustentável. A conferência gerou a Agenda 21, um importante documento, elaborado pelos países participantes da RIO-92, cujo objetivo era o de promover o crescimento econômico de forma sustentável, através de estratégias, planos e políticas públicas voltadas para o meio ambiente, economia e sociedade.

Outras importantes conferências também foram realizadas no Brasil após a Rio-92, entre elas destacam-se: I Conferência Nacional de E.A. (1997) realizada em Brasília, que resultou na elaboração de um documento intitulado Declaração de Brasília, com sugestões de diretrizes políticas para a EA no Brasil. Já em 2004, foi realizado o Encontro Governamental Nacional sobre Políticas Públicas da E.A.

Dentre os documentos e políticas voltadas para a promoção da Educação Ambiental, destacam-se: Programa Nacional de E.A. –PRONEA (1994); Os Parâmetros Curriculares Nacionais–PCNs (1998); e a Política Nacional de Educação Ambiental (1999). Essa Lei 9.795 dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências.

Nesse tocante, destaca-se que todas as reuniões, encontros e propostas para as políticas públicas voltadas para se discutir e regulamentar a promoção da EA no Brasil, ampliaram e possibilitaram a integração entre o setor educacional e ambiental, como objetivo comum de elaborar políticas públicas e ações educativas em prol do meio ambiente. Essas ações foram muito válidas e construtivas ao longo da história da EA no Brasil. Pois todas contribuíram para a disseminação e promoção de se discutir com a sociedade a necessidade e a emergência de se saber e fazer as ações educativas voltadas para o meio ambiente acontecerem e serem praticadas no Brasil.

4.4 AS PRINCIPAIS LEIS BRASILEIRAS SOBRE EA

É importante refletirmos as motivações e as leis que resultaram no surgimento das propostas de políticas públicas voltadas para a Educação ambiental.

Na literatura, existem diversos artigos, capítulos e leis brasileiras que discorrem sobre a importância da Educação Ambiental. Vejamos agora algumas das principais leis brasileiras que dispõem sobre a EA.

A Constituição Federal do Brasil, de 1988, estabelece, em seu artigo 225, que:

“Todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao Poder Público e à coletividade o dever de modificá-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações”; cabendo ao Poder Público “promover a educação ambiental em todos os níveis de ensino e a conscientização pública para a preservação do meio ambiente.” (Brasil, 1988).

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação, Lei Nº 9394, de dezembro de 1996, reforça os princípios definidos na Constituição com relação à Educação Ambiental:

“A Educação Ambiental será considerada na concepção dos conteúdos curriculares de todos os níveis de ensino, sem constituir disciplina específica, implicando desenvolvimento de hábitos e atitudes sadias de conservação ambiental e respeito à natureza, a partir do cotidiano da vida, da escola e da sociedade.” (Brasil, 1996).

De acordo com a lei que institui a Política Nacional de Educação Ambiental (PNEA, lei 9795/99), a Lei 9.795, de 27 de abril de 1999, sobre educação ambiental, dispõe no artigo 1º:

Entendem-se por educação ambiental os processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimento, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à sua qualidade de vida e sua sustentabilidade (Brasil, 1999).

A Lei dispõe, no artigo 2º:

A educação ambiental é um componente essencial e permanente da educação nacional, devendo estar presente, de forma articulada, em todos os níveis e modalidades do processo educativo, em caráter formal e não formal (Brasil, 1999).

Esta lei apresenta no seu artigo 4º oito princípios básicos da educação ambiental:

I – o enfoque humanista, holístico, democrático e participativo; II – a concepção do meio ambiente em sua totalidade, considerando a interdependência entre o meio natural, o socioeconômico e o cultural, sob o enfoque da sustentabilidade; III – o pluralismo de idéias e concepções pedagógicas, na perspectiva da inter, multi e transdisciplinaridade; IV – a vinculação entre a ética, a educação, o trabalho e as práticas sociais; V – a garantia de continuidade e permanência do processo educativo; VI – a permanente avaliação crítica do processo educativo; VII – a abordagem articulada das questões ambientais locais, regionais, nacionais e globais; VIII – o reconhecimento e o respeito à pluralidade e à diversidade individual e cultural (Brasil, 1999).

Em seguida, no artigo Art. 5º estabelece-se sete objetivos fundamentais da educação ambiental:

I – o desenvolvimento de uma compreensão integrada do meio ambiente em suas múltiplas e complexas relações, envolvendo aspectos ecológicos, psicológicos, legais, políticos, sociais, econômicos, científicos, culturais e éticos; II – a garantia de democratização das informações ambientais; III – o estímulo e o fortalecimento de uma consciência crítica sobre a problemática ambiental e social; IV – o incentivo à participação individual e coletiva, permanente e responsável, na preservação do equilíbrio do meio ambiente, entendendo-se a defesa da qualidade ambiental como um valor inseparável do exercício da cidadania; V – o estímulo à cooperação entre as diversas regiões do País, em níveis micro e macrorregionais, com vistas à construção de uma sociedade ambientalmente equilibrada, fundada nos princípios da liberdade, igualdade, solidariedade, democracia, justiça social, responsabilidade e sustentabilidade; VI – o fomento e o fortalecimento da integração com a ciência e a tecnologia; VII – o fortalecimento da cidadania, autodeterminação dos povos e solidariedade como fundamentos para o futuro da humanidade (BrasiL, 1999).

A importância da Educação ambiental é destacada na PNEA, ressaltando-se a necessidade de se trabalhar a EA no Ensino Formal e não formal, considerando-se que a EA trabalhada no âmbito escolar deve ser desenvolvida nos currículos das instituições de ensino públicas e privadas, englobando: educação básica (educação infantil; ensino fundamental e ensino médio), educação superior, educação especial, educação profissional, e a educação de jovens e adultos. Conforme esclarece o artigo 10:

Art. 10. A educação ambiental será desenvolvida como uma prática educativa integrada, contínua e permanente em todos os níveis e modalidades do ensino formal. § 1º A educação ambiental não deve ser implantada como disciplina específica no currículo de ensino. § 2º Nos cursos de pós-graduação, extensão e nas áreas voltadas ao aspecto metodológico da educação ambiental, quando se fizer necessário, é facultada a criação de disciplina específica. § 3º Nos cursos de formação e especialização técnico-profissional, em todos os níveis, deve ser incorporado conteúdo que trate da ética ambiental das atividades profissionais a serem desenvolvidas. Art. 11. A dimensão ambiental deve constar dos currículos de formação de professores, em todos os níveis e em todas as disciplinas (Brasil, 1999).

Outro documento normativo educacional de suma importância é a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Também aponta a necessidade de que a Educação Ambiental seja oferecida em todos os níveis de ensino. E estabelece que:

Art. 26. Os currículos da educação infantil, do ensino fundamental e do ensino médio devem ter base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e em cada estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e dos educandos. [...] § 7º Os currículos do ensino fundamental e médio devem incluir os princípios da proteção e defesa civil e a educação ambiental de forma integrada aos conteúdos obrigatórios. (Brasil, 2015^a).

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental (DCNEA) nos termos da proposta apontam que:

Educação Ambiental envolve o entendimento de uma educação responsável, crítica, participativa, em que cada sujeito aprende com conhecimento científico e com o reconhecimento dos saberes tradicionais, possibilitando a tomada de decisões transformadoras, a partir do meio ambiente natural (Brasil, 2013, p.535).

Destaca-se a recomendação de que a EA seja trabalhada de forma crítica, transformadora e participativa. Partindo dessas premissas, faz-se necessário refletir sobre que tipo de EA está sendo trabalhada nas escolas? Quais são esses “tipos de EA”? Como podemos diferenciá-las? Nessa perspectiva, o próximo tópico objetiva ampliar essas discussões.

4.5 AIGUMAS DAS PRINCIPAIS CORRENTES DA EA CONSTRUÍDAS HISTORICAMENTE

Ao aprofundarmos nossos estudos sobre a Educação Ambiental (EA) percebemos que existem várias tipologias da mesma, vertentes, concepções e/ou correntes. Diante disso, neste tópico, vamos discutir sobre algumas classificações da EA existentes na literatura.

Segundo Layrargues e Lima (2014), ao longo de sua história, a EA foi ficando cada vez mais diversa, pois existem muitos caminhos para se conceber a EA. Essa diversidade possibilitou a realização de análises e problematizações da EA, fazendo com que a mesma se tornasse objeto de estudo.

À medida que essa diversidade interna se tornou visível, as análises buscaram problematizar esse fenômeno, fazendo da Educação Ambiental um objeto de estudo auto reflexivo que pensa sua própria prática e desenvolvimento (Layrargues e Lima, 2014, p. 2).

A autora Sauv  (2005) reforça essa ideia destacando que, no campo da Educa o Ambiental, diferentes autores e pesquisadores apresentam em comum a preocupa o com o meio ambiente, entretanto, divergem quanto às formas de se conceber e praticar as a es educativas voltadas para a EA. Ou seja, a preocupa o   a mesma, mas a visão de cada um a respeito formas de se trabalhar a EA   diferente.

Por este motivo existe uma grande diversidade de correntes da EA. Neste trabalho, vamos apresentar duas, sendo que ambas, em determinados momentos, apresentam semelhanças, e em outras divergências. E algumas vezes opõem-se ou até mesmo se complementam. Segundo Sauv  (2005, p.17):

[...] A no o de corrente refere-se aqui a uma maneira geral de conceber e de praticar a educa o ambiental. Podem se incorporar, a uma mesma corrente, uma pluralidade e uma diversidade de proposi es. Por outro lado, uma mesma proposi o pode corresponder a duas ou três correntes diferentes, segundo o ângulo sob o qual   analisada. Finalmente, embora cada uma das correntes apresente um conjunto de características específicas que a distingue das outras, as correntes não são, no entanto, mutuamente excludentes em todos os planos: certas correntes compartilham características comuns.

De certa forma o que a autora apresenta,   destacado também na obra “Identities da Educa o Ambiental brasileira”, segundo a mesma:

A diversidade de nomenclaturas hoje enunciadas, retrata um momento da educa o ambiental que aponta para a necessidade de se re-significar os sentidos identitários e fundamentais dos diferentes posicionamentos político-pedagógicos (Brasil, 2004, p. 8).

Ao analisar as diversas vertentes de EA existentes, não podemos julgá-las como corretas ou não, ou mesmo coerentes e/ou incoerentes, pois ambas, são resultados de visões e objetivos de um objeto de estudo em comum, o meio ambiente.

Nessa perspectiva, também as Diretrizes Curriculares para a Educa o Ambiental, esclarecem no artigo 5  que: [...] A Educa o Ambiental não   atividade neutra, pois envolve valores, interesses, visões de mundo e, desse modo, deve assumir na prática educativa, de forma articulada e interdependente, as suas dimensões política e pedagógica.” (Brasil, 2012).

Sauv  (2005) destaca que, mesmo com tamanha diversidade de proposi es,   importante que os pesquisadores as conheçam, caracterizando-as e identificando as que mais convém ao contexto de interven o, e que irão inspirar as diversas possibilidades teóricas e práticas no campo da educa o ambiental.

Vejam agora algumas das principais correntes e/ou vertentes voltadas para EA. Abordadas a partir de diferentes referenciais teóricos. São eles: Reigota (1995); Lima (2002, 2004); Sauv  (2005); Lorenzetti (2008) e Layrargues e Lima (2011, 2014).

Para Reigota (1995) a Educa o Ambiental, pode ser classificada em três categorias distintas de Visão Naturalista, Visão Antropoc ntrica ou a de Visão Globalizante.

Lima (2002, 2004) classifica a EA em dois grandes eixos: Eixo Conservador e Eixo Emancipatório.

Sauv  (2005) apresenta uma ampla variedade de correntes da EA, contendo 15 vertentes, definidas a partir de um mapeamento das principais correntes de EA existentes na literatura. Classificando-as como as correntes tradicionais da EA, que se caracterizam por serem as primeiras e mais antigas correntes, datadas dos anos 70 e 80. São elas: Corrente Naturalista; Corrente Conservacionista/Recursista; Corrente Resolutiva; Corrente Sist mica; Corrente Científica; Corrente Humanista e a Corrente Moral/ tica.

A autora também destaca as seguintes correntes: Corrente Holística; Corrente Biorregionalista; Corrente Prática; Corrente Crítica; Corrente Feminista; Corrente Etnográfica; Corrente da Eco-educa o e Corrente da Sustentabilidade. O mapeamento das correntes em EA de Sauv  (2005)   o trabalho mais abrangente existente atualmente na literatura. Segundo a autora, as correntes foram classificadas seguindo os seguintes parâmetros: Concep o sobre o meio ambiente; Inten o central; Enfoques e Estratégias e/ou modelos que ilustram a corrente (Sauv , 2005).

Outro importante referencial que classifica as correntes da EA   o apresentado por Lorenzetti (2008), no qual o autor divide as correntes da EA em duas grandes vertentes, denominada: Estilo de Pensamento Ecológico e Estilo de Pensamento Crítico Transformador.

Para corroborar com essas reflexões a respeito da diversidade de correntes e/ou vertentes de EA existente no Brasil. O livro Identidades da Educa o Ambiental Brasileira (BRASIL, 2004), foi organizado pelo Ministério do Meio Ambiente. O mesmo apresenta um compilado de textos que refletem e retratam as diversidades de

identidades existentes na EA brasileira. Destacando algumas denominações como: educação ambiental crítica, emancipatória ou transformadora, ecopedagogia, educação no processo de gestão ambiental e alfabetização ecológica.

A obra *Identidades da EA Brasileira* (2004). Reuni textos de importantes referenciais teóricos do campo da Educação Ambiental. Como: Carvalho (2011); Lima (2002); Layrargues (2004); Loureiro (2004); Guimarães (1995) entre outros autores.

Após apresentar um breve panorama das principais vertentes da EA brasileira. Faz-se necessário agora afinar se o foco dessas discussões. Dando ênfase ao referencial de Layrargues e Lima (2011, 2014), pois o mesmo dará subsídio para a análise dos resultados da presente pesquisa. Ou seja, para investigar o perfil e as concepções prévias dos educadores museais sob a perspectiva da Educação Ambiental (EA).

Também se faz necessário apoiar-se em um referencial para melhor analisar os resultados. Nessa perspectiva, as concepções dos educadores museais serão analisadas a partir das três macrotendências referenciadas por pelos autores Layrargues e Lima (2011), são elas: Macrotendência Conservacionista; Macrotendência Pragmática e Macrotendência Crítica.

Os autores destacam que, definir três macrotendências como modelos político-pedagógicos, é um risco, pois assume-se o risco de classificar a EA de forma parcial e incompleta. Todavia, cada dessas três macrotendências engloba uma ampla diversidade de vertentes e concepção que existem sobre a EA (Layrargues e Lima, 2014).

A macrotendência conservacionista apresenta um viés puramente ecológico, emerge a partir da preocupação com as problemáticas ambientais, a degradação ambiental e os impactos causados pelo homem ao meio ambiente. Sendo assim, quem

Em um momento inicial, concebia-se a Educação Ambiental como um saber e uma prática fundamentalmente conservacionistas, ou seja, uma prática educativa que tinha como horizonte o despertar de uma nova sensibilidade humana para com a natureza, desenvolvendo-se a lógica do “conhecer para amar, amar para preservar”, orientada pela conscientização “ecológica” e tendo por base a ciência ecológica (Layrargues e Lima, 2011, p. 5).

A EA conservadora caracteriza-se por objetivar uma mudança cultural na sociedade, centrada na mudança de comportamento das pessoas para com o meio ambiente. Além disso, as ações realizadas na promoção da mesma caracterizam-se por apresentar uma visão fragmentada da realidade, ou seja, as questões ambientais são analisadas isoladamente, sem que ocorram contextualização com o todo. Em suma, o principal objetivo da EA conservadora é promover a preservação dos recursos e bens naturais contra a degradação humana, a partir da mudança do comportamento individual das pessoas.

Mas como o passar do tempo, a vertente conservadora começou a ser questionada, haja vista que: [...] o conservacionismo e o conservadorismo se fundem porque ao adotarem uma perspectiva com viés ecológico da questão ambiental perdem de vista as dimensões sociais, políticas e culturais indissociáveis de sua gênese e dinâmica (Layrargues e Lima, 2014, p. 30).

Outra vertente, a EA pragmática, apresenta como ideia principal a utilização dos recursos do meio ambiente para se obter benefícios, mas com a preocupação de não o destruir. Ou seja, preservar para explorá-lo.

No que tange a macrotendência pragmática, Lima e Layrargues (2014) destacam:

A macrotendência pragmática representa uma derivação evolutiva da macrotendência conservacionista, na medida em que é sua adaptação ao novo contexto social, econômico e tecnológico e que têm em comum a omissão dos processos de desigualdade e injustiça social. Ambas são comportamentalistas e individualistas (Layrargues e Lima, 2014, p. 32).

Em contrapartida às macrotendências conservadora e pragmática, a macrotendência crítica apresenta caráter reflexivo e político, objetivando a promoção de uma mudança social, com a participação ativa de todos os setores da sociedade. Além disso, a mesma apresenta uma visão complexa e contextualizada das questões ambientais, reconhecendo que os aspectos culturais, sociais, históricos, políticos e econômicos. Nessa perspectiva, a EA crítica caracteriza-se como uma corrente emancipatória e holística, visando a construção de uma sociedade sustentável.

Segundo Layrargues e Lima (2014):

A macrotendência crítica, por sua vez, aglutina as correntes da Educação Ambiental Popular, Emancipatória, Transformadora e no Processo de Gestão Ambiental. Apoia-se com ênfase na revisão crítica dos fundamentos que proporcionam a dominação do ser humano e dos mecanismos de acumulação do Capital, buscando o enfrentamento político das desigualdades e da injustiça socioambiental ((Layrargues e Lima, 2014, p. 33).

Evidencia-se que a EA crítica se opõem às tendências conservadoras, apresentando um discurso pautado na problematização e contextualização das problemáticas ambientais, reconhecendo que fazer e praticar ações de Educação Ambiental, vai muito além da preocupação com o meio ambiente, visto que, essas análises necessitam de um olhar complexo e multidimensional.

A EA crítica, também se destaca pelo caráter político e participativo. Segundo (Layrargues, 2002) a EA crítica é um processo educativo eminentemente crítico, pautado na participação dos atores sociais para intervir nos conflitos socioambientais através de estratégias pedagógicas.

Layrargues e Lima (2011, p. 11) enfatizam que:

A vertente crítica, por sua vez, aglutina as correntes da Educação Ambiental Popular, Emancipatória, Transformadora e no Processo de Gestão Ambiental. Apoia-se com ênfase na revisão crítica dos fundamentos que proporcionam a dominação do ser humano e dos mecanismos de acumulação do Capital, buscando o enfrentamento político das desigualdades e da injustiça socioambiental. Todas essas correntes, com algumas variações, se constroem em oposição às tendências conservadoras e comportamentais [...], procurando contextualizar e politizar o debate ambiental, articular as diversas dimensões da sustentabilidade e problematizar as contradições dos modelos de desenvolvimento e de sociedade que experimentamos local e globalmente.

Nesse tocante, Carvalho (2004) esclarece que os ideais democráticos e emancipatórios da EA crítica advém da educação popular, e segundo a autora:

No Brasil, estes ideais foram constitutivos da educação popular que rompe com uma visão de educação tecnicista, difusora e repassadora de conhecimentos, convocando a educação a assumir a mediação na construção social de conhecimentos implicados na vida dos sujeitos (Carvalho, 2004, p. 18).

Em suma, a diversidade de formas de conceber a EA retrata as diferentes maneiras de interpretá-la.. Sejam elas conservadoras e/ou críticas, ambas apresentam holofotes voltados à promoção de discussões em prol do meio ambiente, visando solucionar e/ou minimizar as problemáticas ambientais.

Sucintamente, essas breves reflexões possibilitaram um melhor entendimento e reconhecimento das macrotendências que serão fruto de investigação neste trabalho. Visto que, cada uma delas apresenta suas especificidades, bem como suas divergências e convergências entre si.

Após as discussões e reflexões realizadas anteriormente, vejamos agora um quadro com as principais características das vertentes política-pedagógica da Educação Ambiental.

Quadro 06. Características das vertentes político-pedagógicas da Educação Ambiental.

Educação Ambiental Conservadora	Educação Ambiental Pragmática	Educação Ambiental Crítica
<ul style="list-style-type: none"> ● Comportamentalista e Individualista; ● Conservação, conscientização, sensibilização; ● Afetividade e contato com meio ambiente; 	<ul style="list-style-type: none"> ● Comportamentalista e Individualista; ● Produção e Consumo; ● Desconsidera o meio ambiental; ● Sem contato com meio ambiente; ● Consumo e desenvolvimento sustentável; 	<ul style="list-style-type: none"> ● Emancipatória, Problematicadora e Transformadora; ● Visão crítica da relação do homem com a natureza; ● Valores e atitudes; ● Enfrentamento das Desigualdades e Injustiças socioambientais;

Fonte: a autora (2023).

4.5.1 A Educação Ambiental e a Interdisciplinaridade, um conceito presente nas diversas tipologias

A EA foi apresentada, desde a década de 1970 como uma proposta interdisciplinar e multidimensional.

No Brasil, a Política Nacional de Educação Ambiental (1999), instituída pela Lei n.º 9.795/99 dispõe no art. 10 que, "A educação ambiental não deve ser implantada como disciplina específica no currículo de ensino". Enfatizando assim, a importância de se trabalhar a Educação Ambiental.

A Lei no 9.795 de 1999 que institui a Educação Ambiental no Brasil, apresenta no seu artigo 4º oito princípios básicos da educação ambiental, que enfatizam a importância da abordagem interdisciplinar da mesma, vejamos agora os três primeiros princípios:

I – o enfoque humanista, holístico, democrático e participativo; II – a concepção do meio ambiente em sua totalidade, considerando a interdependência entre o meio natural, o socioeconômico e o cultural, sob o enfoque da sustentabilidade; III – o pluralismo de idéias e concepções pedagógicas, na perspectiva da inter, multi e transdisciplinaridade (Brasil, 1999).

Nessa mesma perspectiva, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), que foram desenvolvidos pelo Ministério da Educação (MEC) na década de 1990 do século XX no que diz respeito à interdisciplinaridade, enfatizam a necessidade do desenvolvimento da discussão de alguns temas que deveriam permear todas as áreas de conhecimento do currículo escolar, os quais foram denominados como transversais. Tais temas, de acordo com o documento, devem perpassar todas as disciplinas, e serem trabalhados em conjunto, e não em disciplinas isoladas. Estes temas são: ética, saúde, meio ambiente, orientação sexual e pluralidade cultural, trabalho e consumo, dentre outros que a escola poderia criar (Brasil, 1997).

No que se refere às discussões voltadas para a interdisciplinaridade e a complexidade da EA, alguns dos renomados referenciais teóricos destacam-se por levantar estas discussões, como: Fazenda (1979;2006); Fourez (1995); Morin (2000); Leff (2009), Luck (2010) entre outros autores.

Fazenda (2006) alerta que “O eco das discussões sobre a interdisciplinaridade chega ao Brasil no final da década de 1960, com sérias distorções, próprias daqueles

que se aventuram ao modismo sem medir as consequências do mesmo” (Fazenda, 2006, p. 23).

Segundo Fourez (1995) “O tema da interdisciplinaridade se tornou popular, mas nasceu da consciência de que a abordagem do mundo por meio de uma disciplina particular é parcial e em geral muito estreita” (Fourez, 1995, p. 134). O autor destaca que para se estudar uma determinada questão do cotidiano, cada vez mais é necessária uma multiplicidade de enfoques, o que remete ao conceito da interdisciplinaridade (Fourez, 1995).

Morin (2000) também reflete sobre o tema enfatizando formas pelas quais as disciplinas são organizadas e estruturadas de forma que isolam as partes do todo. Segundo ele, a educação deve romper com essa fragmentação, e passar a relacionar os saberes, pois o compartilhamento dos saberes impede a compreensão da complexidade da totalidade. Visto que os saberes estão sendo trabalhados de forma isolada, dividida e compartimentada, o que impede a contextualização dos saberes, que é fundamental para o entendimento da complexidade humana.

Outro referencial que endossa essa discussão é o de Luck (2010), que afirma:

Com a visão interdisciplinar, o homem deixa de encerrar-se numa única abordagem do conhecimento, para adquirir uma visão global da realidade. Ao viver, encontrará uma realidade multifacetada, produto desse mundo, e, inúmeras oportunidades terão em modificá-la, na medida em que a conhecer como um todo, em seus inúmeros aspectos (LUCK, 2010, p. 61).

Com estes apontamentos, fica evidente que as discussões voltadas para a interdisciplinaridade surgiram da necessidade de se promover o diálogo entre as ciências e/ou saberes, visto que, as ciências são múltiplas e cada vez mais vem se especializando, e acabaram se fragmentando, e isolando-se em compartimentos. Por isso a necessidade da interação e da promoção dos diálogos e conexões entre as ciências.

Mas, segundo Leff (2009):

A complexidade ambiental extrapola o campo das relações de interdisciplinaridade entre paradigmas científicos para um diálogo de saberes, que implica um diálogo entre seres diferentes. A interdisciplinaridade se estabelece no terreno de uma ciência que se tem fragmentado, à época que tem objetivado todas as disposições do ser; sobre a base da construção de uma racionalidade social que, além de compreender sua configuração na modernidade, estabeleceu a norma pela qual deveria se ajustar o mundo (Leff, 2009, p.22).

Nessa perspectiva, os espaços de desenvolvimento da Educação Ambiental, como os espaços museais destacam-se por serem locais com grande potencial para a promoção de diálogos interdisciplinares, possibilitando o estabelecimento de diálogos entre os saberes científicos e populares, por exemplo.

Com isso, concordamos com Gadotti (2000) quando destaca que as relações entre a EA Crítica e a interdisciplinaridade, permitem um olhar complexo sobre as relações humanas e o ambiente corroborando com o enfoque teórico-metodológico da interdisciplinaridade que busca superar a visão fragmentada do conhecimento e sua especialização através do diálogo e da interação do conhecimento.

A interdisciplinaridade é fundamental para compor as interfaces e os diálogos nos Museus. Essa tríade: EA, Interdisciplinaridade e Museus é necessária para pensar diversos temas a serem tratados. Por isso, tamanha é a importância de se ampliar as pesquisas nessa área, haja vista que, os museus são espaços oportunos e férteis para o desenvolvimento de ações e proposição de estratégias que promovam o diálogo entre a EA e a Interdisciplinaridade.

5. MUSEUS E A RELAÇÃO COM A EDUCAÇÃO

Para iniciarmos esta discussão, faz-se necessário dissertar um pouco sobre a origem dos museus, as principais tipologias de mesmos, com um breve percurso histórico dos museus no Brasil, além dos principais museus de Mato Grosso do Sul e a apresentação inicial sobre os diálogos entre os museus e a educação.

5.1 MUSEUS: BREVE HISTÓRICO

Para iniciarmos a reflexão sobre museus, faz-se necessário dissertar um pouco sobre a origem dos mesmos, as suas principais tipologias, um breve percurso histórico dos museus no Brasil, além de uma caracterização dos principais museus de Mato Grosso do Sul e uma apresentação inicial sobre os diálogos entre os museus e a educação.

Foi-se os tempos em que existia um pré-conceito sobre os museus, pois muitas pessoas diziam que os museus só serviam para “guardar coisas velhas”. Quem nunca ouviu falar da frase: “Quem vive de passado é museu”, não é mesmo?

Pois bem, desde os tempos remotos, o ser humano tem o hábito de colecionar objetos. E com o passar do tempo, os museus foram criados, objetivando conservar e salvaguardar a história da humanidade. Mas, os museus não possuem apenas a função de conservação e preservação de elementos da história da humanidade. Estes espaços contribuem com a produção do conhecimento não apenas histórico, mas também o conhecimento científico, artístico, sociocultural, além de contribuir com os estudos voltados para a diversidade cultural e a divulgação científica.

No tocante à temática dos museus, pode-se destacar que a terminologia advém grego *mouseion*, que significa *musas*, logo os museus são definidos como residência das musas, pois segunda a mitologia grega as musas eram guardiãs das memórias. As musas eram consideradas preservadoras da memória e tinham a função de manter as lembranças ao longo da história (Julião, 2006).

Segundo Duarte Cândido (2013):

O termo museu originou-se da palavra Mouseion, utilizada pela primeira vez na Grécia (antes do século VI a.C.) para designar os santuários consagrados às Musas e também as escolas filosóficas e de investigação científica presididas pelas Musas, protetoras das Ciências e das Artes (2013, p. 2).

Maluf (2009) contribui com essa discussão, afirmando que os museus se originaram com o objetivo de serem espaços da personificação das ideias:

O Museu, antes de tudo, se relaciona com os mitos de origem a partir da Grécia arcaica, em uma sociedade ágrafa, e através das próprias Musas, que são “a memória, a imagem e a voz da Criação”; nas palavras cantadas, na manifestação da dimensão criativa da memória oral que é presença e consciência, que não tem começo, nem fim, que é um viver contínuo, uma atualidade. [...] memorizar significava combater o estado limite da condição humana que o tempo cronológico impõe: a certeza da finitude humana, a morte. Aí estaria o poder do Museu: fazer escapar do Silêncio e da Morte, através da palavra – potência de vida, que revela os valores positivos do Ser do homem cantado (Maluf, 2009, p. 57-59).

Com isso, evidencia-se que a principal função dos museus, era a de preservar a história e a memória da sociedade, principalmente as entidades da mitologia Grega.

Os primeiros museus começaram a existir antes de Cristo (a.C), e a princípio tinham como objetivo apenas colecionar objetos, e/ou expor obras de arte ao ar livre, não necessariamente em instituições museológicas, pois essa prática também acontecia ao ar livre em praças e escadarias. O hábito de colecionar e expor obras de artes e objetos históricos é antigo. Destacam-se neste processo, os povos Gregos, Egípcios e Romanos.

Por volta de 285 a.C, a Biblioteca de Alexandria, tornou-se mais famosa instituição que tinha como objetivo preservar a história da humanidade, haja vista que a escrita alfabética era um importante instrumento para se preservar a história na época, para tanto, os livros e registros escritos eram importantes instrumentos para preservação da memória. Nessa perspectiva, a biblioteca destaca-se como um importante espaço, que reunia artistas e sábios, e possuía uma estrutura muito além de uma biblioteca, pois contava com salas de reuniões, laboratórios, observatórios, jardim botânico e zoológico.

De acordo com ICOM (2018), os mais antigos museus do mundo datam das civilizações antes de Cristo, como por exemplo, os museus: Museu Ennig Aldi-Nanna (Mesopotâmia, 530 a.C.); Museus Capitolinos (Roma, Itália, 1471); Museus Vaticanos (Cidade do Vaticano, 1506); e Museu das Armaduras Reais de Leeds (Castelo de Leeds, 1545).

Com o passar do tempo, ao longo da história, os museus foram ganhando espaço na sociedade, e suas funções foram sendo ampliadas. No Império Romano, o termo “*museum*” era utilizado para nomear uma “vila” onde eram realizadas reuniões, exposições de coleções, além de serem utilizadas como jardins públicos, templos e teatros. Já no Oriente, os museus eram locais utilizados para expor coleções e objetos históricos, com o objetivo de preservar a memória de feitos gloriosos e históricos de gloriosos personagens. Já na Idade Média a concepção de museu foi pouco discutida, apenas o hábito de colecionar permaneceu na elite feudal. Na Renascença, as instituições museais eram voltadas para expor coleções de artes, como quadros e esculturas, pois nesse período a relação entre homem e arte estava em ascensão.

A partir do século XVII, os museus universitários começaram a se destacar. Considerados museus modernos, os mesmos tinham não apenas o objetivo de colecionar e expor objetos históricos, mas também, objetivavam educar. Tendo como público principalmente artistas e estudantes. Dentre estes museus destacam-se: Museus Vaticanos (1506); Museu de Oxford (1683), na Inglaterra; Museu do Louvre (1681), na França; Museu British Museum (1753), Museu Americano de História Natural (1869); Museu Britânico (1753); Museu Metropolitan (1870), entre outros museus.

Mas os museus ainda eram instituições destinadas a um público muito restrito, voltado para quem tinha um status social refinado. Foi a partir do século XX, que os museus definitivamente se tornaram acessíveis para todos os públicos, passando a ser mais populares, sendo um importante espaço de cultura e lazer. É o que afirma Pereira (2010):

Essa mudança pode ser atribuída a uma nova atitude social, em que os museus são vistos como instituições amplamente acessíveis, desfrutadas pela maioria da população, em que surge um novo público, de opiniões mais marcantes e conscientes de seu papel político, social e econômico, como produto das reconstruções que se fazem após a guerra (Pereira, 2010, p. 45).

Nesse tocante, desde o século XX até os dias atuais, visitar museus tornou-se acessível e democrático para todos os públicos, inclusive com alguns espaços abertos ao público de forma gratuita, tornando-se importantes espaços fontes de cultura, história e memória da humanidade.

Segundo Martins e Martins (2019) a função dos museus foi se diversificando com o tempo, mas tendo como principais funções as de preservar, comunicar e educar, como destaca abaixo:

Sabe-se que, historicamente, os museus tinham suas missões institucionais ligadas a um sem número de atividades relacionadas à preservação das coleções sob sua guarda. Coletar, catalogar, estudar e manter objetos de interesse, vindos do mundo natural e do mundo cultural, eram algumas das atribuições que classicamente estavam sob a responsabilidade das instituições museais. A essas funções foram se agregando, e adquirindo cada vez maior importância, a comunicação e a educação. Essa mudança, ainda em andamento nos dias atuais, teve início na segunda metade do século XX e transferiu a principal vertente de atuação dos museus, historicamente voltada para a guarda e o estudo de seus acervos, para o público. (Martins, 2019, p. 200).

Atualmente as instituições museológicas estão desempenhando e aprimorando seu papel educativo. A partir da adoção de princípios pedagógicos construtivos, além de se relacionarem interativamente com o público, e realizarem cada vez mais ações voltadas para a promoção da divulgação científica, aproximando assim, a ciência da sociedade, bem como a aplicabilidade da mesma no cotidiano dos indivíduos.

5.2 MUSEUS: PRINCIPAIS DEFINIÇÕES

Para agregar as discussões e definições voltadas para temática dos museus, no âmbito legislativo, podemos destacar: o Conselho Internacional de Museus (ICOM); a Política Nacional de Educação Museal (PNEM); o Plano Nacional Setorial de Museus (PNSM); o Estatuto de Museus (Lei nº 11.906/2009). No que diz respeito das definições dos Museus:

De acordo com a Política Nacional de Museus lançada em maio de 2003 e a Lei 11.904/2009, que instituiu o Estatuto de Museus no artigo 29 nos afirma que:

Os museus deverão promover ações educativas, fundamentadas no respeito à diversidade cultural e na participação comunitária, contribuindo para ampliar o acesso da sociedade às manifestações culturais e ao patrimônio material e imaterial da Nação (Brasil, 2009).

A legislação que regulamenta a área museal no Brasil é denominada Estatuto de Museus (Lei nº 11.906/2009). Conforme define o Estatuto dos Museus, os museus são:

“Instituições sem fins lucrativos que conservam, investigam, comunicam, interpretam e expõem para fins de preservação, estudo, pesquisa, educação, contemplação e turismo, conjuntos e coleções de valores históricos, artísticos, científicos, técnicos, ou de qualquer outra natureza cultural, aberta ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento” (IBRAM, 2009).

Recentemente, o Conselho Internacional de Museus – ICOM (2022), atualizou a definição de museu, destacando sua função educativa, a partir da definição que:

Um museu é uma instituição permanente, sem fins lucrativos, ao serviço da sociedade, que pesquisa, coleciona, conserva, interpreta e expõe o patrimônio material e imaterial. Os museus, abertos ao público, acessíveis e inclusivos, fomentam a diversidade e a sustentabilidade. Os museus funcionam e comunicam ética, profissionalmente e, com a participação das comunidades, proporcionam experiências diversas para educação, fruição, reflexão e partilha de conhecimento (ICOM, 2022, p. 1).

Em suma, os museus são espaços educativos, de interesse artístico, cultural, científico, e histórico, que salvaguardam e ajudam a contar e preservar a história da humanidade.

5.3 TIPOLOGIA DOS MUSEUS BRASILEIROS

A tipologia dos museus brasileiros é bem diversificada. Muitos deles possuem mais de uma tipologia. Essa classificação se dá a partir das coleções que compõem seus acervos, sendo estas, compostas de bens naturais e/ou culturais que salvaguardam a cultura e história da humanidade.

De acordo com IBRAM (2010), as tipologias das coleções que compõem os acervos dos museus podem ser classificadas:

Quadro 07. Tipologias das coleções dos museus brasileiros, segundo o IBRAM (2010).

Tipologia das coleções	Coleções
Antropologia e Etnografia:	Coleções relacionadas às diversas etnias, voltadas para o estudo antropológico e social das diferentes culturas. Ex: acervos folclóricos, artes e tradições populares, indígenas, afro-brasileiras, do homem americano, do homem do sertão etc.
Arqueologia:	Coleções de bens culturais portadores de valor histórico e artístico, procedentes de escavações, prospecções e achados arqueológicos. Ex: artefatos, monumentos, sambaquis etc.
Artes Visuais	Coleções de pinturas, esculturas, gravuras, desenhos, incluindo a produção relacionada à Arte Sacra. Nesta categoria também se incluem as chamadas Artes Aplicadas, ou seja, as artes que são voltadas para a produção de objetos, tais como porcelana, cristais, prataria, mobiliário, tapeçaria etc.
Arquivístico	Conjunto de documentos acumulados por pessoas ou instituições, públicas ou privadas, durante o exercício de suas atividades, independentemente do suporte.

Biblioteconômico	Publicações impressas, tais como livros, periódicos, monografias, teses, etc.
Ciências Naturais e História Natural:	Bens culturais relacionados às Ciências Biológicas (Biologia, Botânica, Genética, Zoologia, Ecologia etc.), às Geociências (Geologia, Mineralogia etc.) e à Oceanografia.
Ciência e Tecnologia:	Bens culturais representativos da evolução da História da Ciência e da Técnica.
Documental:	Pequeno número de documentos manuscritos, impressos ou eletrônicos reunidos intencionalmente a partir de uma temática.
História	Bens culturais que ilustram acontecimentos ou períodos da História.
Imagem e Som	Documentos sonoros, videográficos, filmográficos e fotográficos.
Virtual	Bens culturais que se apresentam mediados pela tecnologia de interação cibernética (internet).

Fonte: a autora (2023). Adaptado de IBRAM (2010).

5.4 MUSEUS NO BRASIL E NO MATO GROSSO DO SUL

No Brasil, a constituição das instituições museais tiveram uma forte influência dos colonizadores europeus, pois foi a partir do período de colonização que as instituições museológicas se constituíram no país.

Segundo Marandino (2008), os primeiros museus brasileiros surgiram no século XIX, inspirados nos moldes dos museus europeus e norte-americanos. Essas instituições tinham a função de coletar, identificar e estudar os elementos históricos naturais e culturais do país.

A trajetória histórica dos museus no Brasil iniciou-se em 1818, quando D. João VI, inaugurou o Museu Real. Hoje mais conhecido como Museu Nacional, esta instituição localiza-se no Rio de Janeiro. A primeira instituição museal do Brasil, foi influenciada pelo modelo dos museus europeus. O Museu Nacional (1818) foi inaugurado como o objetivo da promoção e ampliação dos estudos voltados para a história, cultura e ciências naturais no reino brasileiro.

Querendo propagar os Conhecimentos e estudos das Ciências Naturais no Reino do Brasil, que encerra em si milhares de objectos dignos de Observação e exame que podem ser empregados em beneficio do Comércio,

da Indústria, e das Artes, que muito desejo favorecer como grandes Mananciais da Riqueza, Hei por bem, que nesta Corte, se estabeleça um Museu Real para onde passem quanto antes, os Instrumentos, Máquinas, e Gabinetes que já existem dispersos por outros lugares, ficando tudo a cargo das pessoas que Eu para o futuro nomear [...] (Decreto da criação do Museu Nacional, 6/6/1818, Arquivo do Museu Nacional) (KOPTCKE; LOPES; PEREIRA, 2007, p. 2).

Após a criação do Museu Nacional, outras instituições foram inauguradas no Brasil. Dentre elas destacam-se: Museu do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro Rio de Janeiro-RJ (1838); Museu do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico de Pernambucano Recife-PE (1862); Museu Paraense Emílio Goeldi Belém-PA (1866); Museu Naval Rio de Janeiro-RJ (1868); Museu do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas Maceió-AL (1869); Museu Paranaense Curitiba-PR (1874); Museu de Ciência e Técnica da Escola de Minas da Universidade Federal de Ouro Preto Ouro Preto-MG (1876); Museu Inaldo de Lyra Neves – Manta Rio de Janeiro-RJ (1889) Museu de Numismática Bernardo Ramos Manaus-AM (1900), entre outras instituições fundadas após os anos de 1900 (IBRAM,2010).

Com o passar dos anos, a quantidade de instituições museológicas no Brasil foi se ampliando. Atualmente algumas instituições destacam-se, por serem de importância histórica e turística no país. Dentre eles podemos destacar: Museu Imperial (RJ), Museu de Artes de São Paulo – MASP (SP). Museu da Língua Portuguesa (SP), Museu do Futebol (SP), Pinacoteca (SP), Museu Oscar Niemeyer (PR), Inhotim (MG), Museu da Inconfidência (MG), Instituto Ricardo Brennand (PE), Museu de Ciências e Tecnologia da PUCRS (RS), Catavento Cultural e Educacional (SP). Dentre outras Instituições museológicas.

Vejamos abaixo uma síntese da cronologia dos principais eventos históricos ocorridos na Museologia brasileira.

Quadro 08. Cronologia da museologia brasileira – 1818 – 2022.

Ano	Ação
1818	Criação do Museu Real por D. João VI (hoje Museu Nacional, pertencente à Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ).
1866	Surgem os primeiros Museus de História Natural, de caráter enciclopédico: Museu Paraense Emílio Goeldi (1866) e Museu Paulista (1894).

1922	Criação do Museu Histórico Nacional (Gustavo Barroso), no contexto das comemorações do Centenário da Independência do Brasil. O papel pioneiro do Museu Histórico Nacional na criação do primeiro órgão de preservação do patrimônio histórico- Inspeção dos Monumentos Nacionais.
1932	Criação do primeiro Curso de Museologia (hoje é a Escola de Museologia UNIRIO).
1937	Implantação do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), que passa a desenvolver uma política museológica, com a criação de museus monográficos que consagram o barroco ícone da identidade nacional (MG: Museu da Inconfidência – 1938; Museu do Ouro -1946; Museu do Diamante – 1954, Museu Regional São João Del Rei – 1958; RS: Museu das Missões- 1938 e RJ: Museu Imperial de Petrópolis- 1943).
1946	Criação do ICOM – Conselho Internacional de Museus. Uma Organização não-governamental que mantém relações formais com a UNESCO.
1950	1º Congresso Nacional de Museus (Ouro Preto-MG, 1956) e Seminário Regional da UNESCO (MAM-RJ, 1958) sobre a função educativa dos museus.
1963	Criação da Associação Brasileira de Museologia (ABM) e a luta pela regulamentação da profissão de museólogo.
1983	Programa Nacional de Museus, ligado à Fundação Nacional Pró-Memória para a revitalização dos museus brasileiros.
1984	Regulamentação da profissão de Museólogo.
1980-1990	Décadas 1980-1990: ampliação do conceito de Patrimônio Cultural, incluindo os bens de natureza imaterial. Apropriação dos movimentos sociais pelo direito à memória e à identidade.
2003	Política Nacional de Museus (gestão do Ministro Gilberto Gil) e criação do Departamento de Museus e Centros Culturais (DEMU-IPHAN).
	Criação das Redes de Educadores em Museus no Brasil.
2004	Implantação do Sistema Brasileiro de Museus (Decreto nº 5.264/2004).
2008	Criada a Rede de Educadores em Museus e Instituições Culturais de Mato Grosso do Sul (REMIC-MS).
2009	Criação do Instituto Brasileiro de Museus – IBRAM, como autarquia federal do Ministério da Cultura – MinC, responsável pela política museológica (Lei nº 11.906, de 2009).
	Criação do Estatuto dos Museus (Lei nº 11.904/2009).
2010	Implantação do Plano Nacional de Cultura (Lei nº 12.343/2010) e elaboração do Plano Setorial de Museus.
2017	Criação da Política Nacional de Educação Museal (PNEM) – (Portaria nº 422, de 30 de novembro de 2017).
2022	O Conselho Internacional de Museus (ICOM) aprova a nova Definição de Museu.

Fonte: a autora 2023. Adaptado de Santos (2019).

A análise do quadro acima, possibilita visualizar uma síntese de importantes iniciativas e marcos históricos que contribuíram com o desenvolvimento da museologia

no Brasil. A partir da realização de eventos, criação de museus, políticas públicas, programas específicos voltados para a área da museologia.

No que diz respeito a quantidade de museus existentes no Brasil, os dados são bem dinâmicos, e sempre estão em constante atualização. O primeiro grande levantamento do quantitativo de instituições museológicas no Brasil, foi realizado pelo Instituto Brasileiro de Museus – IBRAM (2010). Durante este levantamento, realizado pelo Cadastro Nacional de Museus – CNM, foram levantadas um total de 3.025 unidades museológicas no Brasil (IBRAM, 2010).

Outra observação importante, diz respeito à distribuição de instituições museológicas no Brasil, que é desigual visto que, o quantitativo mais expressivo de museus está distribuído nos estados do litoral brasileiro. Essa predominância possivelmente está associada a maior densidade populacional e maior fonte econômica e turística da região litorânea (MACHADO, 2020).

Atualmente, de acordo com Cadastro Nacional de Museus – CNM, criado em 2006, o Brasil possui mais de 3.700 museus mapeados em todo território nacional, sejam eles museus de artes, de história, de ciências, de antropologia, museus comunitários, museus de território, entre outras variadas temáticas.

Outra fonte mais atualizada, foi criada pela Portaria Ibram nº 215, de 4 março de 2021. É a plataforma *Museusbr*, que consiste em um sistema nacional de identificação de museus e mapeamento colaborativo. Isso evidencia a importância destes espaços ao longo da história das civilizações.

Segundo essa plataforma: “Em *Museus Br* você encontrará Museus de Arte, de História, de Ciências, de Antropologia, Museus Comunitários, Museus de Território, Museus das mais variadas temáticas” (*MuseusBr*). Conforme consta na plataforma *Museus Br*, o Brasil possui atualmente, em 2023, 3925 museus.

No Estado de Mato Grosso do Sul (MS) estão cadastrados 63 museus, sendo que não estão nessa lista, apenas as instituições museais, havendo também acervos, memoriais, institutos e fundações cadastradas nessa plataforma.

Dentre os 79 municípios de Mato Grosso do Sul, apenas 22 deles possuem instituições museológicas, destacando-se os municípios de Campo Grande, Corumbá, Coxim, Dourados e Porto Murtinho. Só o município de Campo Grande apresenta 28

museus cadastrados na plataforma *Museus Br*. Os mesmos pertencem às mais variadas tipologias, como museus de Artes, Antropologia, História e Ciências Naturais, Imagem e Som.

Quadro 09. Relação de Museus no estado de Mato Grosso do Sul.

Município	Nome do Museu	Tipologia
Amambaí	Museu José Alves Cavalheiro	História
Antônio João	Parque Histórico Colônia Militar dos Dourados	História
	Acervo Cultural Eugênio Penzo	
Aquidauana	Museu de Arte Pantaneira Manoel Antônio Paes de Barros.	Arqueologia; Artes Visuais; Ciência e Tecnologia; História; Imagem e Som.
	Museu Marechal José Machado Lopes	História
Bandeirantes	Museu Luciano Scampini	
	Sala José Antônio de Paula Orempuller	
Bela Vista	Museu Histórico de Bela Vista	Bela Vista
Bonito	Museu de História Natural e Casa de Memória Kadiwéu	Arqueologia; Ciências Naturais e História Natural; História; Imagem e Som.
	Parque Nacional da Serra da Bodoquena	
Caarapó	Museu Municipal de Caarapó	
Campo Grande	Museu das Culturas Dom Bosco	Antropologia e Etnografia; Arqueologia; Ciências Naturais e História Natural; Imagem e Som; Virtual.
	Museu da Imagem e do Som de Mato Grosso do Sul	Antropologia e Etnografia; Ciência e Tecnologia; História; Imagem e Som.
	Museu Lídia Baís - Morada dos Baís	Artes Visuais; História; Imagem e Som.
	Museu José Antônio Pereira	História.

	Museu de Arte Contemporânea de Mato Grosso do Sul	Artes Visuais; Imagem e Som.
	Museu de Arqueologia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul– MuArq – UFMS	Antropologia e Etnografia; Arqueologia; Ciências Naturais e História Natural; História; Imagem e Som.
	Museu Latino Americano	Antropologia e Etnografia; Ciências Naturais; História Natural; Ciência e Tecnologia; História.
	Museu da Força Expedicionária Brasileira de Campo Grande	História.
	Casa Operariana – Memorial do Operário Futebol Clube Centro de Memória do TRE/MS Museu da Televisão Museu da Aviação de Busca e Salvamento Parque Estadual do Prosa Memorial da Cultura Indígena Casa da Ferrovia Museu do Telefone Sala David Cardoso Sala de Exposições Guia Lopes Parque Estadual Matas do Segredo	
Cassilândia	Museu Fotográfico de Cassilândia	Ciência e Tecnologia; Imagem e Som.
Chapadão do Sul	Fundação Júlio Alves Martins	Chapadão do Sul

Corumbá	Museu do Pantanal	Antropologia e Etnografia; Arqueologia; Artes Visuais; História.
	Museu de História do Pantanal	Antropologia e Etnografia; Arqueologia; Artes Visuais; Ciências Naturais e História Natural; Ciência e Tecnologia; História; Imagem e Som.
	Instituto Luiz de Albuquerque	
	Museu de Educação Ambiental da Polícia Militar Ambiental de Corumbá	
Coxim	Centro de Documentação Histórica da Região Norte de Mato Grosso do Sul e Memorial Henrique de Melo Spengler.	Antropologia e Etnografia; Arqueologia; Artes Visuais; História; Imagem e Som.
	Museu Arqueológico e Histórico de Coxim – MAHCO	Arqueologia; Artes Visuais; Ciências Naturais e História Natural; História; Imagem e Som.
	Parque Temático Histórico do Pantanal	História.
Dourados	Museu Histórico e Cultural de Dourados	Antropologia e Etnografia; Arqueologia; Ciência e Tecnologia; História; Imagem e Som.
	Museu da Biodiversidade Universidade Federal da Grande Dourados	Ciências Naturais e História Natural.
	Herbário da Cidade de Dourados	Ciências Naturais e História Natural.
Glória de Dourados	Museu Histórico Municipal Américo Brigatti	
Jardim	Museu da Comissão de Estradas e Rodagem Número Três	História; Imagem e Som.
Maracaju	Museu de Tecnologia Regional Anna Thereza de Lima Alves	História.
Miranda	Museu Ferroviário	
Mundo Novo	Museu Tapuy Porã	
Nova Andradina	Museu Histórico e Cultural Antônio Joaquim de Moura Andrade	Antropologia e Etnografia; Artes Visuais; Ciências Naturais e História Natural; História; Imagem e Som.

Paranaíba	Museu Municipal Dico Quirino	Artes Visuais; História; Imagem e Som.
Ponta Porã	Acervo Cultural Santo Antônio - Museu da Erva Mate	Artes Visuais; Ciências Naturais e História Natural; Ciência e Tecnologia; História.
Porto Murtinho	Museu Histórico de Porto Murtinho	
	Museu Dom Jaime Aníbal Barreira	História.

Fonte: Ibram (2011). Adaptado pela autora.

Percebe-se que no quantitativo total de museus, estão incluídos outros tipos de espaços não formais de educação. Visto que o site *Museus* registra não apenas os espaços exclusivamente museais, mas também outras tipologias, como: tipologia tradicional/clássico; virtual; museu de território e ecomuseu; unidade de conservação da natureza; jardim zoológico, botânico, herbário, oceanário ou planetário.

De acordo com o IBRAM – Guia dos museus brasileiros – a região centro oeste, o estado do Mato Grosso do Sul contabiliza 51 instituições museológicas.

Ao analisar o quadro, nota-se que existem no estado de MS, uma diversidade de tipologias de museus. Com predominância dos museus de História, História natural e Ciências naturais. Isso se deve a tipologia dos acervos e coleções, que apresentam em sua maioria objetos históricos que salvaguardam e preservam a história e a memória do Mato Grosso do Sul. As coleções de ciências naturais também se destacam, contribuindo com estudos e ações de educação ambiental, voltadas para as temáticas de anatomia, arqueologia, paleontologia, biodiversidade, zoologia, entre outras temáticas.

Os municípios com museus em Mato Grosso do Sul são: Amambaí; Antônio João; Aquidauana; Bandeirantes; Bela Vista; Bonito; Caarapó; Campo Grande; Cassilândia; Chapadão do Sul; Corumbá; Costa Rica; Coxim; Dourados; Glória de Dourados; Jardim; Jateí; Maracaju; Miranda; Mundo Novo; Nova Andradina; Paranaíba; Ponta Porã; Porto Murtinho e Sonora (Ibram, 2011).

No Município de Campo Grande/MS, destacam-se: Museu da Imagem e Som – MIS; Museu das Culturas Dom Bosco; Museu de Arqueologia da UFMS; Museu de Arte Contemporânea – Marco; Museu de Medicina de Mato Grosso do Sul; Museu José Antônio Pereira e Museu Lídia Baís.

Essas instituições destacam-se no âmbito educativo, pois recebem frequentemente grupos escolares, além de possuírem programas e projetos exclusivos para receber este o público de estudantes.

5.5 ALGUMAS PESQUISAS SOBRE MUSEUS NO MATO GROSSO DO SUL

Em Mato Grosso do Sul alguns pesquisadores se destacam por dedicar seus estudos à temática dos museus, a partir de uma busca no Google acadêmico, com os descritores “*Museus do Mato Grosso do Sul*”, destacam-se algumas investigações conforme descrição abaixo.

Dirceu van Lonkhuijzen que está com sua pesquisa de doutorado em andamento, destaca-se por possuir inúmeras pesquisas dedicadas aos museus, entre elas destacam-se: *Iniciativas de Acessibilidade no Museu das Culturas: Dom Bosco-MCDB (2013)*; *Contribuições das Coleções de Geociências do Museu das Culturas Dom Bosco para o Ensino de Ciências e Educação Patrimonial/Ambiental (2016)*; *Educação Ambiental e museus: janelas epistemológicas do passado, presente e futuro (2022)*. Entre outras importantes produções voltadas para museus do autor.

As autoras Maria Augusta de Castilho e Regiane Platero Ferreira, também contribuíram com as pesquisas voltadas para museus do MS. Com trabalho intitulado: *O Museu das Culturas Dom Bosco: História, Identidade e Potencialidade de Desenvolvimento Local na Educação Básica (2012)*.

Maria Christina de Lima Félix Santos, deixou sua contribuição, com alguns trabalhos sobre museus, entre eles: *O patrimônio histórico museal em Campo Grande - MS: perspectivas e desafios no contexto do desenvolvimento local (2019)*. E atividades Educativas Não Formais Realizadas no Museu de Arte Contemporânea-Marco de Mato Grosso Do Sul (2020), em conjunto com as autoras MADELLA, Catia Regina Madella e Maria Augusta de Castilho. Entre outros trabalhos.

Souza Perrelli, M. A, Gomes de Miranda, N. R. Kashimoto, E. M., & Queiroz, D. S. (2016). Produziram o texto: *Museu Dom Bosco após 50 anos (2016)*. A autora Perelli também produziu o texto: *Experiências de pesquisa e extensão no Museu Dom*

Bosco (2005), juntamente com Lidiamar Barbosa de Albuquerque; Elaine Aparecida Carvalho dos Anjos-Aquino.

Gilson Rodolfo Martins (Martins, 2009) produziu textos como: *Histórico da Criação do MuArq–Museu de Arqueologia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul* (2009). *Contribuições da Etno-História para a arqueologia do nordeste do Mato Grosso do Sul, na área impactada pelo gasoduto Bolívia-Brasil*, 2001.

Renan Carnáuba de Oliveira desenvolveu sua dissertação com um estudo voltado para o Museu da Arte Contemporânea, intitulado: *Arte e educação geográfica: possibilidades a partir de obras do Museu de Arte Contemporânea de Mato Grosso do Sul (MARCO)* 2020.

A dissertação de Douglas Proença de Santana foi produzida a partir da análise de um museu do interior do Mato Grosso do Sul. Intitulada: *Museus como ferramenta pedagógica: o caso do museu arqueológico e histórico de Coxim/MS* (2017).

Outra contribuição inspirada em um museu do interior foi o trabalho da autora Lilian Santos da Silva Fontanari. Intitulada: *Um pantanal inundado de memórias: análise das ações e do caráter educativo do Museu de História do Pantanal (Muhpan), Corumbá, MS, Brasil* (2014).

Ketylen Karyne Santos Silva e Josiane Peres Gonçalves. Produziram o texto: *Visitas livres versus visitas orientadas: aprendizagem no espaço educativo do Museu de História do Pantanal em Corumbá/MS* (2020).

Outra contribuição, voltada para um museu do interior, é o trabalho de Claudia Vera da Silveira, Carlos Otávio Zamberlan e Alessandra de Freitas Fontanive. O trabalho está intitulado: *Valoração Econômica do Museu da Erva-Mate no Município de Ponta Porã* (2019).

Diversos outros pesquisadores(as), que aqui não foram citados, são importantes na área dos museus, e contribuem com estudos que descrevem e enaltecem o potencial dos museus do Mato Grosso do Sul, dedicando seus estudos voltados para as instituições museológicas.

Todavia, para analisarmos com profundidade as produções textuais e pesquisas voltadas para estudos em museus do Mato Grosso do Sul, faz-se necessário uma revisão de literatura sistemática dessa temática. Que futuramente será realizada pela autora.

Outra importante reflexão, passível de análise a partir dessa breve análise da produção de pesquisas voltadas para museus no Mato Grosso do Sul, possibilita-nos visualizar a escassez de trabalhos voltados para os mediadores das instituições museais do Mato Grosso do Sul. Nesse tocante reforça-se a necessidade da realização de pesquisas com esse público em específico.

5.6 MUSEUS E EDUCAÇÃO: ALGUMAS RELAÇÕES E CONEXÕES

No Brasil, inicialmente as instituições museais eram frequentadas apenas pela elite, por pessoas que pertenciam à família real e/ou possuíam um grande poder aquisitivo.

Foi a partir da década de 1960 do século XX, que os museus passaram por uma transformação, passando a aproximar-se, lentamente, da sociedade em geral. É o que afirma Julião (2006):

Os museus iniciam um processo de reformulação de suas estruturas, procurando compatibilizar suas atividades com as novas demandas da sociedade. Deixam de ser espaços consagrados exclusivamente à cultura das elites, aos fatos e personagens excepcionais da história e passam a incorporar questões da vida cotidiana das comunidades, a exemplo das lutas pela preservação do meio ambiente e da memória de grupos sociais específicos. Atuando como instrumentos de extensão cultural, desenvolvem atividades para atender a um público diversificado – crianças, jovens, idosos, deficientes físicos – e, ao mesmo tempo, estendem sua atuação para além de suas sedes, chegando às escolas, fábricas, sindicatos e periferias das cidades (JULIÃO, 2006, p. 25).

E se antes eles eram restritos a um grupo seletivo de pessoas, com o passar do tempo os museus foram se tornando mais acessíveis e democráticos, abertos para todos os públicos.

A princípio assim surgiram nos museus, o objetivo da promoção de ações educativas, pois antes sua principal função era salvar e armazenar coleções, que não necessariamente eram expostas ao público. Mas ao longo da história, com maior e mais diverso público, a sua função passou a ser também educativa. Com isto, o seu potencial educativo foi crescendo e ganhando notoriedade, inclusive passou a ser objeto de pesquisas.

Quem reforça e fortalece este discurso são as produções voltadas para o potencial educativo museal e a relação Museu-Escola, de Cazelli (2003); Martins (2006; 2011); Gruzman e Siqueira (2007); Marandino (2001;2005;2015).

Segundo Marandino (2015) às pesquisas educacionais desenvolvidas dentro de espaços museais que visam mensurar as potencialidades pedagógicas destes locais, que comumente recebem grupos escolares, vem se intensificando, visto que, cada vez mais reconhece-se que os espaços educativos ultrapassam os muros escolares, e que os espaços fora do ambiente escolar têm sido reconhecidos e valorizados quanto o seu potencial no processo de ensino aprendizagem de professores e alunos. Referenciada na literatura como educação não formal, ou seja, processos educativos que acontecem fora da escola, que se destacam pela interdisciplinaridade, possibilidade da união de teoria e prática, vem cada vez mais contribuindo para inovação do ensino (Marandino, 2015).

Mas para conhecer estes espaços museais, é preciso um profissional que faça a mediação, sejam guias museais, guias de visitas orientadas, mediadores museais, mediadores culturais, educadores museais, monitores, entre outras denominações.

Segundo Carlétti (2015) os mediadores de centros e museus são atores-chave na mediação entre a ciência e o público no Brasil. Nessa perspectiva, é importante destacar que é preciso romper o viés reprodutivo e conservacionista dos educadores museais. Evidenciando que os mesmos não são apenas reprodutores de um discurso, que passam o dia todo dentro de um museu apresentando e reproduzindo a história de coisas e acontecimentos históricos de forma desconexa e fragmentada.

Por este motivo, estes profissionais devem ser devidamente capacitados, pois necessitam de um aprofundamento teórico e de envolvimento com questões e projetos interdisciplinares. Com isto, espera-se que possam conduzir os visitantes aos museus, e que ao longo dessas visitas possam apresentar as exposições de forma contextualizada, incentivando e promovendo diálogos entre as vertentes ambientais, sócio, históricos, econômicos e culturais.

No cotidiano do trabalho de um educador museal, as funções exercidas pelo mesmo, vão muito além de recepcionar e conduzir grupos de pessoas pelos museus. Vejamos no quadro abaixo, as principais ações educativas desenvolvidas em Museus.

Quadro– 10 - Principais ações educativas desenvolvidas nos museus brasileiros.

PRINCIPAIS AÇÕES EDUCATIVAS DESENVOLVIDAS NOS MUSEUS BRASILEIROS
<p>1. As visitas guiadas e orientadas Exigem um agendamento formal. Antes de a visita se realizar, o museu entra em contato com o solicitante para apresentar e/ou definir o roteiro. Busca-se preparar o itinerário em função do conteúdo que o professor está trabalhando em aula e suas expectativas e perspectivas em relação à visita. Em geral, o profissional do museu que atenderá os visitantes é um monitor ou estagiário.</p>
<p>2. Os roteiros de visitas São ferramentas cuja finalidade é otimizar uma visita ao museu. O material é desenvolvido pela equipe pedagógica e envolve informações que são repassadas ao professor sobre o conteúdo que será trabalhado, tais como: o movimento artístico, os artistas e as obras. Também são distribuídos aos alunos livretos com atividades a serem realizadas pelos estudantes: jogos de palavras, de caça-imagens, de pintura e quebra-cabeças.</p>
<p>3. As atividades complementares às visitas São oferecidas atividades como: experiências táteis e sinestésicas; contação de histórias; palestra, seminário e aula aberta; atividades de formação de professores, etc.</p>
<p>4. A biblioteca do museu de arte Em geral, a biblioteca de museus de arte é aberta ao público e possui um acervo especializado em artes plásticas. Sua finalidade é fornecer subsídios aos seus usuários no âmbito da didática e da pesquisa. Conta com exemplares nas áreas de patrimônio cultural e museologia, além de revistas, catálogos, vídeos, DVDs e fotografias. Podem oferecer serviço de consulta ao acervo por intermédio de página na internet.</p>
<p>5. O material editorial e eletrônico Compreende a confecção de: folders, convites, catálogos e livretos dos eventos realizados no museu; vídeo documentário; ambientes de aprendizagem online presentes em museus. Em geral, os eventos culturais geram uma gama variada de materiais impressos. Os catálogos podem dar subsídios aos visitantes da exposição ao oferecer informações sobre o artista e sua obra.</p>
<p>6. As oficinas de arte e apresentações artísticas Trata-se da oferta de espetáculos musicais de orquestra sinfônica, grupos de jazz, conjuntos de câmara, solistas e corais. Também engloba oficinas de desenho, pintura e escultura ou outras técnicas. Estas podem ser oferecidas com a participação de artistas da comunidade, instituições de ensino superior ou ateliê livre.</p>
<p>7. As atividades relacionadas diretamente às exposições Muitos museus acolhem ações na forma de programas ou projetos de curta ou longa duração. Compreendem atividades que buscam promover, por exemplo, a inclusão social. Esse tipo de ação objetiva integrar o objeto-signo em exposição à vida da comunidade.</p>

Fonte: Silveira, 2011, p. 31.

A partir da análise desse quadro, evidencia-se o quão complexo é o papel do educador de museus, visto que o mesmo desempenha inúmeras funções de suma importância na promoção das ações educativas desenvolvidas pelas instituições museológicas.

Quanto à relevância educacional, apontamos que nada melhor do que explorar um espaço não formal de educação para a promoção destes diálogos interdisciplinares. Sair do ambiente escolar é uma experiência que se descola das disciplinas tradicionais. Segundo Marandino (2016, p.9) “Museus são locais propícios para motivar, desenvolver atividades e estabelecer diálogos e interações entre grupos”.

Segundo Chagas (1993) a educação formal e não formal caracteriza-se da seguinte maneira:

A educação formal caracteriza-se por ser altamente estruturada. Desenvolve-se no seio de instituições próprias — escolas e universidades — onde o aluno deve seguir um programa predeterminado, semelhante ao dos outros alunos que frequentam a mesma instituição. A educação não-formal processa-se fora da esfera escolar e é veiculada pelos museus, meios de comunicação e outras instituições que organizam eventos de diversa ordem, tais como cursos livres, feiras e encontros, com o propósito de ensinar ciência a um público heterogêneo. A aprendizagem não-formal desenvolve-se, assim, de acordo com os desejos do indivíduo, num clima especialmente concebido para se tornar agradável (Chagas, 1993, p.2).

A autora afirma também que “cada vez mais professores das diferentes áreas se interessam por conhecer melhor este espaço, tendo por objetivo proporcionar um melhor aproveitamento do mesmo pelos alunos” (Marandino, 2001a, p. 87).

Partindo desses apontamentos, é importante destacar também, que os museus são importantes espaços para o desenvolvimento de pesquisas acadêmicas, divulgação científica, ações educativas, lazer, cultura, turismo, além de resgatarem memórias e preservarem a história do patrimônio cultural. Partindo dessa premissa, os espaços não formais de educação, podem ser uma ótima ferramenta educativa para o professor agregar a sua prática docente. Os museus, por exemplo, possuem um grande potencial educativo para todos os cidadãos, pois possibilitam que os mesmos construam e disseminem a compreensão sobre o respeito e a valorização do patrimônio histórico-cultural regional e nacional.

Conforme Chagas (2002) define a dimensão educativa dos museus:

“Importa esclarecer, portanto, por mais óbvio que isto seja, que a educação aqui está sendo pensada como um processo dialógico comprometido com a transformação social, com a instrumentalização de indivíduos e grupos sociais para o melhor enfrentamento de seu acervo de problemas e isso através de uma formação humanística, do desenvolvimento da criatividade, do aprimoramento da inteligência crítica e reflexiva. Essa perspectiva é oposta ao individualismo exacerbado, ao estímulo à competição, ao dogmatismo religioso e científico (Chagas, 2002, p.52).”

Torna-se importante investigações para identificar possíveis equívocos conceituais e defasagens na formação destes profissionais. E, no que diz respeito ao conceito de Educação Ambiental (EA), a fim de fomentar investigações quanto às concepções, equívocos conceituais, os obstáculos, e as dificuldades apontadas pelos mesmos.

Considera-se conforme Reigota (1998) que para a realização de atividades de Educação Ambiental, é preciso de antemão, investigar as concepções das pessoas sobre meio ambiente e sobre a prática da EA. Assim, as concepções são fundamentais para que, posteriormente, se possa traçar estratégias e realizar capacitações profissionais que proporcionem a promoção de subsídios teóricos-metodológicos aos educadores museais, para que os envolvidos, possam não apenas apresentar as exposições museais ao público. Isto é a base para que se vá além, estabelecendo os diálogos, conexões e contextualizações interdisciplinares necessárias nos museus, principalmente no que diz respeito ao contexto escolar. Nessa perspectiva, espera-se que a realização desta pesquisa, seja relevante educacionalmente, e contribua com a melhorias na formação e atuação dos educadores museais

No que diz respeito às interfaces entre temática da interdisciplinaridade e os museus, diversas são as possibilidades de relacioná-la e explorá-la nestes espaços. Mas nem sempre as proposições e abordagens interdisciplinares são fáceis. Pois para explorar abordagens interdisciplinares, é necessária uma transformação na formação de professores e em um novo jeito de ensinar (Fazenda, 1979).

Por este motivo, a formação pela e para a interdisciplinaridade precisa ser revista, principalmente no que tange ao aprofundamento teórico, como os fundamentos conceituais, as estratégias didáticas, as metodologias e as práticas de intervenção.

Por isso reforça-se que, para que futuras estratégias de melhorias na formação dos educadores museais sejam realizadas, é preciso antes de mais nada, investigar o perfil dos mesmos, assim futuramente possíveis capacitações, especializações e cursos de pós-graduação poderão ser propostos para a melhoria da formação destes profissionais.

Ao refletirmos sobre as relações e conexões entre os museus e a educação, é relevante dissertar sobre as conexões entre os museus e a EA. Visto que os museus são

espaços oportunos e férteis para a realização de práticas educativas voltadas para a promoção da EA.

A respeito das interfaces entre as temáticas voltadas para a educação ambiental e interdisciplinaridade em museus, reconhece-se que as mesmas devem ser conectadas, e nesse sentido devem ser trabalhadas e abordadas de forma conjunta. Foi pensando nas conexões e diálogos entre estas temáticas, que foi visualizada a necessidade da realização de um levantamento das concepções prévias dos educadores museais a respeito do potencial educativo interdisciplinar dos museus. Haja vista que sua abordagem deve ser multidimensional, possibilitando o processo de Alfabetização Científica em Museus, conforme destacam as produções científicas de Marandino (2013;2015); Cerati (2013;2014).

A importância da Educação Ambiental não formal, é enfatizada na Lei no 9.795 de 1999, que institui a Educação Ambiental no Brasil, na seção III, o artigo 13 considera que a “educação ambiental não formal as ações e práticas educativas voltadas à sensibilização da coletividade sobre as questões ambientais e à sua organização e participação na defesa da qualidade do meio ambiente” (Brasil, 1999).

Ainda complementa com:

Parágrafo único. O Poder Público, em níveis federal, estadual e municipal, incentivar: I - a difusão, por intermédio dos meios de comunicação de massa, em espaços nobres, de programas e campanhas educativas, e de informações acerca de temas relacionados ao meio ambiente- II - a ampla participação da escola, da universidade e de organizações não-governamentais na formulação e execução de programas e atividades vinculadas à educação ambiental não-formal;-III - a participação de empresas públicas e privadas no desenvolvimento de programas de educação ambiental em parceria com a escola, a universidade e as organizações não-governamentais- IV - a sensibilização da sociedade para a importância das unidades de conservação-; V - a sensibilização ambiental das populações tradicionais ligadas às unidades de conservação- VI - a sensibilização ambiental dos agricultores;-VII - o ecoturismo (Brasil, 1999).

Evidencia-se a importância da difusão das ações voltadas para a Educação Ambiental em todos os espaços, sejam eles públicos e/ou privados, sendo os museus locais de grande potencial educativo. Nesse processo, a participação e a colaboração de toda a comunidade envolvida, tendo como o principal objetivo sensibilizar os indivíduos, no que tange às questões e problemáticas ambientais.

6. A INVESTIGAÇÃO EMPÍRICA SOBRE E SEUS RESULTADOS

6.1 PARTICIPANTES DA PESQUISA: CRITÉRIOS DE INCLUSÃO E IDENTIFICAÇÃO

Todos os participantes da pesquisa oficializaram o aceite através da assinatura e/ou concordaram após a leitura do Termo de Esclarecimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Sendo que, como critério de inclusão na pesquisa, os mesmos, deveriam ter atuado ou estarem atuando como educadores museais, ou seja, os ex educadores museais também estão inclusos na presente pesquisa.

Como critério ético e sigiloso de identificação, os Gestores museais foram identificados pelos códigos: G01; G02, e G03. Sendo que a ordem foi estabelecida pela data da realização das entrevistas.

Quem são estes(as) Gestores(as)? Porque foram convidados a participar da presente pesquisa? Pois bem, o critério de seleção a princípio seria de museus universitários do município de Campo Grande/MS, com ênfase na tipologia de ciências e história natural, que possuem programas educativos e/ou que recebam grupos escolares com frequência. Sendo posteriormente ampliado, com a inclusão de mais um museu do município de Corumbá, que também recebe frequentemente uma grande quantidade de grupos escolares.

Já os educadores museais, também foram identificados por códigos, também obedecendo a ordem de recebimento das respostas do questionário, através da plataforma do Google Forms, que ordena o recebimento da devolutiva dos questionários. Seguindo-se estas recepções das respostas, os Educadores museais foram identificados como ED01; ED02; ED03; ED04 e assim sucessivamente.

Ao todo, foram registradas 09 respostas, ou seja, nove Educadores museais responderam ao questionário, concretizando assim suas valiosas participações na presente pesquisa. É importante destacar que 02 pessoas responderam as questões de forma duplicada, pois foi evidenciado o mesmo email de participação, por este motivo, um critério de exclusão foi utilizado, para garantir a fidedignidade da pesquisa. Sendo assim, foram consideradas válidas as respostas registradas no primeiro acesso do participante com o email registrado.

As entrevistas foram realizadas de forma virtual, através da plataforma do Google Meet, ambas foram gravadas, com o consentimento dos gestores dos museus. As entrevistas duraram em torno de 40 minutos, e seguiram o roteiro da entrevista (Apêndice 02), contendo um total de 30 questões. Após a realização, ambas foram transcritas, analisadas e discutidas pela pesquisadora na seção próxima seção da presente monografia.

Os questionários foram disponibilizados de forma online, através da plataforma Google Forms, disponível no link: <https://docs.google.com/forms/d/1m8fXuHL9jwttetWHkTwDBp8JbUWWPNAY0zNboAg-uuZc/edit>.

O questionário estava organizado por seções, contendo questões abertas e fechadas, totalizando 63 questões. Vejamos agora quais eram as cinco seções: 1) termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE); 2) Perfil dos Educadores Museais; 3) Interdisciplinaridade; 4) Educação Ambiental e 5) Museus.

6.2 RESULTADOS E DISCUSSÕES DAS ENTREVISTAS

Em geral, os colaboradores da pesquisa apresentam um grande amor pela profissão, um brilho no olhar ao tratar o assunto. Todos possuem uma vida dedicada aos museus, horas e horas de trabalho, estudos, planejamentos e dedicação. Eles pertencem às instituições em que atuam, gostam de estar lá, e querem sempre mais, apontando mais estudos, mais reconhecimentos, mais instituições parceiras. Indicam a necessidade de mais formação, mais profissionais para dividirem com eles a magnífica profissão de Educadores Museais. Ou seja, apontam a importância de mais valorização, mais companheirismo no trabalho, mais investimentos nas instituições onde atuam. Culminando sim em uma maior notoriedade dessas importantes instituições de lazer, cultura, ciência, pesquisa e educação.

E para exemplificar o comprometimento e o amor destes profissionais com suas instituições de trabalho, trago um trecho da entrevista com G3: “[...] Por mais que seja o nosso campo de trabalho e o nosso ganha pão, mas também é algo que a gente faz com prazer e com alegria, é uma coisa prazerosa, e aí você não consegue desvincular isso da própria satisfação de estar ali presente fazendo e realizado um trabalho bom, ou pelo menos tentando fazer”.

Os relatos levantados, possibilitaram a análise das diferentes realidades e vivências em instituições públicas e privadas. Seja no que diz respeito à valorização, aos investimentos e às parcerias. Notou-se que para as instituições públicas tudo é mais burocrático. Isso não significa que as instituições privadas não passem por dificuldades, mas se comparadas às públicas, estas instituições são mais privilegiadas. Esses resultados corroboram com as referências de Janjacom (2018); Silva (2018); Daniel (2019); Emerich (2019); Roldi (2019); Elysio (2019); Rocha (2020); Shimizu (2021); Massarani (2021; 2022); De Oliveira (2022); De Souza (2022), que apontaram em suas pesquisas diversas problemáticas vivenciadas pelos educadores museais.

Vejamos a seguir detalhadamente quem são os(as) Gestores(as), que aceitaram voluntariamente participar desta pesquisa, compartilhando suas experiências de vida e de profissão dedicadas aos museus. Vale ressaltar que, atendendo ao Comitê de ética de Pesquisa (CEP), a imagem e identificação dos(as) Gestores(as) será preservada. Para tanto, a fim de facilitar a tabulação e divulgação dos resultados, os(as) Gestores(as) foram identificados através de Códigos, sendo eles: G1, G2, G3. Cujo a ordem crescente foi organizada a partir da realização das entrevistas.

Quadro 11. Perfil dos(as) Gestores Museais.

Códigos	Gênero	Idade	Formação	Vínculo Profissional com o Museu	Tempo de atuação nos museus	Forma de ingresso no Museu
G1	Feminino	49	Graduação em História (Licenciatura); Técnica de Laboratório em Arqueologia; Especialista em Educação Ambiental; Mestre em Antropologia; Doutoranda em Ensino de Ciências;	Concursada	15 anos	Bolsista de Graduação
G2	Masculino	49	Graduação em Geografia (bacharelado e licenciatura); Especialista em Educação Ambiental; Técnico em museologia; Mestre em Ensino de Ciências; e Doutorando(a) em Ensino de Ciências.	Contratado(a)	18 anos	Bolsista de Graduação
G3	Feminino	55	Graduação em Ciências Contábeis; Licenciatura em História; Especialista em História Regional (Humanidades); Mestranda em Estudos Fronteiriços	Concursado(a)	2 anos	Bolsista de Graduação

Fonte: a autora (2023).

Ao analisar estes dados, nota-se a similaridade com a qual os Gestores ingressaram e/ou iniciaram sua atuação nos museus, veremos também que partiram de pesquisas e/ou bolsas de graduação, e que posteriormente foram evoluindo para outros cargos e funções exercidas nos museus. Vejamos abaixo uma síntese das entrevistas com os(as) Gestores(as) Museais.

6.2.1 ENTREVISTA – GESTORA 1 (G1)

A entrevista com G1 foi realizada via videoconferência pela plataforma do Google Meet, no dia 17/07/2023 às 14 horas da tarde, e teve como resultado uma gravação de 01:08:04 (uma hora, oito minutos e quatro segundos).

A G1 possui formação de Graduação em História (Licenciatura); Técnica de Laboratório em Arqueologia; Especialista em Educação Ambiental; Mestre em Antropologia; Doutoranda em Ensino de Ciências. Em 2008 começou a atuar no universo dos museus através de uma bolsa de Iniciação científica. E em 2012 tornou-se concursada e passou a atuar de forma efetiva no museu. Segundo G1, sua participação em cursos e/ou capacitações na área de museus, museologia ou educação museal pelo menos a cada dois ou meses, totalizando a participação de em média 4 a 6 capacitações e/ou cursos por ano, seja de forma presencial e/ou online, geralmente oferecidos pelo Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM).

No que diz respeito ao perfil de visitantes do museu em que atua, segundo G1, a grande maioria de visitantes é composta de grupos escolares. Mas aponta que além disso, recebem outros grupos de universitários, famílias, turistas, ONGs, entre outros.

Segundo G1, atualmente o museu onde atua conta com 2 educadores museais concursados(as), além de anualmente ter a disposição de 1 a 4 estagiários em média para auxiliarem na recepção de visitantes. Ao receber os visitantes, os roteiros são pré-estabelecidos, sendo que as visitas podem ser mediadas ou livres, tudo vai depender do tipo de público e dos objetivos dos grupos de visitantes. Aponta ainda que duram entre 15 min (Visita sem mediação), ou duram até uma hora e meia, no caso de visitas mediadas, com grupos de em média 25 integrantes.

Em relação às parcerias realizadas no museu e as parcerias firmadas com outras instituições, G1 relatou que o museu possui um grande número de projetos e que existe parceria com uma universidade pública, e com a Secretaria de Educação (SEMED).

No que tange a seleção e/ou contratação de profissionais para atuarem como Educadores Museais, a grande maioria são provenientes de estágios não obrigatórios, e uma minoria são contratados de forma efetiva por meio de concurso. Segundo G1 a

seleção dos educadores acontece via edital, com diversas etapas de seleção, como análise de currículo, entrevista e/ou provas. Além disso, alguns acadêmicos de uma universidade parceira, são selecionados via Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC).

Assim que iniciam seus estágios no museu, os estudantes passam por um período de treinamento, onde iniciam a ambientação no museu, o conhecimento do acervo, os estudos de textos e artigos, a participação em palestras e oficinas no museu, além de acompanharem os Educadores mais experientes conduzindo grupos escolares. Segundo G1, levam em média entre um e meio a três meses para conduzirem grupos escolares com autonomia.

Já quanto às formações e capacitações realizadas ou oferecidas no museu, segundo G1, as capacitações geralmente são oferecidas e/ou solicitadas por instituições parceiras e até mesmo outros municípios e Instituições de Ensino Superior (IES), que solicitam que as formações sejam realizadas no Museu. Quanto aos objetivos e abordagens das formações, segundo G1, podem ser bem diversificados, tudo vai depender do público.

6.2.2 ENTREVISTA – GESTOR 2 (G2)

A entrevista com G2 foi realizada via videoconferência pela plataforma do Google Meet, no dia 18/07/2023 às 10 horas da manhã, e teve como resultado uma gravação de 01:58:34 (uma hora, cinquenta e oito minutos e trinta e quatro segundos).

O G2, possui formação de Graduação licenciatura e bacharelado em Geografia, especialista em Educação ambiental, é Técnico em Museologia, possui Mestrado em Ensino de Ciências, e atualmente possui Doutorado em andamento em Ensino de Ciências.

G2 começou a atuar no universo dos museus em 2002 através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (Pibic) como bolsista de iniciação científica. E em 2005 através de um processo seletivo foi contratado(a) e passou a atuar de forma efetiva no museu. Segundo G2, sua participação em cursos e/ou capacitações na área de museus, museologia ou educação museal ocorre sempre que pode e tem

disponibilidade de tempo. Através de grupos de mídia e redes sociais, semanalmente G2 fica sabendo de oportunidades de cursos, palestras, eventos, e sempre que possível procura participar, além disso diz gostar de trocar experiências presencialmente com os colegas da área e do ambiente de trabalho.

Quando nos referimos às formações oferecidas na instituição museal onde G2 atua relata que a instituição possui parceria com a SEMED e com a SED, e periodicamente, quando solicitado, o museu oferece momentos de capacitações e formações com os profissionais da educação da rede municipal e estadual. Além disso, o museu costuma ofertar capacitações para guias de turismo em parceria com o Sindicato de Guias de Turismo (SINGTUR MS). Segundo G2, no período anterior à pandemia, o museu recebia grupos de cerca de 20 a 25 professores de diferentes disciplinas para serem capacitados.

No que diz respeito ao perfil de visitantes do museu em que atua, segundo G2, a grande maioria de visitantes é composta de grupos escolares, sendo os estudantes do Ensino Fundamental os que mais visitam o museu. Além disso, indica outros grupos formados por universitários, professores, famílias, turistas, turistas estrangeiros, ONGs, entre outros grupos.

Segundo G2, ao recepcionar os visitantes, os roteiros são pré-estabelecidos, sendo que as visitas podem ser mediadas ou livres, e tudo depende do tipo de público e dos objetivos dos grupos de visitantes. As visitas guiadas duram em média 2 horas, e geralmente o museu consegue agendar e recepcionar dois grupos de visitantes por período do dia, no caso de visitas guiadas, com grupos de em média 25 integrantes por educador museal.

Quanto ao quadro de profissionais, G2 relatou que a equipe é bem reduzida, totalizando atualmente 4 funcionários efetivos, sendo 2 educadores, 1 profissional atuando no administrativo, financeiro, recepção e parte técnica documental do museu, e outro colaborador que atua na parte conservativa, manutenção e limpeza. responsáveis por recepcionar os visitantes no Museu. Segundo G2, atualmente 2 funcionários desempenham essa função de recepcionar grupos de visitantes, sendo ele e outro colega. Além disso, anualmente o museu recebe estagiários de cursos de graduação de Instituições de Ensino Superior (IES). Os contratos de Bolsa de Iniciação Científica duram em média 1 ano, com a possibilidade de prorrogação por mais 1 não, totalizando

2 anos de atuação nos museus. Geralmente o Museu mantém vínculo de estágio com dois ou no máximo 4 estagiários, que atuam no museu no período matutino ou vespertino. A grande maioria dos estagiários é oriunda de cursos de licenciatura, como História, Biologia e Pedagogia.

Quando nos referimos ao processo de seleção de estagiários, G2 aponta que no passado existia um processo seletivo para a seleção de estagiários para atuarem no museu, mas atualmente a procura está bem baixa. G2 apontou que esse problema pode estar sendo influenciado pelo contexto das licenciaturas, que vem passando perdendo força nos últimos anos, e essa realidade acaba influenciando a baixa procura de estagiários para atuarem no museu, visto que, a grande maioria é oriunda de cursos de licenciatura.

G2 reforçou a importância do surgimento e desenvolvimento dos grupos e das redes sociais das Redes de Educadores de Mato Grosso do Sul, pois com eles, G2 administra e dissemina informações, eventos, palestras, cursos, formações, textos e outros materiais na área de Educação museal.

Apontou a importância do grupo de educadores museais na disseminação e compartilhamento das oportunidades de cursos, palestras, eventos entre outras oportunidades voltadas para a temática de museus e/ou educação museal, como o IBRAM que possui um projeto da “Escola virtual”, que tem disponível diversos cursos online voltados para educação museal, gestão de acervos, documentação, conservação e plano museológico.

6.2.3 ENTREVISTA - GESTORA (G3)

A entrevista com G3 foi realizada via videoconferência pela plataforma do Google Meet, no dia 21/07/2023 às 14 horas da tarde, e teve como resultado uma gravação de 01:30:51 (uma hora, trinta minutos e cinquenta e um segundos).

G3 possui formação em Graduação em Ciências Contábeis; Licenciatura em História; Especialista em História Regional (Humanidades); sendo mestranda em Estudos Fronteiriços. G3 é concursada, servidora pública e foi designada para atuar no museu no ano de 2021, atuando no mesmo a cerca de 2 anos. Mas sua experiência e

dedicação aos estudos voltados para a temática de museus vai muito além dos 2 anos de atuação no museu. G3 Começou a se apaixonar pelo universo dos museus desde 2008, quando a instituição onde atua foi inaugurada, em 2010 começou a cursar História, e no período de sua graduação foi estagiário(a) do museu por 2 anos. Após esse período realizou vários cursos e formações na área da Museologia, e em 2020 quando já era servidora pública foi designada para atuar de forma efetiva no museu.

G3 aponta que sua participação em cursos e/ou capacitações na área de museus, museologia ou educação museal pelo menos duas vezes por ano, seja de forma presencial e/ou online, geralmente oferecidos pelo Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), SENAI, SEBRAE, MuArq (UFMS), Prefeitura através da Fundação da Cultura e do Patrimônio Histórico do município onde reside.

Atualmente em seu ambiente de trabalho na recepção dos visitantes, a instituição conta apenas com 2 educadoras, além de gestora, G3 é educadora do museu, e conta com uma estagiária do curso de História, que é bolsista do PIBIC, que auxilia no atendimento dos visitantes. Sendo assim, todas as outras atribuições do Museu, como administração, recepção e agendamentos de visitas, ficam sob a responsabilidade de G3, além da recepção de visitantes também. Nessa perspectiva, G3 referiu-se a suas atribuições como árduas, considerando-se multitarefa. G3 ressaltou que atualmente o museu não está com nenhuma parceria com agências de estágio, mas que anteriormente, tinha parceria com o Instituto Euvaldo Lodi (IEL).

No que diz respeito ao perfil de visitantes do museu em que atua, segundo G3, a grande maioria de visitantes é composta de grupos escolares. Além de recepcionar outros grupos de universitários, famílias, turistas nacionais e internacionais, grupos de pessoas dos Centros de Referência de Assistência Social (CRAS), entre outros grupos.

A instituição recepciona em média 3 grupos escolares por semana, além de outros visitantes que visitam o museu sem agendamento prévio. Em média os grupos de 20 a 25 estudantes, e a visita guiada dura em média 2 horas.

Segundo G3, os(as) estagiários buscam estágios nos museus por interesse próprio. E após o período burocrático da assinatura da documentação de estágio, o estágio é aprovado e os(as) estagiários são treinados. Na primeira fase conhecem todos os espaços do museu, realizam leituras de textos e participam de grupos de estudos, juntamente com educadores experientes. Após esse período começam a acompanhar e

observar os educadores museais que estão conduzindo grupos de visitantes, e posteriormente iniciam o processo de condução de grupos de visitantes. Segundo G3, este período dura em torno de 1 mês a 1 mês e meio (45 dias) para estarem preparados(as) para conduzir grupos visitantes.

Com a participação dos entrevistados vimos que os mesmos compreendem o papel importante dos museus e atuam como educadores, além de gestores. Vimos ainda que estagiários são fundamentais para que os museus realizem suas tarefas e que há público interessado pelos museus, sobretudo os escolares. Duas questões que consideramos essenciais e muito pertinentes para a temática proposta neste trabalho foram selecionadas. E serão apresentadas logo abaixo na íntegra.

Quadro 12. Respostas dos Gestores(as) sobre o questionamento: Qual a função dos museus?

Códigos	Respostas
G1	“Essa pergunta é difícil, por que tem tantas funções. Eu acho que a primeira função que o museu deve ter é ser democrático, ele tem que ser inclusivo, ele tem que ser sustentável, e o museu ele socializa o conhecimento, as pesquisas, ele preserva. Aí vem toda aquela questão que é a definição do museu pelo ICOM, então , o museu ele coleciona, ele conserva, ele preserva, divulga. Então assim, ele traz a reflexão crítica, ele partilha o conhecimento e também tem essa mediação dentro do museu, entre o visitante com você. Então assim, é eu acho que o acesso ao museu, ele garante para o público em geral conhecer um pouquinho do seu patrimônio. Daquilo que é o patrimônio cultural de todos né, todos os cidadãos. Então eu acho que tem várias funções né. A educação que é importantíssima né educação. E fora as experiências né . Que aí vem o lado do turismo também, que as pessoas buscam muito hoje né, essa questão de vivenciar essas experiências mesmo que de forma turística mas conhecer estes espaços culturais”.
G2	“ É o museu vem se transformando ao longo do tempo. Mas hoje eu entendo um museu como um espaço para a sociedade. A função do museu, são mais de uma função, eu penso que são funções no plural. Essas funções elas vão desde da salvaguarda da memória material e imaterial de um povo, de uma sociedade. Como também o papel educativo que essa instituição museu traz nos seus setores educativos, como também do lado lúdico, de lazer, como atrativo turístico ou cultural, para que a sociedade tenha esse espaço também como um espaço além de memória, de conhecimento, mas também de prazer e de lazer”.
G3	“ Para mim a função básica e principal do museu é educar. Educar no sentido de não aquela educação é formal, que você tem em sala de aula, mas um educar voltado para outras realidades, para outros saberes [...] mesmo que a pessoa não seja da área de história, ele acaba indo para a história, então ele sai de lá com um pequeno conhecimento sobre a história regional e sobre o Pantanal, [...] e sobre a arqueologia pantaneira, e sobre os povos originários. E então, [...] ele não é apenas um ambiente é fértil no campo educacional, porque a educação ela está inserida nele faz parte dele o tempo todo, porém ele tem condições de sair de lá com outros conhecimentos também, com uma visão mais ampla do que é essa região, de como se formou, de como se deu essa conquista desse espaço, então até o Tratado de Tordesilhas, os primeiros tratados, aí a gente trata de tudo. Então no caso, na minha concepção o museu não é apenas um lugar, é com objetos expostos e prontos para serem visto se lembrar de alguma coisa, ele é principalmente um lugar de saberes, né onde os saberes se encontram. E aí não só o saber material do patrimônio material que é o edificado, que é o que você pode pegar, mas também do

<p>patrimônio imaterial que é aquilo que existe entre a gente e as pessoas não conseguem pegar, mas ela está presente, que são os saberes relativos às festas, as tradições, é o modo de fazer a viola de cocho, é o banho de São João, isso tudo está inserido dentro de um museu, de um espaço denominado museu. Então o saber que se tem dentro de um museu, ele vai muito além daquele de uma sala de aula, ele vai muito além daquilo que a gente entende como educação, ele vai muito além daquilo que a gente pode chamar de é educandário né, ele vai muito além disso, então ele é um espaço que te propicia uma visão mais ampla do todo, dentro de uma certa realidade, então é muito amplo... é uma pergunta bem complicada realmente... profunda”.</p>

Fonte: a autora (2023).

Essas respostas demonstram o quão complexo é o universo dos museus. A partir dos significados definidos pelos protagonistas que neles atuam, e encontram-se no “chão” dos museus.

Pois são essas pessoas que dão vida aos museus e às suas instituições atribuem com propriedade diversas funções aos museus. Nota-se que as definições da função dos museus atribuídas pelos(as) gestores(as) se complementam entre si, e demonstram que os museus não tem apenas uma função, mas sim diversas e desmesuradas funções no plural, pois suas funções são infinitas e múltiplas.

É importante destacar também que ambas as respostas dos gestores, a respeito da função dos museus, estão em conformidade com a definição de museus mais atualizada da literatura do Conselho Internacional de Museus - ICOM (2022), que já foi mencionada anteriormente em outro capítulo deste texto. Reforçando que os museus devem estar a serviço da sociedade, desempenhando a função de pesquisar, colecionar, conservar, interpretar e expor o patrimônio material e imaterial, além disso estas instituições devem estar abertas ao público, serem acessíveis e inclusivas, além de fomentar a diversidade e a sustentabilidade (ICOM, 2022).

Ao analisarmos estas respostas faz-se necessário destacarmos que a função dos museus vem passando por diversas mudanças ao longo de sua história. Os museus são instituições dinâmicas e diversificadas.

Dentre as principais funções do museu destacam-se, as funções social e educativa dos museus, além de serem espaços de pesquisa, preservação e comunicação. De fato os museus são para as pessoas, pois os mesmos preservam a história e as memórias das pessoas.

A relevância da função educativa dos museus também é reforçada nas produções voltadas para o potencial educativo museal e a relação Museu-Escola, de Cazelli (2003); Martins (2006; 2011); Gruzman e Siqueira (2007); Marandino (2001;2005;2015).

Nesse contexto, no que diz respeito a legislação o Estatuto de Museus (2009) lei 11. 904 conceitua os museus e destaca o papel educacional dessas instituições:

Consideram-se museus, para os efeitos desta Lei, as instituições sem fins lucrativos que conservam, investigam, comunicam, interpretam e expõem, para fins de preservação, estudo, pesquisa, educação, contemplação e turismo, conjuntos e coleções de valor histórico, artístico, científico, técnico ou de qualquer outra natureza cultural, abertas ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento (BRASIL, 2009).

Outro importante referencial, o Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM) reforça que : “ Uma das principais funções de um museu é a educação museal, uma vez que o desenvolvimento de processos educativos aprimora a execução das funções básicas dos museus de educar e comunicar.” (IBRAM, 2019, p.12).

Evidencia-se que a função educativa dos museus é uma das mais conhecidas e marcantes nestas instituições. Essa importância é tão grandiosa, que possui até uma definição própria denominada Educação museal. Que de acordo com o IBRAM (2019):

Consiste em práticas e processos educativos que, por meio dos bens musealizados e de diversas relações de mediação, contribuem para a construção simbólica e concreta do significado de patrimônio cultural partilhado por um grupo, comunidade ou sociedade, valorizando-o diante da diversidade. (IBRAM, 2019, p. 16).

Mas como já foi mencionado anteriormente, os museus possuem inúmeras funções, além da educativa. Nessa perspectiva, a entrevista G1 relatou que os museus: “... têm tantas funções. Eu acho que a primeira função que o museu deve ter é ser democrático, ele tem que ser inclusivo, ele tem que ser sustentável, e o museu ele socializa o conhecimento, as pesquisas, ele preserva.”

Observa-se que G1 destacou as funções democrática, inclusiva, sustentável, além do importante papel na construção do conhecimento, no desenvolvimento de pesquisas e na preservação, seja do acervo material e do acervo imaterial.

Nessa seara, é pertinente destacarmos que um importante documento que estabelece, orienta a obrigatoriedade da elaboração, implementação e atualização do

Plano Museológico para todos os museus brasileiros e a sua regulamentação pelo Decreto nº 8.124, de 17 de outubro de 2013. Segundo este documento:

O Plano Museológico é o principal instrumento de gestão para os museus brasileiros. Trata-se de uma ferramenta de planejamento estratégico, que compreende os níveis estratégico, tático e operacional, iniciada pelo planejamento conceitual por meio da definição da missão, visão, valores, objetivos e diagnóstico da instituição e que alinha os seus programas, projetos e ações, de forma global e integrada (Brasil, 2013).

Este documento reforça que os museus devem ser espaços sustentáveis, inclusivos. Reconhecendo-se a importância de relacionar as temáticas ambiental e cultural, embasado-se no o Decreto Federal nº 8.124/2013, em seu art. 23, item IV-k, que apresenta ao campo dos museus o Programa Socioambiental, que “abrange um conjunto de ações articuladas, comprometidas com o meio ambiente e as áreas sociais, que promovam o desenvolvimento dos museus e de suas atividades, a partir da incorporação de princípios e critérios de gestão ambiental” (Brasil, 2013).

Nesse contexto, os museus devem desenvolver ações para atender ao programa socioambiental seguindo as recomendações do Plano Museológico. Nesse tocante o museu não deve ser apenas sustentável, mas deve oferecer promover projetos e ações sustentáveis.

Já a perspectiva inclusiva, é contemplada no plano museológico através do programa de acessibilidade universal, que recomenda que os museus atentem-se ao desenvolvimento de ações nos museus que contemplem a acessibilidade universal, possibilitando o acesso livre e sem barreiras para todas as pessoas da sociedade, inclusive nos museus.

No que tange o incentivo da realização de pesquisa no museu. O plano museológico também orienta sobre o desenvolvimento de estratégias no campo das pesquisas em museus. Sugerindo que os museus elaborem um Programa de Pesquisa específico, que desenvolva as seguintes ações: Organização de linhas de pesquisa; Proposição de pesquisas sobre os acervos; Realização de pesquisa sobre o museu e seu contexto social, político e cultural; Propostas de publicações; Realização de Pesquisa de público; Atendimento a pesquisadores externos. (Brasil, 2013).

No tocante à importância dos museus no desenvolvimento de pesquisas. O Plano Nacional de Educação Museal (PNEM, 2017), também orienta em suas diretrizes, mais especificamente no Eixo II – Profissionais, formação e pesquisa que: 8. *Promover o*

desenvolvimento e a difusão de pesquisas específicas do campo por meio da articulação entre os setores educativos e agências de fomento científico, universidades e demais instituições da área.

Nota-se portanto, tamanha é a relevância que os museus possuem no desenvolvimento de pesquisas, sendo um campo fértil e propício para o desenvolvimento e divulgação de pesquisas.

Já G2 elencou que: “ *É o museu vem se transformando ao longo do tempo. Mas hoje eu entendo um museu como um espaço para a sociedade. A função do museu, são mais de uma função, eu penso que são funções no plural.*” O entrevistado G2 também destacou a importância do papel dos museus na salvaguarda da memória material e imaterial, além de sua função educativa, cultural e turística dos museus.

A entrevistada G3 complementa que: “ *Para mim a função básica e principal do museu é educar. Educar no sentido de não aquela educação é formal, que você tem em sala de aula, mas um educar voltado para outras realidades, para outros saberes [...]*”.

G3 ainda ressalta que os saberes do museu “ *o museu não é apenas um lugar, é com objetos expostos e prontos para serem visto se lembrar de alguma coisa, ele é principalmente um lugar de saberes, né onde os saberes se encontram. E aí não só o saber material do patrimônio material que é o edificado, que é o que você pode pegar, mas também do patrimônio imaterial que é aquilo que existe entre a gente e as pessoas não conseguem pegar*”.

Percebe-se a importância dos museus na preservação do patrimônio imaterial da humanidade, desempenhando um importante papel na preservação da cultura, das tradições, dos costumes, das crenças populares e da identidade cultural. Essa concepção reforça ainda mais a função social dos museus, que vai muito além daqui que se vê, que se coleciona e se expõem.

Após as análises e reflexões das respostas dos Gestores(as) sobre o questionamento a respeito da função dos museus. Vejamos abaixo as respostas de outro questionamento, a respeito da função dos educadores museais.

Quadro 13. Respostas dos Gestores(as) ao questionamento: Qual é a função dos educadores museais?

Códigos	Respostas
G1	<p>“Eu entendo que o educador museal ele é importantíssimo dentro do museu, e assim a gente sempre tem desafios né, que é a socialização, é promover né e a gente está dentro dessa educação museal né partindo de todos os princípios né da inclusão, da sustentabilidade é na participação com as comunidades né. Essa reflexão, e passar né socializar os conhecimentos né então eu acho que o educador museal ele tem diversos desafios né. De promover tudo isso de forma ética, profissional né e principalmente né para trazer para a comunidade envolver todos do museu, e a comunidade em conjunto para que seja passado todas essas informações, importantíssimo que o educador museal seja capacitado, ele participe de cursos, que ele esteja envolvido com as diversas redes de educadores museais para que você possa né ter esse compartilhamento do que ocorre, de fortalecer mesmo a educação museal dentro dos museus”.</p>
G2	<p>“O educador museal é peça fundamental em todas essas funções. É ele que tá no chão do museu, é ele que frequenta a exposição. E que tá entre os técnicos que vão trabalhar com a conservação do patrimônio, com a comunicação que a exposição traz para a sociedade, para os visitantes, com o visitante, se o visitante não está entendendo aquela comunicação ou mesmo quando ele está conduzindo e mediando uma visita com diferentes grupos, e percebe que tem algum objeto que mudou de lugar, que infestou, que quebrou, então esse educador, ele está ali, colaborando com a parte técnica conservativa da salvaguarda do patrimônio. Ele está também mediando e transpondo como uma linguagem mais acessível, codificando a linguagem acadêmica, muitas vezes ainda presente na maioria dos museus, para uma linguagem mais coloquial acessível aos diferentes públicos que o museu recebe, então ele nessa ação de mediar, ele tem papel chave na comunicação, na transformação desses visitantes quando vivenciam a experiência museal de visita uma exposição. E também, é esse educador que vai de forma crítica muitas vezes, instigar o olhar desse visitante para aquilo que a comunicação não mostra diretamente, dependendo da qualidade da formação desse educador, ele pode motivar esse visitante a olhar a exposição com outros olhos. A problematizar coisas que não estão diretamente expostas no museu. Mas que fazem parte do contexto socioambiental, cultural, tecnológico que as diferentes exposições trazem. É ele vai receber, ciceronear aquele visitante que tem o objetivo de apenas contemplar o museu, que está com a proposta da experiência museal ligada ao lazer, de apenas passar um tempo, e não está aprendendo na exposição, mas sim, contemplando e gastando tempo, um pouco do ócio que é importante para a saúde mental. E aí os museus tem essa função também social, de higienização da saúde mental, de higienização da poluição que a sociedade traz no seu cotidiano, na sua loucura, principalmente nas grandes cidades. Esse educador é que vai receber e com um sorriso no rosto, muitas vezes trazer um ambiente mais é positivo para esses diferentes visitantes que optam por essa experiência museal de visitar museus”.</p>
G3	<p>“Eu acredito que a função do educador de museu é muito mais centrada na questão de como receber, primeiro o primeiro passo, é como receber esse visitante, porque o visitante ele chega com uma perspectiva, e muitas vezes a gente não consegue suprir essa perspectiva com que ele chegou, porém ele não pode, e a gente como educador de museu não pode deixar o nosso visitante ir embora com uma impressão negativa do lugar em que a gente está, mas sempre a gente consegue suprir. Então eu acredito que a função do educador de museu é muito ampla também nesse sentido, por que ele não é apenas uma pessoa que está ali para prestar informações, [...] você difere de visitante para visitante você tem uma postura enquanto é educador de museu porém difere muito de acordo com o visitante, tem visitante que tem interesse em saber determinado assunto, tem visitante que não quer saber de nada, então entra lá apenas para cumprir o tempo que ele tinha alguma outra coisa para fazer, ou ele está ali simplesmente por estar ali, ele não quer participar, ele não quer saber, mas tem visitante que não, ele tem extrema necessidade de estar ali e prestar as informações que aquele visitante precisa, então o educador de museu não pode estar focado apenas no museu, ele tem que ter conhecimento de outras áreas para que quando um visitante chega ele faça uma pergunta sua cabeça, ele tenha</p>

informações para suprir aquela necessidade, que muitas vezes não consegue, mas pelo menos ele tenta... é muito amplo educador de museu é muito amplo”.
--

Fonte: a autora (2023).

As definições da função do Educador museal atribuídas e elencadas pelos(as) gestores(as) retratam o quão multifacetada é essa atribuição. Repleta de competências e habilidades para que estes profissionais possam desempenhar suas funções no dia a dia nas instituições museológicas.

Sejam eles “guia, monitor, anfitrião, animador, explicador são algumas das denominações que esse profissional de museus recebe em diversos países, além de mediador.” (Roldi, 2019, p.26). A função desempenhada por estes profissionais caracteriza-se pela amplitude e diversidade. Além de mobilizar inúmeras habilidades para que possam desempenhar a função de educadores museais. Segundo Azevedo (2003) estes profissionais são nomeados a partir do papel que desempenham, sendo denominados:

O educador de museus, mobiliza habilidades diversas para executar seu papel. Nesse sentido, esse profissional pode ser considerado:

[...] tradutor, facilitador, negociador, anfitrião, {...} moderador {...}, orientador, catalisador e intermediário entre dois ou mais interlocutores, tendo como cenário diferentes contextos de sociabilidade, sendo por isso sua identidade redefinida constantemente. (Azevedo, 2003, p. 56)

Independentemente da denominação dada a estes profissionais, a eles são atribuídas funções múltiplas que vão muito além da função educativa. Além de recepcionar visitantes, estes profissionais podem exercer simultaneamente as funções de administrar as instituições museais, documentar e catalogar o acervo, organizar exposições, conservar e restaurar o acervo, além de agendar visitas e administrar as redes sociais das instituições.

Para explicar as principais atribuições incumbidas a estes profissionais faz se necessário nos ampararmos na Lei nº 7.287, de 18 de dezembro de 1984, que dispõe sobre as atribuições dos profissionais museólogos. Em seu Art. 3º - São atribuições da profissão de Museólogo:

I - ensinar a matéria Museologia, nos seus diversos conteúdos, em todos os graus e níveis, obedecidas as prescrições legais; II - planejar, organizar, administrar, dirigir e supervisionar os museus, as exposições de caráter educativo e cultural, os serviços educativos e atividades culturais dos museus e de instituições afins; III - executar todas as atividades concernentes ao

funcionamento dos museus; IV - solicitar o tombamento de bens culturais e o seu registro em instrumento, específico; V - coletar, conservar, preservar e divulgar o acervo museológico; VI - planejar e executar serviços de identificação, classificação e cadastramento de bens culturais; VII - promover estudos e pesquisas sobre acervos museológicos; VIII - definir o espaço museológico adequado a apresentação e guarda das coleções; IX - informar os órgãos competentes sobre o deslocamento irregular de bens culturais, dentro do País ou para o exterior; X - dirigir, chefiar e administrar os setores técnicos de museologia nas instituições governamentais da Administração Direta e Indireta, bem como em órgãos particulares de idêntica finalidade; XI - prestar serviços de consultoria e assessoria na área de museologia; XII - realizar perícias destinadas a apurar o valor histórico, artístico ou científico de bens museológicos, bem como sua autenticidade; XIII - orientar, supervisionar e executar programas de treinamento, aperfeiçoamento e especialização de pessoa das áreas de Museologia e Museografia, como atividades de extensão; XIV - orientar a realização de seminários, colóquios, concursos, exposições de âmbito nacional ou internacional, e de outras atividades de caráter museológico, bem como nelas fazer-se representar (BRASIL, 1984).

A de se considerar que nem todos os profissionais que atuam nos museus, possuem a formação inicial de museólogos. Entretanto, mesmo sem a formação necessária acabam desempenhando a grande maioria das atribuições citadas acima, inclusive os estagiários.

Em síntese, no que diz respeito a questionamento a respeito de qual seria o papel dos educadores de museus. A gestora G1 relatou em sua entrevista terminologias que reforçam as funções do educador museal, como sendo importante na socialização dos conhecimentos, na promoção da inclusão, da sustentabilidade, além de destacar sua importância ética e profissional ao desempenhar a função de educadores nos museus.

Já para o Gestor (G2): “ O educador museal educador museal é peça fundamental em todas essas funções”. Sejam elas: a função de conservar o patrimônio, desempenhando a função técnica conservativa e de salvaguarda do patrimônio. A função de mediar, recepcionar e se comunicar com linguagem acessível e transpondo didaticamente a linguagem acadêmica para uma linguagem coloquial para o público. Além disso, G2 destacou a importância do pensamento crítico ao mediar, através da problematização de seus discursos, contextualizando as questões socioambientais, culturais e tecnológicas incorporadas a seus discursos ao longo de sua prática de mediação.

Para a Gestora G3, a principal função do educador museal está centrada no papel de receber o público. Nesse sentido o educador deve ser sensível e observador, devendo estar sempre atento para suprir a necessidade do público, atendendo aos objetivos dos

mesmos. Além disso, G3 reforçou a importância de o educador de museus possuir conhecimentos de diversas áreas, não se limitar apenas aos conhecimentos que englobam os museus.

Para começarmos a analisar quais são as funções atribuídas aos educadores museais, faz-se necessário listá-las a partir de referenciais da área, como Almeida (2008); Marandino(2008); Martins (2011); Gomes e Cazelli (2016); Roldi (2019).

Segundo Marandino (2008), “os mediadores ocupam papel central, dado que são eles que concretizam a comunicação da instituição com o público e propiciam o diálogo com os visitantes acerca das questões presentes no museu, dando-lhes novos significados” (Marandino, 2008, p. 28).

Para Martins (2011) o educador museal estimula, promove e apoia a sustentabilidade ambiental, cultural, econômica nos projetos e ações educativas. Além de destacar a importância científica dos educadores, na produção de textos que relatem suas práticas educativas nos museus.

Outro autor que discute sobre as funções dos educadores museais é Roldi (2019), que esclarece que “ o papel que vai desde a apresentação até a importante função de atuar como interlocutor entre a ciência em exposição e o grande público, sendo múltipla a natureza dessa função” (Roldi, 2019, p.01).

As concepções de G3 a respeito das funções dos educadores museais estão em consonância com Almeida (2008, p. 2), reforçando que:

[...] a ideia de mediação envolve coisas muito diferentes entre si, que abarcam desde as velhas concepções de ‘atendimento ao usuário’, passando pela atividade de um agente cultural em uma dada instituição - museu, biblioteca, arquivo, centro cultural - até a construção de produtos destinados a introduzir o público num determinado universo de informações e vivências (arte, educação, ecologia, por exemplo), chegando à elaboração de políticas de capacitação ou de acesso às tecnologias de informação e comunicação etc.

Nota-se o quão diversa é a função do educador museal. Mesmo que a maior parte do tempo eles estejam atendendo ao público, os mesmos desempenham outras inúmeras funções que vão além da função educativa. Essa sobrecarga de funções acaba muitas vezes prejudicando estes profissionais, que acabam sobrecarregados. Sendo considerada uma problemática para profissão, visto que a escassez de profissionais na área acaba os sobrecarregando no ambiente de trabalho.

Após as análises e reflexões das entrevistas com os gestores dos museus, vejamos na próxima seção os resultados e discussões dos questionários: perfil dos educadores museais.

6.3 RESULTADOS E DISCUSSÕES DOS QUESTIONÁRIOS: PERFIL DOS EDUCADORES MUSEAIS

Quadro 14. Resultados do perfil dos Educadores (as) museais.

Códigos	Idade	Gênero	Formação	Graduação	Vínculo	Tempo de atuação	Período de trabalho
ED01	53	M	Ensino Superior incompleto	Letras português/ Espanhol	Ex Estagiário	2 anos	Matutino
ED02	55	F	Doutorado completo	Física	Servidora pública concursada	15 anos	Integral
ED03	44	M	Mestrado cursando	História	Servidor público concursado	3 anos	Integral
ED04	41	F	Ensino Superior Completo	Letras Português/ Inglês	Servidora Pública Municipal	15 anos	Integral
ED05	40	F	Doutorado completo	História	Servidora pública concursada	1 ano	Integral
ED06	22	F	Ensino Superior incompleto	Ciências Biológicas	Estagiária	3 meses	Vespertino
ED07	35	M	Ensino Superior Completo	Sem resposta	Servidor público concursado	8 meses	Integral
ED08	37	F	Mestrado cursando	Arquivologia	Servidora pública concursada	1 ano e 5 meses	Integral
ED09	23	M	Ensino Superior Completo	História	Ex Estagiária	2 anos	Matutino

Fonte: a autora (2023).

No que diz respeito ao perfil destes profissionais evidencia-se na pesquisa, que os participantes pertencem ao gênero feminino (54,5%) e masculino (45,5%). Que possuem idades entre 22 e 55 anos. Todos os participantes estão inseridos no ensino superior, seja cursando graduação, ou dando continuidade aos seus estudos numa pós-graduação, além disso alguns possuem formação técnica.

Em relação ao vínculo de trabalho com os museus, evidenciou-se dois perfis, um temporário e outro efetivo. Os profissionais temporários, atuam nos museus por um breve período, em média de 1 a 2 anos, sendo que são em sua maioria estagiários (as) e bolsistas. Já o outro perfil de vínculo dos profissionais efetivos, é duradouro em sua maioria são profissionais contratados e/ou concursados.

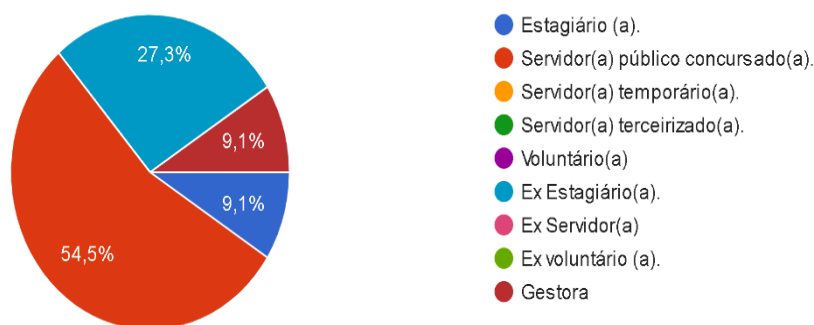
Esses perfis distintos de vínculo profissional dos educadores museais com os museus, também foram evidenciados na revisão de literatura. Onde Rodari; Merzagora, (2007), Queiroz (2013), Roldi (2019), Shimizu (2020), Massarani (2021) apontam que o perfil temporário é predominante no universo dos profissionais de museus, sendo assim a passagem dos mesmos por estas instituições é breve. E essa problemática acontece devido à falta de oportunidades e vagas de emprego, que possibilitem que estes profissionais permaneçam nas instituições museais, para além do período de contrato de estágio durante o período em que cursam a graduação, visto que a partir do período de conclusão do curso, encerra-se automaticamente seus contratos e não há oportunidades para continuarem exercendo sua atuação profissional nos museus

Essa problemática também é reforçada por Oliveira (2010) que evidenciou em suas pesquisas que a profissão de educador museal caracteriza-se por ser instável e incerta. Sendo assim, faz-se necessário a proposição de melhorias na área, seja através de políticas públicas específicas na área e de investimentos no setor educativo.

Gráfico 01. Representação gráfica a respeito do tipo de vínculo dos Educadores museais com as instituições em que atuam ou atuaram.

8. Vínculo com o Museu:

11 respostas



Fonte: Google Forms (2023).

Outro dado que está correlacionado com o vínculo que estes profissionais possuem com os museus, refere-se aos profissionais concursados, que possuem estabilidade na carreira e ficam por um período duradouro nas instituições onde atuam, estes períodos superam 10, 15, 20 anos nos quais desempenham a função de gestores e/ou educadores de museus.

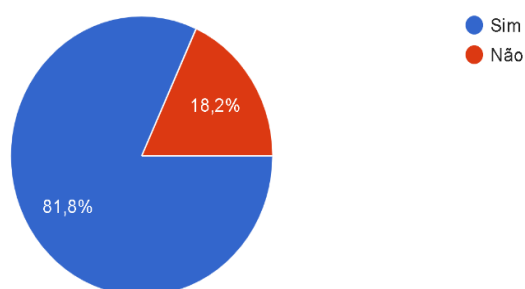
Nesse tocante, de acordo com Marandino (2008a) no que diz respeito a seleção dos profissionais de museus, é comum que sejam selecionados estudantes universitários que cursam áreas específicas e/ou correlatas às tipologias as quais os museus pertencem, e em alguns casos os mediadores já possuem alguma formação inicial na área da educação.

Esse perfil de profissionais apresenta-se em conformidade com os resultados da presente pesquisa, que evidenciaram que a grande maioria dos profissionais que atuam em museus, sendo eles jovens estudantes de graduação e que cursam graduação na área da educação.

Gráfico 02. Representação gráfica de participantes que se comunicam através de e/ou mais língua estrangeira.

13. Você possui algum curso de língua estrangeira e/ou consegue se comunicar (conversaço) em outro idioma?

11 respostas



Fonte: Google Forms (2023).

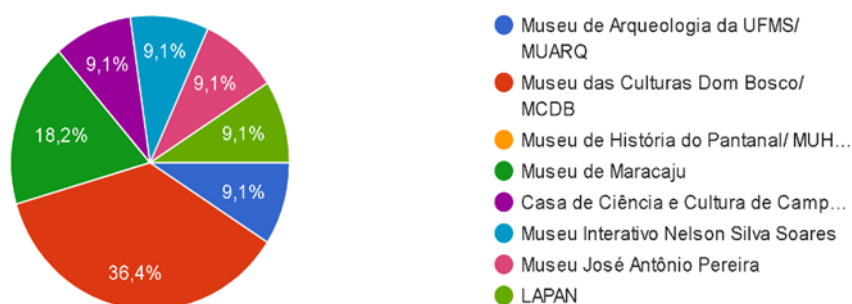
Quanto aos idiomas que estes profissionais alegaram ter o domínio em conseguir se comunicar, cerca de 81,6% alegaram que são bilíngues e/ou até mesmo políglotas. Entre os idiomas citados podemos destacar: inglês, espanhol, francês, libras e espanhol. Esse resultado evidencia a importância e o diferencial de alguns profissionais, o que os habilita ao atendimento do público estrangeiro e/ou os deficientes auditivos, neste caso agregando a inclusão necessária durante a mediação de visitantes surdos nas instituições museais.

Vejamos abaixo um gráfico que expressa a participação dos envolvidos em diversas instituições museais do estado de Mato Grosso do Sul.

Gráfico 03. Representação gráfica das Instituições museais de Mato Grosso do Sul nas quais os participantes da pesquisa atuam e/ou já atuaram:

6. Em qual Museu você atua ou já atuou:

11 respostas



Fonte: Google Forms (2023).

No que se refere às instituições museais nas quais os educadores pertenciam, tivemos um excelente alcance, com os resultados que superaram as expectativas e objetivos iniciais da pesquisa, pois os participantes apresentaram dados inclusive de instituições nas quais atuaram como instituições dos municípios de Costa Rica e Maracaju.

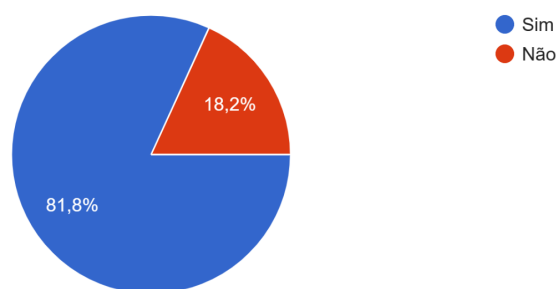
Destaca-se o fato de que em todo o estado do Mato Grosso do Sul devido a um grupo, uma rede social (WhatsApp) denominada “Rede de Educadores de Museus de Mato Grosso do Sul” foi possível compartilhar o questionário da pesquisa favorecendo um maior alcance na investigação. Com essa rede tem sido disseminadas muitas informações sobre museus

No que tange a participação dos profissionais de museus em formações na área, um questionamento foi realizado a fim de investigar se estes profissionais costumam realizá-la. Vejamos abaixo as respostas.

Gráfico 04. Representação gráfica a respeito da opinião dos participantes sobre o

18. Você participa ou participou de formações e/ou capacitações relacionadas a temática de museus?

11 respostas



Fonte: Google Forms (2023).

Nota-se que a grande maioria dos participantes da pesquisa já participou de formação e/ou capacitações relacionadas à temática de museus, sendo que 81,8% respondeu Sim e 18,2% respondeu Não.

Preocupa-nos os dados que expressam que 18,2% dos educadores ou ex-educadores museais nunca participaram de uma capacitação sobre temática de museus. Visto que, se estes profissionais atuam na área de museus, os mesmos deveriam estar capacitados para desempenharem essa função.

Para retomarmos a primeira fase de coleta de dados, durante as entrevista com os gestores dos museus, destacamos que durante a entrevista a Gestora G1, a mesma reforçou que “ *é importantíssimo que o educador museal seja capacitado, ele participe de cursos, que ele esteja envolvido com as diversas redes de educadores museais para que você possa né ter esse compartilhamento do que ocorre, de fortalecer mesmo a educação museal dentro dos museus*”.

Nesse tocante, visando ampliar as estratégias e implementar melhorias em prol das instituições museais, algumas políticas públicas específicas para a educação museal foram criadas objetivando melhorias no setor.

Reconhece-se a importância da criação e implementação de políticas públicas na área, sendo de extrema relevância para se fomentar mudanças e melhorias na formação, valorização e reconhecimento dos profissionais que atuam nos museus.

Dentre estas políticas públicas destacam-se: a Política Nacional de Museus (2003), a Política Nacional Setorial de Museus (2010), e a Política Nacional de Educação Museal (2017). Ambas objetivam a promoção de melhorias no setor museal, seja na formação dos profissionais de museus, na formação e capacitação, nos investimentos, na melhoria da infraestrutura, e na implementação de programas e parcerias específicas na área.

Em 2010 a Política Nacional Setorial de Museus (PNSM) contemplou em um dos seus eixos estruturantes uma proposta específica voltada para os profissionais de museus. Nessa proposta sugere-se que “a formação e/ou qualificação de pessoal especializado para atuar na área educativa e de serviço sociocultural com vistas a garantir a efetividade de iniciativas voltadas para estreitar a relação do museu com as comunidades, em especial aquelas mais vulneráveis” (IBRAM, 2010, p.16).

A Política Nacional de Educação Museal (IBRAM, 2017), que apresenta diretrizes para a Educação museal, propõe um eixo específico voltado para a profissionalização dos profissionais que atuam em museus, destacando-se a necessidade de se “promover o profissional de educação museal, incentivando o investimento na formação específica e continuada de profissionais que atuam no campo.”(IBRAM, 2017).

Almejando melhorar a formação inicial e continuada dos profissionais que atuam nos museus, uma das alternativas propostas, é a implementação na grade do ensino superior, mais especificamente nos cursos de licenciatura, de disciplinas específicas voltadas para estudos sobre a temática de espaços não formais de educação, museus, e os processos educativos que neles acontecem. Como reforça Ribeiro e Frucchi (2007):

O cuidado com a formação de mediadores tornou-se tema obrigatório nos museus de ciências e faz parte de um processo de formação continuada em

muitos deles; é tema de pesquisas em várias instituições museais brasileiras; vem sendo proposta como disciplina curricular em cursos de formação de professores de ciências/biologia, em universidades federais {...}, enquanto muitos museus encontram ainda dificuldades para formar regularmente seus mediadores. (Ribeiro; Frucchi, 2007, p. 70)

No que tange às problemáticas voltadas para a formação de educadores museais, Oliveira (2010) destaca a falta de formação específica em educação museal, o que evidencia uma fragilidade no setor. Nesse tocante Tran (2008) apontou a falta de reconhecimento a qual os profissionais de museus sofrem, além de destacar também que a grande maioria estes profissionais iniciam sua vida profissional em outras áreas, sendo assim eles possuem formações e experiências bem variadas, e que muitas das vezes não possuem relação com a educação museal. Uma fragilidade do campo, a falta de formação dos profissionais em educação museal, foi também verificada por Oliveira (2010).

Já as autoras Gomes e Cazelli (2014) destacaram que os saberes utilizados pelos educadores museais em sua prática profissional, são em sua maioria construídos através de trocas de experiências com o público dos museus. Segundo as autoras:

[...] os saberes da experiência foram fortemente valorizados. O próprio exercício da mediação foi considerado elemento constituinte da formação de um mediador nessas instituições. Isso significa considerar que os saberes que fundamentam o trabalho de um mediador são também adquiridos e aprimorados ao longo do tempo, com a prática, a partir da relação com o público [...] (Gomes; Cazelli, 2014, p. 15).

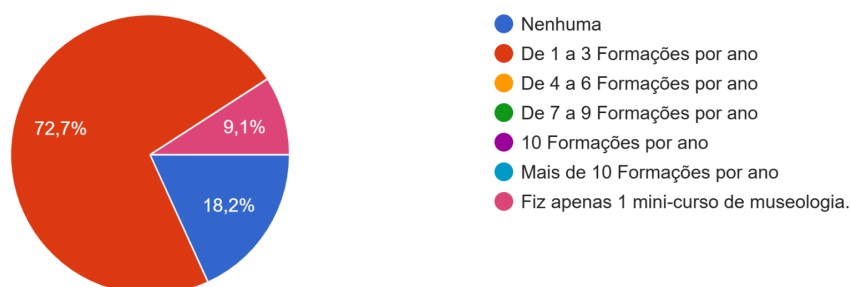
Nessa perspectiva reconhece-se que os conhecimentos adquiridos pelos profissionais e museus, não advém apenas de suas formação sejam elas inicial e continuada. Mas advém também das trocas de saberes com o público e com os mediadores veteranos.

Já para os respondentes que relataram que já participaram de formações e/ou capacitações na área. O questionário investigou qual a quantidade de formações estes profissionais realizavam anualmente. Vejamos abaixo as respostas.

Gráfico 05. Representação gráfica a respeito da opinião dos participantes sobre o questionamento: Em média, anualmente qual a quantidade de formações que você participa(ou)?

19. Em média, anualmente qual a quantidade de formações que você participa(ou)?

11 respostas



Fonte: Google Forms (2023).

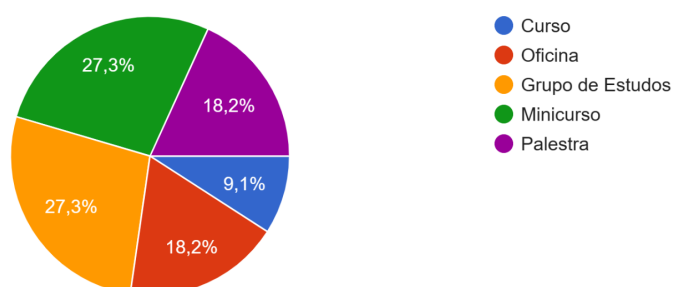
Os dados acima expressam que a grande maioria dos participantes da pesquisa participam de formações em média de 1 a 3 vezes por ano (72,7%), já cerca de (18,2%) não participa de nenhuma formação.

No que tange a especificação do tipo de formação realizada pelos participantes da pesquisa, destacaram-se uma diversidade de formações. Vejamos abaixo os resultados.

Gráfico 06. Representação gráfica a respeito da opinião dos participantes sobre o questionamento: Especifique qual(is) o tipo(s) de Formação(ões):

20. Se você respondeu sim à questão 18, especifique qual(is) o tipo(s) de Formação(ões):

11 respostas



Fonte: Google Forms (2023).

Visualiza-se a diversidade de tipos de formações realizadas pelos respondentes. Cerca de (27,3%) participaram ou participam de Minicursos, (27,3%) Grupo de Estudos, (18,2%) Oficinas, (18,2%) Palestras e (9,1%) Cursos.

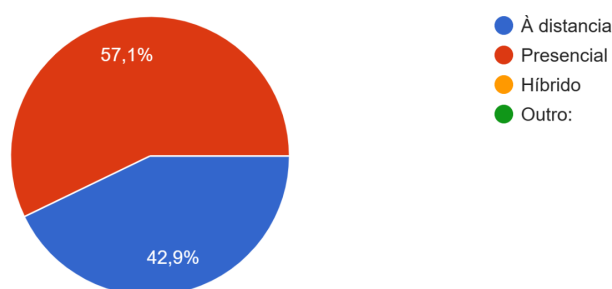
A partir da análise destes dados, considera-se positivo essa diversidade de tipologias de formações, visto que através da participação em ambas, os profissionais de museus têm a oportunidade de construir e trocar conhecimentos, se atualizar e discutir a respeito de melhorias na área da Educação Museal.

Independentemente do tipo de formação realizada pelos participantes, o que importa é que os mesmos participem ativamente e com frequência de formações, e que estejam sempre estudando e discutindo com seus pares estudos e melhorias para área.

Gráfico 07. Representação gráfica a respeito da opinião dos participantes sobre o questionamento: Se você respondeu sim à questão 18, especifique qual(is) o tipo(s) de Formação(ões):

23. Se você já realizou alguma formação. Ela foi oferecida em qual formato:

7 respostas



Fonte: Google Forms (2023).

Os resultados demonstram que pouco mais da metade dos participantes alegaram que as formações que participaram foram na modalidade presencial (57,1%), e (42,9%) alegou ter participado de formação na modalidade online. Esses resultados refletem que mesmo com a ascensão da oferta de cursos na modalidade online e/ou a distância, os

curso presenciais ainda são preferência nas escolhas dos profissionais de museus que participaram desta pesquisa.

Reforça-se que com o advento da tecnologia e da internet, resultaram em um crescimento exponencial de opções de eventos e cursos de formação profissional disponíveis na internet. Sejam eles de forma síncrona ou assíncrona. Nessa perspectiva, os profissionais de museus têm a oportunidade de estudar, se aperfeiçoar ou se capacitar profissionalmente.

No que tange cursos online específicos para a capacitação dos profissionais de museus. A *Escola Virtual Gov*, possui atualmente nove cursos gratuitos e online, organizados pelo Ibram. Os cursos abordam temas diversos dentro da área de museus, como: educação museal, gestão de acervos digitais, documentação, conservação e plano museológico, entre outros cursos que possuem carga horária entre 20 e 40 horas.

Essa organização e disponibilização de cursos na área de museus, contempla uma das diretrizes do Plano Nacional de Educação Museal (PNEM), que no Eixo II – Profissionais, formação e pesquisa sugere em uma de suas diretrizes que é preciso: “ 1. Promover o profissional de educação museal, incentivando o investimento na formação específica e continuada de profissionais que atuam no campo” (PNEM, 2017).

6.4 INTERDISCIPLINARIDADE

Quanto ao levantamento de dados a respeito das concepções dos participantes sobre interdisciplinaridade, quando os mesmos foram indagados se acreditavam ser possível explorar a Interdisciplinaridade a partir de uma visita ao Museu, todos responderam que sim.

Mas é importante destacar que reconhecer este potencial, não necessariamente significa que estes profissionais consigam estabelecer diálogos interdisciplinares durante a mediação dos visitantes aos museus. Pois só pelo fato de terem respondido positivamente sobre a possibilidade de se trabalhar abordagens interdisciplinares, não nos garante que estes diálogos realmente aconteçam, mas abre muitas possibilidades para ações nos museus, mesmo que seja necessário uma formação mais aprofundada sobre o tema.

Independentemente da tipologia dos museus, da diversidade de suas exposições e acervos, reconhece-se a possibilidade de serem estabelecidos diálogos interdisciplinares. Haja vista que nestes espaços uma ampla diversidade de saberes podem ser explorados. Como os saberes científico, saberes filosóficos, saberes religiosos e saberes empíricos. Nesse contexto é importante ponderar que cada indivíduo possui seus saberes únicos.

Por isso, tamanha é a necessidade de se explorar a complexidade desses saberes. A complexidade não no sentido de difícil, mas sim no sentido da complementaridade e na articulação desses saberes, pois um está interligado ao outro, dialogando entre si.

Diante disso, Morin (2003) aponta que:

Complexus significa o que foi tecido junto; de fato, há complexidade quando elementos diferentes são inseparáveis constitutivos do todo (econômico, o político, o sociológico, o psicológico, o afetivo, o mitológico), e há um tecido interdependente, interativo e inter-retroativo entre o objeto de conhecimento e seu contexto, as partes e o todo, o todo e as partes, as partes entre si. Por isso, a complexidade é a união entre a unidade e a multiplicidade (Morin, 2003, p. 38).

Entretanto, para explorar a interdisciplinaridade de forma articulada, é preciso que os profissionais dos museus consigam através de sua mediação estabelecer diálogos interdisciplinares, a partir da apresentação dos acervos e exposições presentes nas instituições. Ressalta-se também a necessidade de se problematizar as temáticas, articulando-as de forma crítica e reflexiva, e contextualizando-as com a realidade dos educandos.

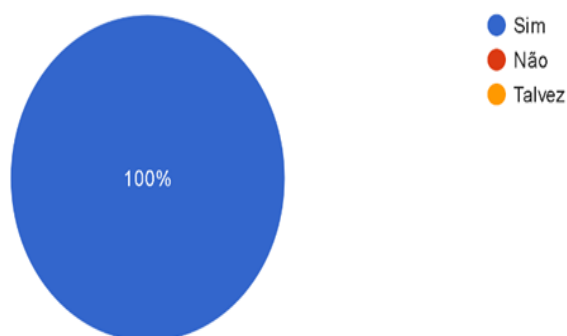
Para tanto reforça-se a necessidade de que estes profissionais estejam bem capacitados e preparados, teórico e metodologicamente para explorarem e incorporarem a interdisciplinaridade em sua prática profissional.

Vejamos abaixo o gráfico que evidencia a opinião dos respondentes a respeito da possibilidade de se explorar a interdisciplinaridade nos museus.

Gráfico 08. Representação gráfica a respeito da opinião dos participantes sobre: Você acredita que é possível explorar a interdisciplinaridade a partir de uma visita ao Museu?

3. Você acredita que é possível explorar a Interdisciplinaridade a partir de uma visita ao Museu?

11 respostas



Fonte: Google Forms (2023).

Apesar dos(as) participantes reconhecerem o potencial interdisciplinar das instituições museais, é preciso cautela e criticidade ao analisarmos esta resposta haja vista que, existem dificuldades frequentes, sendo comum a defasagem nos subsídios teóricos sobre a temática e a falta de conhecimento de metodologias interdisciplinares. Também é comum até mesmo insegurança devido a dificuldade da contextualização com as diversas áreas do conhecimento de forma multidimensional.

Assim, procuramos as concepções dos educadores museais que participaram dessa pesquisa a respeito do que é interdisciplinaridade. Vejamos agora, quais foram as respostas dos participantes.

Quadro 15. Resultados do questionamento: para você o que é interdisciplinaridade?

Códigos	Respostas
ED01	É a junção de várias disciplinas com objetivo único.
ED02	Abordagem e interrelação entre várias áreas do conhecimento.
ED03	Trabalho em mais de uma disciplina.
ED04	Uma ponte e troca de conhecimento de vários setores.
ED05	A relação entre duas áreas de conhecimento que se intercalam
ED06	A capacidade de mais de uma disciplina se interligarem, gerando um conhecimento mais aprofundado sobre ambas (ou mais) como um todo.
ED07	Um conjunto de estudos em que envolve as demais disciplinas, não só uma específica.
ED08	São quando duas ou mais disciplinas se interagem um contribuindo com a outra, fortalecendo o conhecimento.
ED09	Quando duas ou mais áreas do conhecimento dialogam, de forma a se complementarem, apresentando uma figura maior a ser compreendida.

Fonte: a autora (2023).

A partir das análises das respostas, observa-se diversos temas recorrentes entre as mesmas, principalmente no que diz respeito à recorrência de terminologias como: “disciplinas”, “áreas do conhecimento”, “vários setores”, “conjunto de estudos”. Nota-se que para todos os participantes, a definição de interdisciplinaridade envolve a pluralidade, como por exemplo, mais de uma disciplina e/ou mais de um conhecimento.

Já as terminologias: “conjunto”, “relação”, “ponte”, “junção”, “interrelação”, “interligarem”, “complementarem”. Nos levam a inferir que de acordo com os participantes, é preciso uma união de conhecimentos e/ou disciplinas para que a interdisciplinaridade aconteça.

Vale ressaltar que, definir que a Interdisciplinaridade é apenas a junção de diversos conteúdos, torna-a muito redundante e simplifica-a, haja vista que, ela é muito mais ampla e complexa.

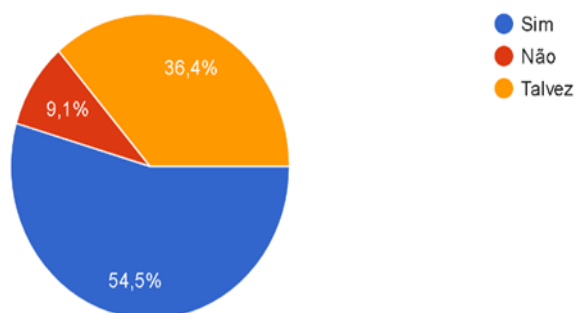
Sabe-se que, não basta apenas compreender o conceito da temática, mas é preciso também saber colocar os conhecimentos interdisciplinares em prática, ou seja, demanda conseguir unir a teoria com a prática. Nesse tocante, é necessário que saibam

praticá-la em seu cotidiano profissional, incorporando-a ao longo da mediação de visitantes aos museus onde atuam. Por este motivo questionamos se estes profissionais sentem-se capacitados para explorar a interdisciplinaridade nos museus? Vejamos abaixo quais foram as respostas dos mesmos, quando questionados.

Gráfico 09. Representação gráfica a respeito da opinião dos participantes sobre o questionamento: Você se sente capacitado/preparado para trabalhar com a temática da Interdisciplinaridade?

6. Você se sente capacitado/preparado para trabalhar com a temática da Interdisciplinaridade?

11 respostas



Fonte: Google Forms (2023)

O gráfico possibilita inferir que pouco mais da metade dos participantes da pesquisa sentem-se capacitados para trabalhar com a temática da interdisciplinaridade, o que totaliza (54,5%) participantes que responderam Sim. Já outra expressiva porcentagem de participantes, demonstra uma certa insegurança e selecionam a opção talvez (36,4%). E um pequeno quantitativo, cerca de (9,1%) responderam que não estão preparados para trabalhar com a interdisciplinaridade.

Os dados demandam a refletir que formar profissionais capacitados para atuar com projetos interdisciplinares torna-se uma necessidade nos ambientes formais e não formais de ensino, como os museus.

Nessa seara Leff (2012) argumenta que:

O projeto interdisciplinar surge com o propósito de reorientar a formação profissional através de um pensamento capaz de apreender a unidade da realidade para solucionar os complexos problemas gerados pela racionalidade social, econômica e tecnológica dominante (Leff, 2012 p. 180).

No trecho de Leff (2012), é reforçada a importância da interdisciplinaridade na formação de um profissional do museu, tendo em vista que é preciso que o indivíduo tenha a capacidade de apresentar o museu de forma contextualizada por meio de diferentes dimensões, inclusive podendo tratar problemas e suas resoluções..

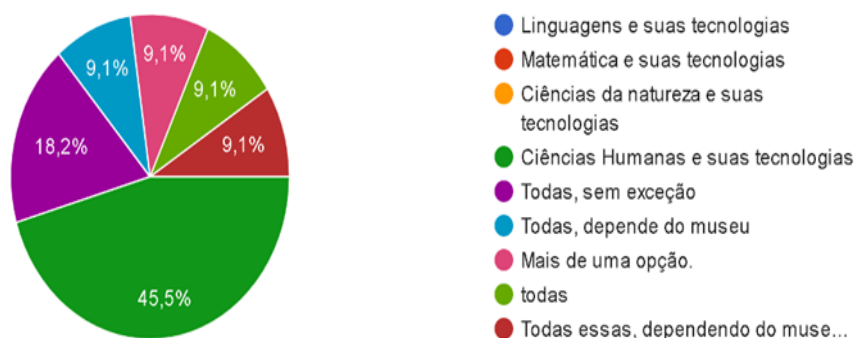
E os museus são espaços férteis para a promoção e proposição de discussões e reflexões a respeito de problemas complexos presentes na sociedade, sejam eles ambientais, econômicos, políticos e sociais.

Vejamos agora os dados que demonstram que mais da metade dos respondentes reconhecem que todas as áreas do conhecimento podem ser trabalhadas a partir de uma visita ao museu.

Gráfico 10. Representação gráfica a respeito da opinião dos participantes sobre o questionamento: Quais áreas do conhecimento podem ser exploradas/trabalhadas no Museu?

8. Quais áreas do conhecimento podem ser exploradas/trabalhadas no Museu?

11 respostas



Fonte: Google Forms (2023)

Os resultados acima, retratam que independentemente das tipologias as quais as instituições museus pertencem, os educadores demonstraram que é possível explorar diversas áreas do conhecimento, a partir de uma visita às instituições museais. cerca de (45.5%) alegam que todas as áreas do conhecimento podem ser trabalhadas no museu.

Nessa perspectiva, como a maioria dos profissionais alegaram, é possível explorar todas as áreas do conhecimento a partir de uma visita ao museu. Mas buscamos questionar: Como eles exploram a interdisciplinaridade nas instituições museais. Vejamos abaixo quais foram as respostas registradas.

Quadro 16. Respostas do questionamento: Relate como você exploraria ou explora o Museu de forma interdisciplinar? Dê exemplos ou sugestões.

Códigos	Respostas
ED01	Mostrar a ciência evidenciada por um artística. A arte sendo mostrada por um cientista.
ED02	Exemplo: Astronomia Cultural. Ensinamos conceitos de astronomia ocidental e comparamos com a astronomia indígena.
ED03	Área sobre ciências, geografia, história, inglês, português e arte.
ED04	Trabalharia a questão da importância dos valores através da preservação e conservação de tudo o que temos, construímos e usufruímos.
ED05	apresentando a partir das coleções a relação com o conteúdo programático da disciplina.
ED06	Escrever um poema/poesia sobre os povos originários por exemplo, relaciona linguagens com etnologia.
ED07	Existem várias maneiras, como respondido em uma questão acima, imaginava que não daria, no entanto vivenciei na prática a interdisciplinaridade.
ED08	Relaciono a simulação de escavação que temos com a educação ambiental, ressaltando a importância da preservação do ambiente em que se encontram as peças arqueológicas. Falo sobre geografia, com ênfase no estudo das camadas do solo para que o aluno compreenda como se faz a datação de determinadas peças.
ED09	Imaginando como um determinado elemento geográfico pode ter influenciado profundamente uma cultura regional, da mesma forma que os animais impactam nas histórias e lendas de um determinado povo. Como um exemplo há o mito de origem dos povos do Rio Uaupés, que creditam sua existência à cobra grande, que os libertou do buraco onde viviam.

Fonte: a autora (2023).

Nota-se que a grande maioria relatou experiências que já vivenciaram nas instituições onde atuam, os mesmos consideram serem abordagens interdisciplinares. Para facilitar a análise dos resultados, optou-se por categorizar terminologias similares e agrupar os educadores que relataram terminologias similares.

Nesse tocante, as categorias agrupadas foram: 1)Escolar e 2)Cultural :

Na categoria escolar, os educadores ED03 e ED05, ED08 reforçaram o viés escolar na perspectiva conteudista do currículo escolar. Apontando por exemplo as disciplinas e os conteúdos que eles exploraram e/ou exploram nas instituições nas quais atuam.

Na categoria cultural, os educadores ED02, ED06 e ED09 demonstraram em suas respostas certas convergências no que diz respeito à importância da promoção de diálogos culturais nas abordagens interdisciplinares, reconhecendo assim a valorização do estabelecimento de diálogos sobre a cultura regional e local durante as mediações nos museus.

Já os educadores ED01 e ED04, apresentaram relatos distintos com um viés que enaltece a importância artística, ambiental e científica em seus relatos sobre abordagens interdisciplinares.

Como já foi elucidado algumas vezes nesta pesquisa, temos como propósito A promover diálogos e articulação entre as temáticas de interdisciplinaridade e educação ambiental, haja vista que, as duas se complementam entre si. Por esta razão, na próxima seção apresentamos questões a respeito da EA presentes no questionário.

6.5 EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Quais são as concepções que os educadores museais têm a respeito dos museus, das temáticas Interdisciplinares e da Educação Ambiental? Como foi, ou como está sendo a formação inicial e continuada destes profissionais? Existem equívocos conceituais e/ou defasagem que estes profissionais possam apontar para o desenvolvimento da EA nos museus? As hipóteses iniciais levantadas eram de que os profissionais dos museus possivelmente possuíam algumas defasagem e/ou equívocos conceituais com estas temáticas. Vejamos agora o que os resultados nos mostram, para tentarmos responder a estes questionamentos e certificarmos se as hipóteses levantadas inicialmente procedem ou não.

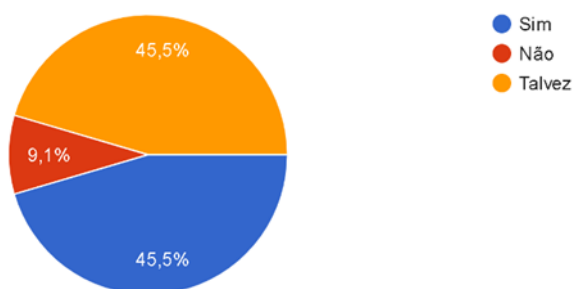
Mas vejamos abaixo as representações gráficas e os quadros com os resultados das respostas dos participantes da pesquisa, a respeito de suas concepções sobre Educação Ambiental (EA). A análise desses resultados estão pautadas no referencial de Layrargues e Lima (2014), que classificam as ações de EA em três grandes macrotendências (Conservacionista, Pragmática e Crítica). Classifica essa que dialoga com as definições de análise de Silva (2007), cujo as dimensões de análise também subsidiam as análises de conteúdo desta pesquisa.

Para início investigamos se os profissionais de museus sentem-se capacitados para trabalhar com a EA nas instituições museais. Vejamos abaixo o gráfico que representa os resultados coletados.

Gráfico 11. Representação gráfica do percentual de profissionais de museus que se sentem capacitados para trabalhar com Educação Ambiental(EA) no museu?

18. Você sente-se capacitado/preparado para trabalhar com a Educação Ambiental no Museu?

11 respostas



Fonte: Google Forms (2023).

Os resultados apresentados acima refletem a sinceridade dos participantes em alegar despreparo e insegurança em trabalhar com a EA nos museus. Demonstrando que praticamente mais da metade não se sente preparado.

Esses dados refletem a necessidade destes profissionais, considerando-se que as instituições museais são locais propícios para o desenvolvimento de ações e diálogos que promovam a EA.

Nessa perspectiva, objetivando promover melhorias na promoção da EA na educação brasileira. A Constituição Federal do Brasil (BRASIL, 1988), incumbia a necessidade de se ofertar a Educação Ambiental em todos os níveis de ensino, reforçando a necessidade de se: “promover a educação ambiental em todos os níveis de ensino e a conscientização pública para a preservação do meio ambiente” (BRASIL, 1988, p. 131).

Para reforçar ainda mais essa importância, a Política Nacional de Educação Ambiental (PNEA) também institui que para: “cursos de pós-graduação, extensão e nas áreas voltadas ao aspecto metodológico da educação ambiental, quando se fizer necessário, é facultada a criação de disciplina específica” (Brasil, 1999).

Nesse sentido é facultativo a escolha de que a EA seja trabalhada no ensino superior como disciplina específica e/ou integrada a uma disciplina já existente.

Entretanto estes resultados refletem que mesmo que estes profissionais tenham cursado disciplinas voltadas para a temática de Educação Ambiental durante a formação inicial, mais especificamente na graduação. Os mesmos ainda sentem-se inseguros e

despreparados para trabalharem com a EA nos museus. Isso evidencia que apenas uma disciplina de Educação Ambiental cursada durante a formação inicial destes profissionais, não lhes dão subsídios teóricos e metodológicos o suficiente para se sentirem capacitados para explorar a EA nos museus.

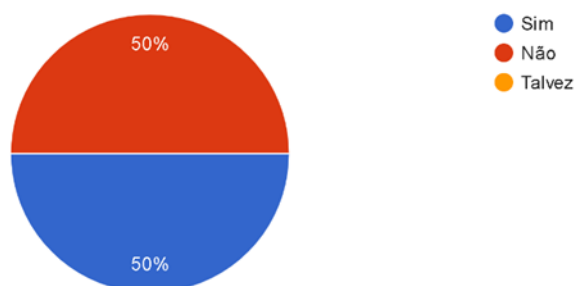
Por este motivo, faz-se necessário que cursos e formações continuadas sejam oferecidas a estes profissionais, proporcionando aos mesmos atualizações e aprimoramento profissional na área da EA.

Vejamos abaixo os resultados do questionamento a respeito da realização ou não de capacitações realizadas pelos participantes durante a formação acadêmica e profissional dando-lhes subsídios para trabalhadores com ações ou projetos de Educação Ambiental.

Gráfico 12. Representação gráfica do quantitativo de participantes que já realizou e/ou de capacitou para trabalhar com ações ou projetos de Educação Ambiental.

19. Você já realizou alguma formação acadêmica-profissional e/ou se capacitou para trabalhar com ações ou projetos de Educação Ambiental?

10 respostas



Fonte: Google Forms (2023).

Os dados acima demonstram que metade dos participantes da pesquisa já participaram de alguma formação e/ou capacitação para atuar com ações ou projetos de Educação Ambiental (EA). Já a outra metade, não realizou nenhuma formação na área.

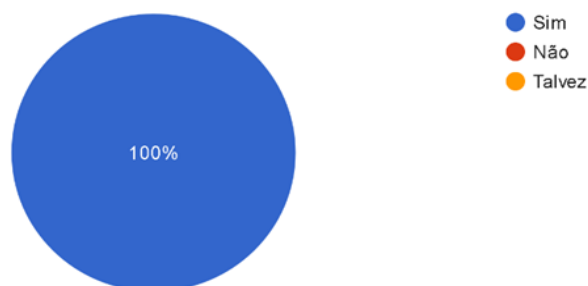
Isto é preocupante, pois há uma carência formativa que acaba refletindo em insegurança dos mesmos em explorar e abordar temáticas que envolvam a Educação Ambiental (EA).

Compreendemos que a formação dos mesmos deve ser permanente e no próprio museu, visando atender aspectos teóricos e metodológicos voltados para as ações do cotidiano.

Gráfico 13. Representação gráfica a respeito da opinião dos participantes sobre o questionamento: Você acredita que o Museu seja um espaço propício para o desenvolvimento de projetos e/ou atividades de Educação Ambiental?

21. Você acredita que o Museu seja um espaço propício para o desenvolvimento de projetos e/ou atividades de Educação Ambiental?

11 respostas



Fonte: Google Forms (2023).

Nessa seção optou-se por realizar o comparativo entre as respostas dos Educadores museais, segundo análise de Silva (2007). Para subsidiar as análises, algumas questões norteadoras foram selecionadas do questionário. seguimos as dimensões da caracterização da Educação Ambiental, tendo como opções: Concepção Conservadora; Concepção Pragmática e Concepção Crítica.

Buscamos elementos que emergiram dos discursos dos respondentes da pesquisa, e que possibilitaram a realização das inferências dos resultados. As dimensões de análises são: relação ser humano-meio ambiente, ciência e tecnologia, valores éticos, política e práticas pedagógicas (atividades). Em cada uma dessas dimensões foram organizados quadros e gráficos que apresentam as respostas dos participantes da pesquisa. A partir dessas respostas, análises e inferências foram realizadas com o objetivo de se identificar qual a concepção de educação ambiental predominante nos discursos dos mesmos.

Quadro 17: Dimensão 1 – Relação ser humano-ambiente (Silva, 2007)

Dimensões de análise	Caracterização da Educação Ambiental		
	Concepção Conservadora	Concepção Pragmática	Concepção Crítica
Relação ser humano-ambiente	<ul style="list-style-type: none"> - dicotomia ser humano-ambiente; - ser humano como destruidor; - retorno à natureza primitiva (arcaísmo ou idealismo); -catastrofismo; - busca harmonia ser humano-natureza; - ser humano faz parte da natureza em sua dimensão biológica (reducionismo biológico). 	<ul style="list-style-type: none"> antropocentrismo; ser humano capaz de usar sem destruir; - ser humano como biológico e social; - lei de ação e reação (natureza vingativa); - precisa proteger o ambiente para poder sobreviver; - meio ambiente – bem para servir o ser humano. 	<ul style="list-style-type: none"> complexidade da relação; - ser humano pertence à teia de relações sociais, naturais e culturais e vive em interação; - relação historicamente determinada; - ser humano como biopsicossocial, dotado de emoções.

Fonte: a autora (2023). Adaptado (Silva,2007).

Questões norteadoras do questionário: Defina sua concepção sobre Meio Ambiente? Como deve ser a relação do ser humano com o meio ambiente?

Vejamos agora as respostas dos participantes da pesquisa.

Quadro 18. Respostas dos educadores para o seguinte questionamento: Defina sua concepção sobre Meio Ambiente?

Códigos	Respostas
ED01	Harmonia entre os seres.
ED02	A crosta da Terra, atmosfera, biomas.
ED03	Meio ambiente e vida
ED04	Local de vivência.
ED05	Espaço onde coexistem as coisas.
ED06	É um conjunto de tudo o que é vivo, como os pequenos organismos, a flora, a fauna, os seres humanos e do ambiente onde se constrói a vida, como as florestas, os corpos d'água, cavernas, morros, montanhas etc.
ED07	Construção e ressignificação de valores relacionados ao meio ambiente.
ED08	O meio em que vivemos. Todos os elementos naturais e culturais que existem no meio e suas relações.
ED09	Todos os elementos que constituem o planeta Terra, considerando as vegetações, as variadas faunas e os minerais extraídos.

Fonte: Google Forms (2023).

Os dados acima retratam as concepções dos participantes da pesquisa a respeito do Meio Ambiente. Vale destacar que, não existe uma concepção certa ou errada, mas sim opiniões distintas.

Para Reigota (2004) essa diversidade de definições indica que não existe um consenso sobre meio ambiente, seja na comunidade científica ou não. Por este motivo, o autor defende que as definições de meio ambiente são representações sociais.

Nessa perspectiva, a representação de Reigota sobre meio ambiente é:

Lugar determinado ou percebido, onde os elementos naturais e sociais estão em relações dinâmicas e em interação. Essas relações implicam processos de criação cultural e tecnológica e processos históricos e sociais de transformação do meio natural e construído (Reigota, 2004, p. 14).

Percebe-se com essa definição, que o conceito de meio ambiente não diz respeito apenas a aspectos naturais e físicos, que definem o ambiente. Mas também considera as relações culturais, históricas, sociais e tecnológicas envolvidas.

No entanto, ao fazermos uma análise crítica das respostas dos educadores museais, percebe-se que as definições limitaram-se apenas a definir os aspectos naturais e físicos do ambiente, sendo assim, infere-se a existência de concepções predominantemente com um viés simplista.

Vale destacar também, que algumas respostas incluem os seres humanos como pertencentes ao meio ambiente. E já outras respostas não chegam nem a comentar a terminologia seres humanos, e sim relatam os seres vivos de forma genérica.

A resposta mais abrangente foi de ED08, que citou além dos elementos naturais, os elementos culturais também, alegando que ambos existem no meio e se relacionam entre si. Essa resposta reflete uma concepção mais ampliada a respeito das concepções deste indivíduo sobre a definição de meio ambiente. Pois é importante levar em consideração as questões sócio-culturais quando se refere ao meio ambiente.

Compreende-se que, para se ampliar a visão sobre a concepção de meio ambiente, é preciso problematizá-lo, a fim de se enxergar e reconhecer o quão complexo é o meio onde vivemos. Para tanto, faz-se necessário ampliar o olhar, conversar, discutir, e compartilhar seus conhecimentos a respeito dessas visões de mundo tão diversas e limitadas.

Segundo Morin (2011), a complexidade dificilmente pode ser conceituada, entretanto o autor destaca que a mesma:

Significa o que foi tecido junto; de fato, há complexidade quando elementos diferentes são inseparáveis constitutivos do todo (como o econômico, o político, o sociológico, o psicológico, o afetivo, o mitológico), e há um tecido interdependente, interativo e inter-retroativo entre o objeto de conhecimento e seu contexto, as partes e o todo, o todo e as partes, as partes entre si. Por isso, a complexidade é a união entre a unidade e a multiplicidade (Morin, 2011, p.36).

Após essa breve análise questiona-se: Os profissionais que atuam nos museus estão preparados para fomentar e levantar questionamentos complexos durante a condução de seus visitantes pelos museus? Estes profissionais possuem subsídios teóricos e metodológicos que lhes deem condições de trabalhar a dimensão completa a qual devemos abordar todas as questões que envolvem o meio ambiente?

Através das análises da questão anterior percebeu-se que não. Pois evidencia-se uma forte presença das terminologias e dos descritores que demonstram o viés da concepção pragmática dos respondentes para com o meio ambiente.

Em termos como: “Harmonia entre os seres”, o que reforça que: o ser humano é capaz de usar sem destruir, precisa proteger o ambiente para poder sobreviver e meio ambiente – bem para servir o ser humano. Nota-se a forte presença de uma concepção pragmática nas presentes respostas.

As respostas abaixo visaram investigar como deve ser a relação do ser humano com o meio onde vive.

Quadro 19: Respostas dos educadores para o seguinte questionamento: Como deve ser a relação do ser humano com o meio ambiente?

Códigos	Respostas
ED01	Harmoniosa.
ED02	De muito respeito, cuidado, respeitando o limite (só temos uma Terra), todos os seres vivos. O contrário do que o capitalismo faz.
ED03	Imparcial.
ED04	Cercada de preservação e conservação.
ED05	Interdependência.
ED06	De coexistência, de preservação e não de destruição e abuso.
ED07	De respeito.
ED08	Acredito que essa relação é intrínseca, sem haver separação entre ambos.
ED09	Harmoniosa, enquanto o ser humano precisa explorar o meio ambiente, também precisa ter noção das limitações naturais necessárias para manter um equilíbrio.

Fonte: Google Forms (2023).

A partir das análises das respostas, nota-se a forte presença de terminologias, definições e concepções de cunho conservacionistas e pragmáticas. Ou seja, as concepções conservadoras reforçam que o ser humano deve buscar a harmonia com a natureza. As concepções pragmáticas destacam que o ser humano precisa proteger o ambiente para poder sobreviver, sendo necessário que o meio ambiente esteja equilibrado para servir o ser humano. Essas expressam o viés antropocentrismo dos discursos dos respondentes (Silva, 2007).

Um exemplo trivial que reflete concepções de cunho antropocêntrico presente na pesquisa, foi utilizado por ED09, que alega que a relação do ser humano com o meio ambiente deve ser: *“Harmoniosa, enquanto o ser humano precisa explorar o meio ambiente, também precisa ter noção das limitações naturais necessárias para manter um equilíbrio”*. Através da análise dessa resposta questiona-se: Como é uma relação de exploração, e como esta pode ser harmoniosa? Como é possível explorar e manter o equilíbrio simultaneamente?

A própria terminologia explorar no sentido figurado, já remete a ações de enganar alguém, obtendo-se vantagem e/ou iludir alguém. Nessa perspectiva sabemos que estamos passando por uma era de crise sócio-ambiental, haja vista que historicamente o ser humano construiu uma relação de exploração para com a natureza. E esses equívocos conceituais e traços antropocêntricos perduram até hoje nos discursos das pessoas, o que é algo considerado preocupante, e que deve ser revisto e desconstruído, principalmente quando se diz respeito aos educadores. Destaca-se que embora exista nas respostas a ausência de terminologias críticas e emancipatórias, que reforcem a necessidade de se considerar a complexidade das relações do ser humano com o meio ambiente, vimos a preocupação com o capitalismo, o uso de palavras como respeito, interdependência, o que evidencia a preocupação com a ideia de que o ser humano pertence à teia de relações sociais, naturais e culturais que vivem em constante interação.

Quadro 20: Dimensão 2 -Ciência e Tecnologia (Silva, 2007).

Dimensões de análise	Caracterização da Educação Ambiental		
	Concepção Conservadora	Concepção Pragmática	Concepção Crítica
Ciência e Tecnologia	cientista/especialista como único detentor do saber; base empirista – conhecimento como algo externo ao cientista; - ciência como portadora da verdade e da razão; - produção científica isolada da sociedade.	- relação entre ciência e sociedade de uma forma utilitária; - conhecimento científico ocorre de forma linear; - ênfase nos resultados; - resolução dos problemas ambientais pela ciência e tecnologia; - supremacia do saber científico sobre o popular.	-conhecimento científico como produto da prática humana; - interdisciplinaridade na produção do conhecimento; - processo de investigação envolve rupturas e mudanças de rumo; - ciência como uma das formas de interpretação do mundo; - cultura local como conhecimento.

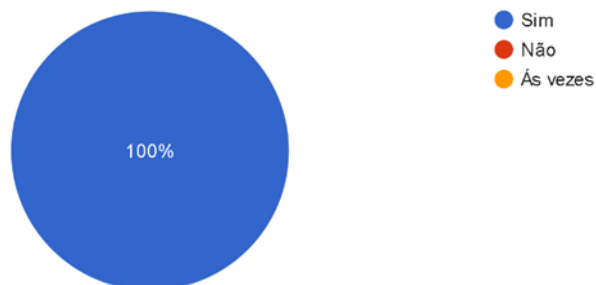
Fonte: a autora (2023). Adaptado (Silva, 2007).

Vejamos abaixo as opiniões dos respondentes acerca das possíveis relações entre CTSA.

Gráfico 14. Representação gráfica a respeito da opinião dos participantes sobre o questionamento: Existem relações entre Ciência, Tecnologia, Sociedade e Ambiente (CTSA)?

7. Existem relações entre Ciência, Tecnologia, Sociedade e Ambiente (CTSA)?

11 respostas



Fonte: Google Forms (2023).

Quadro 21. Respostas dos educadores sobre alguns exemplos de relações entre Ciência, Tecnologia, Sociedade e Ambiente (CTSA) que podem ser trabalhadas em ações de Educação Ambiental?

Códigos	Respostas
ED01	Sem resposta.
ED02	Horta tecnológica, campanhas de conscientização (sociedade).
ED03	Monitoramento, exposição.
ED04	Um depende do outro.
ED05	Reciclagem.
ED06	Energia Eólica. Envolve a ciência da captação dos ventos através da tecnologia aplicada o que beneficia a sociedade gerando energia e não agredindo o meio ambiente, sendo a maneira mais sustentável de gerar energia.
ED07	Ações que envolvam a sociedade no geral.
ED08	Sem resposta.
ED09	A promoção da utilização de energias renováveis e não poluentes, e de práticas conscientes como lidar corretamente com lixo e cuidado com o desperdício de água potável.

Fonte: Google Forms (2023).

Observa-se a recorrência de terminologias que retratam uma concepção equivocada a respeito de ações de Educação Ambiental (EA). O desejável seria as abordagens e ações de EA voltadas aos cotidianos dos museus, de forma interdisciplinar e multidimensional.

Comparando-se as respostas com as dimensões de análise de (Silva, 2007), observa-se a utilização de terminologias como: “campanha”, “conscientização”, “reciclagem”, “horta”, “lixo”, “desperdício”, “sustentável”, entre outras terminologias nos levam a inferir que os respondentes apresentam através de suas respostas o mesmo um viés conservador e pragmático comum nas propostas de EA. Já os termos “tecnologia”, “sociedade”, “sustentabilidade”, “energias renováveis” nos leva a inferir um viés de cunho pragmático.

Outro aspecto que chamou atenção durante as análises, foi o fato de alguns indivíduos deixarem a questão sem resposta. Isso evidencia despreparo ou insegurança do indivíduo em respondê-la.

Quadro 22. Dimensão 3- Valores Éticos (Silva, 2007).

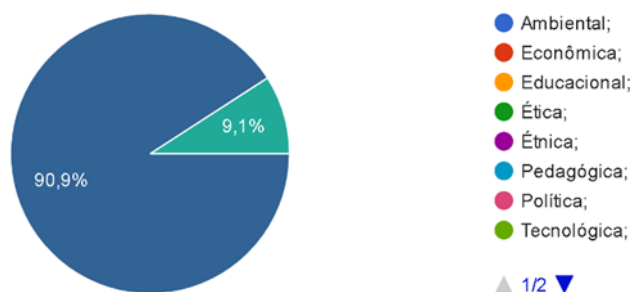
Dimensões de análise	Caracterização da Educação Ambiental		
	Concepção Conservadora	Concepção Pragmática	Concepção Crítica
Valores Éticos	- questões que envolvem conflitos não são abordadas; - padrões de comportamento em uma perspectiva maniqueísta; - todos são igualmente responsáveis pelos problemas e pela qualidade ambiental.	- conflito apresentado como um “falso consenso”; - solução depende do querer fazer; - ênfase nos comportamentos individuais – postura normativa; - relação direta entre informação e mudança de comportamento.	- questões controversas são apresentadas na perspectiva de vários sujeitos sociais; - questões de igualdade de acesso aos recursos naturais e distribuição desigual de riscos ambientais são discutidas; - incentivo à formação de valores e atitudes direcionados pela ética e justiça ambiental.

Fonte: a autora (2023). Adaptado (Silva, 2007).

Gráfico 15. Representação gráfica a respeito da opinião dos participantes sobre ser possível trabalhar com Valores Éticos (Respeito, Igualdade, Justiça) em ações de Educação Ambiental? Cite exemplos.

9. Na sua opinião, a Educação Ambiental pode englobar quais dimensões:

11 respostas



Fonte: Google Forms (2023)

Observou-se que nesta questão norteadora que uma única resposta foi unânime retratando que os respondentes reconhecem que a Educação ambiental engloba diversas dimensões, como a Ambiental; Econômica; Educacional; Ética; Étnica; Pedagógica; Política; Tecnológica e Científica.

As inferências sobre as respostas dessa questão levam a crer que os respondentes enxergam a multidimensionalidade que cerca a EA.

Quadro 23. Respostas dos educadores para o seguinte questionamento: Na sua opinião, quem são os principais responsáveis pelas problemáticas ambientais?

Códigos	Respostas
ED01	Os países mais ricos e industrializados.
ED02	O Neoliberalismo, que passa em cima de qualquer valor ético, qualquer população, para que alguns enriqueçam mais e mais.
ED03	Professores.
ED04	O ser humano racional
ED05	Seres humanos
ED06	O próprio ser humano. Capaz de acelerar o efeito estufa através da produção exacerbada de poluição, derreter as geleiras, provocar enchentes e queimadas com o desmatamento. E quando os interesses políticos se sobrepõem ao bem maior que é a preservação, os problemas se tornam cada vez mais graves.
ED07	Os homens.
ED08	Os que decidem os rumos sobre a educação brasileira.
ED09	O sistema capitalista de produção coloca a prioridade do ser humano na geração de lucro e, para isso, fomenta a destruição de áreas naturais para explorar seus recursos. Caso a área seja habitada por grupos que não tomam parte do sistema, como os povos indígenas, promovem a desumanização das culturas tradicionais para que a sociedade urbana se considere a correta e, conseqüentemente, erradique modos de viver não lucrativos. Resumindo, grandes exploradoras como a Matte Larangeira, Nestle, agroexportadoras, mineradoras clandestinas e seus representantes políticos são os principais culpados pela perpetuação da destruição ambiental.

Fonte: Google Forms (2023).

As análises das respostas às questões norteadoras possibilitaram inferências sobre Valores Éticos de Silva (2007), e resultaram em reflexões a respeito da prevalência dos seres humanos como protagonistas que são culpabilizados pelas problemáticas ambientais.

Um relevante resultado que emergiu das respostas dos indivíduos nessa dimensão, foi o reconhecimento das dimensões econômicas e políticas. Nessa perspectiva infere-se que os respondentes reconhecem e correlacionam que estas dimensões estão diretamente relacionadas às problemáticas ambientais

Quadro 24. Dimensão 4 – Participação Política (Silva, 2007).

Dimensões de análise	Caracterização da Educação Ambiental		
	Concepção Conservadora	Concepção Pragmática	Concepção Crítica
Participação Política	- não há uma contextualização política e social dos problemas ambientais; - a dimensão da participação política não aparece.	- participação do Estado como projetos e normas; - oposição entre o social e natural; - cidadão é o consumidor; - propostas de atuação individual.	- proposta de “cidadania ativa”; - responsabilidades das diferentes instâncias (sociedade civil, governo, ONGs); - fortalecimento da sociedade civil; - ênfase na participação coletiva.

Fonte: a autora (2023). Adaptado (Silva, 2007).

Quadro 25. Respostas dos educadores sobre: Quem deve buscar soluções e traçar estratégias para solucionar e/ou mitigar as problemáticas ambientais?

Códigos	Respostas
ED01	Todas as pessoas.
ED02	O Estado, os governos, mas só vão conseguir com a população apoiando.
ED03	População.
ED04	Políticas públicas.
ED05	Todos, especialmente os países ricos
ED06	Ambientalistas e cientistas já buscam, mas não podem apenas estes os responsáveis, todos devem buscar, desde cedo, por isso é tão importante o ensino da educação ambiental desde cedo para as crianças. E também é de extrema importância atingir a política mundial com esse tema cada vez mais, para que saibam priorizar o que realmente importa.
ED07	A sociedade geral.
ED08	Os que causam os problemas ambientais.
ED09	Este é um dever tanto individual como coletivo que deve ser promovido através da criação de políticas para a preservação do meio ambiente. Cabe aos governos mundiais combater a destruição ambiental.

Fonte: Google Forms (2023).

Quadro 26. Respostas dos educadores para o seguinte questionamento: Se você respondeu sim à questão anterior. Relate alguns exemplos de relações entre Política, Sociedade e Ambiente, que podem ser trabalhadas em ações de Educação Ambiental?

Códigos	Respostas
ED01	Sem resposta.
ED02	Construção de uma ponte. Interesse da população e do político. O que deve ser observado? Quem garante ? (Órgãos fiscalizadores).
ED03	A população deve seguir gestores que pensem no ambiente.
ED04	Palestras e incentivos
ED05	As políticas públicas de preservação do meio ambiente como as UC
ED06	A conservação de áreas de preservação permanentes dependem de leis que as defendam da exploração, e essas leis dependem da política para serem aprovadas e mantidas e isso afeta a sociedade em vários sentidos.
ED07	Política de cuidados com o meio.
ED08	Sem resposta.
ED09	Políticas que autorizam o desmatamento e a poluição são essenciais para o desequilíbrio ambiental das regiões exploradas, através da morte da vegetação nativa e dos animais que ali habitam. Obviamente este tipo de política precisa ter um respaldo social, uma aprovação pública. Logo, um dos trabalhos do ensino ambiental é a valorização de tudo que é natural, para que a sociedade se torne consciente da necessidade de preservar a natureza e, posteriormente, combata políticas que visam destruí-la.

Fonte: Google Forms (2023).

Quadro 27. Dimensão 5 – Práticas Pedagógicas (Silva, 2007).

Dimensões de análise	Caracterização da Educação Ambiental		
	Concepção Conservadora	Concepção Pragmática	Concepção Crítica
Práticas pedagógicas	- atividades de contemplação; - datas comemorativas; - atividades externas de “contato com a natureza” com fim em si mesma.	- atividades “técnicas/instrumentais” sem propostas de reflexão (e.x.: separar materiais para reciclagem); - resolução de problemas ambientais como atividade- fim; - atividades que apresentem resultados rápidos.	- propostas de atividades interdisciplinares; - resolução de problemas como temas geradores; - exploram-se potencialidades ambientais locais/regionais; - estudo do meio; - role-play – tema controverso.

Fonte: a autora (2023). Adaptado (Silva, 2007).

Quadro 28. Respostas dos educadores para o questionamento: Em seu dia a dia, relate práticas em prol do meio ambiente que você costuma realizar?

Códigos	Respostas
ED01	Ocupo pouca luz elétrica, economizo o máximo possível a água. Separo o lixo para coleta
ED02	Coleta seletiva, abaixo assinados, diminuí o consumo de carne de vaca, economia de combustível , às vezes consigo usar bicicleta, preferir produtos menos industrializados.
ED03	Plantio, organização de árvores
ED04	Coleta seletiva.
ED05	Não jogar lixo.
ED06	Reciclagem, consumo controlado de água, não consumir carne de origem animal, educação ambiental para com os meus próximos.
ED07	Esse ano desenvolvemos ação de despertamento e cuidado com o meio, através de palestras e oficinas.
ED08	Ensino crianças a relacionarem a arqueologia com o meio ambiente , no sentido de tentar despertar nelas a consciência ambiental sobre peças arqueológicas.
ED09	Práticas conscientes para reduzir a poluição individual, como transporte público, separação e descarte adequado do lixo, cultivo de plantas, cuidado com o consumo exagerado de água.

Fonte: Google Forms (2023).

Dentro da ampla diversidade de questões presentes no questionário destaca-se que os indivíduos expressem suas mais profundas concepções a respeito das ações que realizam em seu dia a dia, e que consideram ser prol do meio ambiente.

Mais uma vez observou-se a recorrência de terminologias e ações de cunho conservador e pragmático. Através das análises verifica-se que a maioria das ações estão centradas no individualismo, e apresentam características reducionistas e conservadoras.

Vale ressaltar que a crítica não está nas ações realizadas pelos respondentes, mas sim, no cunho individualista que as mesmas apresentam, sendo que as práticas de coleta seletiva, plantio de árvores, economia de água e luz elétrica, entre outras são de fato muito importantes para o meio ambiente, embora seja importante consideradas individuais. Preocupante são as ações pontuais, que visam a resolução da problemática isoladamente, sem considerar a complexidade que a mesma possui.

No que tange às práticas pedagógicas a serem consideradas críticas por Silva (2007). A resposta de ED08 foi a que mais se aproximou de uma definição de proposta de atividades interdisciplinares. Segundo ED08 a prática em prol do meio ambiente seria: “Ensino crianças a relacionarem a arqueologia com o meio ambiente , no sentido de

tentar despertar nelas a consciência ambiental sobre peças arqueológicas.” Nota-se nesse relato, que existe a intencionalidade de se estabelecer relações interdisciplinares no decorrer de sua realização, um dos aspectos presentes nas práticas pedagógicas pertencentes a concepções críticas (Silva, 2007).

Entendemos que também são importantes ações ambientais críticas voltadas a buscar soluções de problemáticas ambientais de forma coletiva e integrada, pautadas na articulação dos saberes e na coletividade das ações a serem realizadas.

Nessa perspectiva nota-se uma ausência de um olhar crítico e do saber ambiental nos discursos dos respondentes. Segundo Lima (2011):

[...]o saber ambiental não pode se resumir a uma mera articulação integradora dos conhecimentos já existentes com o objetivo de solucionar problemas práticos, mas deve construir-se como um novo saber transformador, capaz de fundamentar uma nova racionalidade ambiental (Lima, 2011, p. 126).

Percebe-se que possuir subsídios teóricos-metodológicos sobre o saber ambiental é de extrema importância para a construção da visão crítica dos indivíduos.

Para exemplificar a ausência terminologias advindas de ideias e concepções de cunho crítico na maioria das respostas, podemos destacar que esperava-se por exemplo, ações voltadas para a participação em debates, reuniões e/ou fóruns que promovam discussões, reflexões e decisões em prol de políticas públicas ambientais que promovam o saber ambiental muito além de ações conscientizadoras em prol da natureza. Como destaca Leff (2009):

O saber ambiental se constitui através de processos políticos, culturais e sociais, que obstaculizam ou promovem a realização de suas potencialidades para transformar as relações sociedade-natureza (Leff, 2009, p.151).

Segundo Leff (2009) é preciso problematizar o conhecimento e não fragmentá-lo, questionando-se a complexidade das problemáticas ambientais, por exemplo.

Nesse sentido, é importante levá-los a refletir a respeito da problematização presentes nas abordagens e ações oferecidas nas instituições museais. Nesse sentido, faz-se necessário que os museus oportunizem reflexões críticas, complexas e multidimensionais a respeito e em prol do meio ambiente para ser usado ao longo de suas mediações de grupos de visitantes aos museus.

Vale ressaltar que, o intuito dessa pesquisa não é criticar e/ou muito menos julgar as ações desenvolvidas pelos educadores museais em prol do meio ambiente. Mas apontar o que pode ser ampliado e explorado pelos educadores através de intervenções educativas sistêmicas, interdisciplinares e complexas, oportunizando que os educandos reflitam e contextualizem a tamanha dimensão das problemáticas ambientais (Layrargues; Torres, 2022).

Nessa perspectiva faz-se necessário que ações formativas sejam oferecidas aos educadores de forma permanente no contexto da prática realizada nas instituições museais. E a fim de se investigar se os educadores museais realizaram e/ou participaram de práticas pedagógicas de Educação Ambiental, um novo questionamento foi proposto no questionário.

Quadro 29. Respostas dos educadores para o seguinte questionamento: já realizou e/ou participou de práticas pedagógicas de Educação Ambiental na Escola, na Universidade e/ou no Museu? Relate quais.

Códigos	Respostas
ED01	Palestras educacionais para alunos dos anos iniciais da educação básica.
ED02	Não.
ED03	Sim, plantio e preservação.
ED04	Sim, Palestras de preservação ambiental.
ED05	Sim, toda minha pesquisa é sobre mudanças climáticas.
ED06	Sim. Já plantei mudas de árvores na escola. No Museu das Culturas Dom Bosco pude fazer parte da equipe de educadores museais e transmitir conhecimentos sobre o meio ambiente de diversas formas, seja verbalmente, seja através de jogos ou outras metodologias.
ED07	Sim.
ED08	Sim. MuArq nas escolas, as visitas de escolas do MuArq. As práticas envolvem jogos lúdicos jogo de memória, trilha e simulação de escavação.
ED09	Apenas as visitas guiadas que, através da interdisciplinaridade, promoviam a preservação das culturas indígenas e da natureza.

Fonte: Google Forms (2023).

Esse questionamento foi inserido no questionário, não apenas para saber se os participantes já participaram de alguma prática pedagógica de Educação Ambiental, mas também para saber o que eles consideram ser uma prática de Educação Ambiental. Como resultados, evidenciou-se mais uma vez a utilização de terminologias de cunho pragmático. As ações pontuais de plantio de árvores, foram relatadas por dois educadores. Mas algo interessante foi o relato de jogos lúdicos com escolas, aspecto

que evidencia uma preocupação com a aprendizagem do público. também a temática cultural mostra uma perspectiva crítica de Educação Ambiental.

Quanto às respostas dos educadores para a formação recebida na universidade, vejamos:

Quadro 30. Na Universidade, você já cursou alguma disciplina e/ou estudo da temática de Educação Ambiental? Se sim, detalhe como foi (os conteúdos abordados).

Códigos	Respostas
ED01	Sem resposta.
ED02	Não.
ED03	Sim, pós graduação.
ED04	Sem resposta.
ED05	Sim, dentro de história ambiental.
ED06	Sim, estudei a disciplina de Ecologia onde a Educação Ambiental é um ponto fortíssimo abordado.
ED07	Sim.
ED08	Sim. Não lembro.
ED09	Não.

Fonte: Google Forms (2023).

Os resultados analisados retratam o quão é necessário e emergente a proposição e oferta e formações continuadas e/ou formações iniciais, que possuem uma abordagem teórico-metodológica consolidada a respeito das temáticas englobam a Educação Ambiental e os museus.

No decorrer das análises vimos a necessidade da promoção de cursos e capacitações sobre EA voltadas para Educadores museais que objetivam melhorar a formação destes profissionais, e conseqüentemente fortalecer o setor educativo das instituições museais, oferecendo-lhes uma educação em forma de mediação de conhecimentos de qualidade.

No que diz respeito a função dos Museus, retomaremos agora estes questionamento, agora voltado para os respondentes dos questionários. Para tanto estes profissionais foram questionados: Na sua opinião, qual deve ser a função dos Museus?

Quadro 31. Na sua opinião, qual deve ser a função dos Museus?

Códigos	Respostas
ED01	Não existe uma só palavra pra isso, quando inventarem falo aqui. Mas, por enquanto: é o de se educar com diversão ou uma educação divertida.
ED02	Encantar o público , preservar a memória, conhecimento.
ED03	Educação, cultura.
ED04	Construir e auxiliar no conhecimento .
ED05	Social, educativa e integrativa
ED06	Conectar as pessoas com as peças ali expostas, fazer com que elas não só entendam o que são e o que significam mas também com que as sintam.
ED07	Sem respostas.
ED08	Conectar as pessoas com as peças ali expostas, fazer com que elas são só entendam o que são e o que significam mas também com que as sintam.
ED09	Educar, conscientizar, entreter e informar.

Fonte: Google Forms (2023).

Quadro 32. Na sua opinião, qual a função dos Educadores Museais?

Códigos	Respostas
ED01	É o de intermediar o conhecimento entre o museu e os visitantes.
ED02	Facilitar ou promover o acesso cognitivo à exposição.
ED03	Atender e trabalhar com os visitantes
ED04	Disseminar informações.
ED05	Facilitador
ED06	Transmitir conhecimentos de forma informal porém assertiva e humanitária.
ED07	Manter sempre em movimento e buscando novidade.
ED08	Articular com os visitantes os conteúdos expostos no museu de forma interativa.
ED09	Conseguir apresentar de forma educativa os objetos e idéias contidos no museus, de modo que os visitantes possam refletir sobre o que viram

Fonte: Google Forms (2023).

Os resultados acima, demonstram que para os respondentes a principal função do educador museal é educar. Para tanto algumas terminologias foram utilizadas fim de expressar essa importante função, como: Facilitador, transmissão de conhecimentos,

Deste que foi proposto, este projeto teve como objeto de pesquisa central o educador museal. Tendo como grande objetivo escutá-los, conhecê-los e questioná-los. Para que assim pudéssemos traçar o perfil destes profissionais.

E para dar voz a estes profissionais não poderíamos deixar de fora um questionamento que possibilita-se que estes profissionais pudessem expressar seus anseios, aflições e dificuldades a quais enfrentam em seu dia a dia profissional, principalmente quando estão desempenham sua principal função, a de recepcionar visitantes e grupos escolares. Vejamos abaixo as respostas ao questionamento:

Quadro 33. Quais são as necessidades, dificuldades e/ou obstáculos para se conduzir grupos escolares no Museu?

Códigos	Respostas
ED01	A forma de como muitos educandos se comportam.
E02	Transporte (quase nunca disponível) , bolsas para monitores.
ED03	Falta de visita.
ED04	O tempo e o espaço.
ED05	A linguagem mais acessível.
ED06	Manter o controle do grupo para que não se dissipem, manter a atenção do público e impedir que o grupo seja barulhento e atrapalhe os outros visitantes presentes no museu.
ED07	No momento o espaço.
ED08	Falta de espaço físico.
ED09	A maior dificuldade se encontra em desconstruir preconceitos, principalmente quando os professores responsáveis por lecionar na escola do grupo perpetuam informações erradas.

Fonte: Google Forms (2023).

Observa-se através das respostas dos participantes da pesquisa, a recorrência de queixas a respeito do espaço físico das instituições museais, pois em geral os espaços costumam ter a capacidade de receber uma quantidade limitada de visitantes por grupos.

Outra problemática apontada diz respeito ao mal comportamento dos estudantes, visto que alguns grupos possuem estudantes indisciplinados e desinteressados na visita,

o que acaba prejudicando e dispersando os demais estudantes, resultando na dificuldade de mediação do educador museal.

A dificuldade em desconstruir conceitos e equívocos conceituais também foi apontada como um obstáculo a ser enfrentado quando recepciona-se grupos escolares. Além disso, a dificuldade com a disponibilidade para o transporte dos estudantes das escolas para os museus também foi relatada como uma problemática.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa propôs-se a investigar as concepções e o perfil de educadores museais de Mato Grosso do Sul sob a perspectiva interdisciplinar da Educação Ambiental crítica.

Após sua realização, considera-se que os objetivos foram alcançados com êxito, e inclusive superados, uma vez que sua realização possibilitou resultados ricos e significativos que poderão futuramente resultar em melhorias para a área profissional dos educadores museais.

Entendemos que nossa pesquisa destaca-se pelo seu ineditismo no estado do Mato Grosso do Sul. E acima de tudo possibilitou a promoção de uma maior visibilidade e valorização para estes profissionais que são atores chaves das instituições museais.

As questões não respondidas possibilitam que outros futuros estudos mais aprofundados sejam realizados. E acima de tudo possibilitou a promoção de uma maior visibilidade e valorização para estes profissionais que são atores chaves das instituições museais.

Durante as entrevistas, os(as) Gestores(as) apontaram em diversas reflexões muitos obstáculos e incertezas que foram observadas na revisão de literatura, principalmente no que tange a desvalorização dos profissionais dos museus, além da falta de estabilidade profissional. Problemas estes, que são recorrentes no universo dos

profissionais de museus, sendo inclusive apontados nos trabalhos de Carlétti; Massarani, (2015); Gomes; Cazelli, (2016); Costa (2019) e Norberto Rocha (2021).

A análise dos resultados evidencia a representatividade dos profissionais de Museus de Mato Grosso do Sul simbolizam o universo dos museus, além da importância dos mesmos para dar luz às instituições museais e demonstrar as problemáticas locais.

Como resultados foi observado uma certa igualdade de opiniões, ao se discutir assuntos como: Perfil Profissional Gestores; Perfil Profissional Educadores; Principais Problemáticas da área dos museus; As Necessidades de Formação; e Melhorias e/ou Aspirações para o futuro.

Quanto ao objetivo específico de identificar o perfil dos educadores museais de três museus de Mato Grosso do Sul, os resultados evidenciaram *que* a maioria deles têm idade entre 22 a 55 anos. Com uma pequena superioridade do gênero masculino (54,5%) contra o gênero feminino que representam (45,5%). No que diz respeito à formação acadêmica, a grande maioria dos pesquisados é composta de estudantes de graduação e/ou pós-graduação.

E em relação ao vínculo com os museus, foi evidenciado que pouco mais da metade dos respondentes são concursados (54,5%), ex-estagiários (27,3%), estagiário (9,1%) e outros (9,1%). Sendo que os profissionais temporários que são os estagiários, atuam no museu em média de 1 a 2 anos. Já os profissionais concursados atuam por longos períodos nas instituições museais, entre 10, 15 e 20 anos.

Em relação às formações iniciais destes profissionais, foram observadas formações diversificadas e no que diz respeito às *concepções dos educadores museais a respeito dos museus, das temáticas de Educação Ambiental (EA) e da Interdisciplinaridade*, os resultados apontaram a importância atribuída à interdisciplinaridade, pois foi unânime a afirmação positiva de que os museus oferecem um conhecimento interdisciplinar, embora as ações apresentadas tenham sido poucas.

No que confere à Educação Ambiental, os mesmos apontam ser o museu um espaço propício para o desenvolvimento de projetos, ações e/ou atividades que promovam a temática. No entanto, quando buscamos evidenciar as concepções da EA dimensões das concepções da educação ambiental conservadora, pragmática e crítica.

Notou-se uma predominância de concepções de cunho pragmático. E através destes resultados pode-se inferir que grande parte dos educadores, possuem algumas concepções equivocadas a respeito da Educação Ambiental (EA). Entretanto, reconhecerem que a EA pode ser trabalhada nas instituições museais e que os mesmos necessitem da oferta de formações continuadas e capacitações sobre essa temática de educação ambiental.

Quanto aos desafios e dificuldades dos educadores museais ao recepcionar grupos escolares, considerando a perspectiva interdisciplinar e crítica, os resultados apontaram que entre as principais problemáticas evidenciadas, destacaram-se diversas crítica em relação a limitação de espaço das instituições museais, a indisciplina e falta de interesse dos estudantes, a indisponibilidade de transporte para locomoção dos grupos escolares das escolares para os museus, além de dificuldades na desconstrução de equívocos e erros conceituais.

Em relação às dificuldades vivenciadas no dia a dia dos profissionais dos museus, as principais queixas foram a sobrecarga de funções, a falta de oferecimento de capacitação específicas para o público de educadores Museais, além da desvalorização não só do profissional dos museus, mas sim de todo setor museológico, que vivência sempre a realidade de funcionar com poucos profissionais e poucos recursos financeiros.

No que diz respeito às formações continuadas, como cursos, minicursos e/ou capacitações. Os resultados da pesquisa possibilitaram visualizar que a grande maioria dos profissionais de museus aprende na prática, observando seus colegas veteranos, participando de leituras e grupos de estudos, palestras e oficinas internas nas instituições onde anseiam atuar, ou seja, os educadores são treinados pelos próprios colegas veteranos.

Apenas alguns participantes da pesquisa relataram participar de formações e/ou capacitações voltadas para a temática de museus. Isso reforça a carência, e a necessidade da oferta de formações específicas para estes profissionais.

Em vista disso, objetivando buscar melhorias na área da educação museal, é preciso refletirmos sobre a necessidade de serem dadas maiores atenções a formação inicial destes profissionais. Implementando aos cursos de graduação, mais especificamente as licenciaturas, disciplinas voltadas para o desenvolvimento teórico e metodológico da educação em espaços não formais de ensino. Disciplinas estas, que agreguem a formação desses profissionais e lhes deem subsídios para que futuramente estejam capacitados para atuarem em instituições museais.

Para finalizar, reflito que aprendi, aprendi e aprendi, e admiro ainda mais essa profissão que resiste e se ressignifica com o passar dos tempos. Lembrando que nunca é tarde para reforçar que o museu não é lugar de coisas velhas.

Museu é lugar de alfabetização científica, aprendizagens, conhecimentos, criticidade, diálogos, experiências, histórias, interdisciplinaridade, ludicidade, memórias, mediação, preservação, respeito, tecnologia, um universo de possibilidades, vivências e muito mais, o museu é vida, é o caminho do conhecimento através de uma viagem no futuro e no passado.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. A. Mediações da cultura e da informação: perspectivas sociais, políticas e epistemológicas. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, João Pessoa, v. 1, n. 1, p. 1-24, 2008.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016

Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70.

BRASIL. Decreto nº 16.078, de 13 de julho de 1944. **Diário Oficial da União** - Seção 1 -15/7/1944, Página 12474 (Publicação Original). Disponível em <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1940-1949/decreto-16078-13-julho-1944-461459-publicacaooriginal-1-pe.html>>

_____. Constituição de 1988. Constituição da República Federativa do Brasil. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 5 out. 1988.

_____. Lei nº. 7.287, de 18 de novembro de 1984. Dispõe sobre a regulamentação da profissão de museólogo. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 19 dez. 1984 e retificado em 21 dez. 1984

_____. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei número 9394, 20 de dezembro de 1996.

_____. **Secretaria de Educação fundamental**. Parâmetros curriculares nacionais: Meio Ambiente e Saúde / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEC, 1997.

_____. **Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais de 1ª a 4ª séries**: apresentação dos temas transversais, ética, vol. 08.1. Brasília: MEC/SEF, 1997c. Disponível em: <http://www.mec.gov.br>. Acesso em 5 abr. 2023.

_____. **Política Nacional de Educação Ambiental -PNEA-** Lei no 9.795, de 27 de abril de 1999.

_____. Ministério do Meio Ambiente. **As identidades da educação ambiental brasileira**. Brasília, 2004.

_____. **Lei nº 11.904 de janeiro de 2009**. Institui o Estatuto de Museus e dá outras providências. Brasília, DF, 14 jan. 2009. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Lei/L11904.htm. Acesso em: 12 jun. 2023.

_____. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica**/ Ministério da Educação. Brasília: MEC. SEB, DICEI, 2013.

_____. **Decreto nº 8.124 de 17 de outubro de 2013**, que regulamenta dispositivos da Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009, que institui o Estatuto de Museus, e da Lei nº

11.906, de 20 de janeiro de 2009, que cria o Instituto Brasileiro de Museus – Ibram. Brasília, 2013. Disponível em:
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2013/Decreto/D8124.htm. Acesso em 15 jun 2023.

_____. Ministério da Cultura. **Instituto Brasileiro de Museus**. Portaria nº 422, de 30 de novembro de 2017. Diário Oficial da União, Brasília, DF, seção 1, n. 238, p. 5 6, 13 dez. 2017b.

BIANCONI, M.L; CARUSO, C. **Educação não-formal. Ciência e Cultura**. São Paulo, v.57, 2005. Disponível em <http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S000967252005000400013> Acesso em: 19 dez.2022.

CARLÉTTI, C. **Mediadores de centros e museus de ciência brasileiros: quem são esses atores-chave na mediação entre a ciência e o público?** 2016. 132 f. Tese (Doutorado) – Instituto Oswaldo Cruz, Pós-Graduação em Ensino em Biociências e Saúde, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2016.

CARLÉTTI, C.; MASSARANI, L. Mediadores de centros e museus de ciência: um estudo sobre quem são estes atores-chave na mediação entre a ciência e o público no Brasil. **Journal of Science Communication**, 2016.

CARVALHO, T. F. G. **A comunicação científica em museus de ciência e o papel do mediador**, 2012. 175 f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-graduação Interunidades em Ensino de Ciências, Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

CERVO, A. L. BERVIAN, P. A. **Metodologia científica**. 5.ed. São Paulo: Prentice Hall, 2002.

COIMBRA, José de Ávila Aguiar. **O outro lado do meio ambiente: a incursão humanista da questão ambiental**. Campinas: Millennium, 2002.

COSTA, DT et al. Grandes Impactos Ambientais no Mundo. Caderno Meio Ambiente e Sustentabilidade, Uninter. Disponível em:
<https://www.uninter.com/revistameioambiente/index.php/meioAmbiente> Acesso em: 1 dez. 2022

COSTA, Rayanne Maria Jesus da et al. **Oficina interativa baseada na educação ambiental crítica no Museu Espaço Ciência Viva no Rio de Janeiro**. 2019. Tese de Doutorado.

CHAGAS, I. Aprendizagem não formal/formal das ciências. Relações entre os museus de Ciência e as escolas. Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa. **Revista de Educação**, 51-59. Lisboa, 1993.

CHAGAS, M. Museus de ciência: assim é, se lhe parece. **Caderno do Museu da Vida 2001-2002**. O formal e o não-formal na dimensão educativa do museu. (Org.). Museu da Vida e Museu de Astronomia e Ciências Afins, Fundação Oswaldo Cruz, p.46-59, 2002.

DA SILVEIRA, Claudia Vera; ZAMBERLAN, Carlos Otávio; DE FREITAS FONTANIVE, Alessandra. Valoração Econômica do Museu da Erva-Mate no Município de Ponta Porã. **Revista de Economia Mackenzie**, v. 16, n. 2, 2019.

DIAS, Genebaldo Freire. **Educação Ambiental - princípios e práticas**. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 2000.

DUARTE CÂNDIDO, Manuelina Maria. Pensar a história dos museus em um mundo em transformação. **Arte Revista**, v. 2, n. 2, 2013.

e Albuquerque, L. B., de Souza Perrelli, M. A., Gomes de Miranda, N. R., Kashimoto, E. M., & Queiroz, D. S. (2016). Museu Dom Bosco após 50 anos. **Multitemas**, (30). <https://doi.org/10.20435/multi.v0i30.765>

FAZENDA, Ivani C. **Integração e interdisciplinaridade no ensino brasileiro: efetividade ou ideologia**. São Paulo: Loyola, 1979.

_____. **Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa**. 13. Ed. Campinas: Papirus, 2006.

FOUREZ, G. **A construção das ciências: introdução à filosofia e à ética das ciências**. São Paulo: Editora da Unesp, 1995

FONTANARI, Lilian Santos da Silva. Um pantanal inundado de memórias: análise das ações e do caráter educativo do Museu de História do Pantanal (Muhpan), Corumbá, MS, Brasil. 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. Apresentação de Ana Maria Araújo Freire. Carta-prefácio de Balduino A. Andreola. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

GADOTTI, M. **Perspectivas atuais da educação**. Porto Alegre, Ed. Artes Médicas, 2000.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GOMES, I; CAZELLI, S. Formação de mediadores em museus de ciência: diálogos entre a educação formal e não formal. **Educação Online**, Rio de Janeiro, n. 16, p. 1-22, 2014.

GOMES, I; CAZELLI, S. Formação de mediadores em museus de ciência: saberes e práticas. **Ensaio**, Belo Horizonte, v.18, n. 1, p. 23-46, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1590/1983-21172016180102>.

GUIMARÃES, M. **A dimensão ambiental na educação**. 8. Ed. São Paulo: Papirus. 1995

IBRAM. Guia dos Museus Brasileiros/Instituto Brasileiro de Museus. Brasília: **Instituto Brasileiro de Museus**, 2011.

_____. Instituto Brasileiro de Museus. **Museus em Números**. Vol. 1, Brasília, 2011.

_____. Plano Nacional Setorial de Museus - 2010/2020. Ministério da Cultura, Instituto Brasileiro de Museus: Brasília, DF: MinC/Ibram, 2010. IBRAM. Documento Final da Política Nacional de Educação Museal. Brasília, DF: Instituto Brasileiro de

Museus, 2017. IPHAN. Política Nacional de Museus. Brasília, DF: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2003.

_____. INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS (IBRAM). MINISTÉRIO DA CULTURA. **Política Nacional de Educação Museal – PNEM**. Coordenação de Museologia Social e Educação. 2017.

_____. INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS - IBRAM. **Plano de Integridade**. 2019. Disponível em: https://www.gov.br/museus/pt-br/acao-a-informacao/institucional/plano_de_integridade_ibram__v__17-12-19_.pdf (www.gov.br).. Acesso: 07 de jun. 2023.

_____. INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS - IBRAM. Caderno da Política Nacional de Educação Museal. Brasília, DF: IBRAM, 2018. Disponível em: <https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2018/06/Caderno-da-PNEM.pdf>. Acesso em: jan. 2023.

ICOM Brasil. 2022. ICOM aprova Nova Definição de Museu [online]. Disponível em: <https://www.icom.org.br/?p=2756>. Acessado: 07 jan. 2023.

JANJACOMO, JONATHAN PIRES. **Processos formativos, mediação e diferentes fazeres em centros e museus de ciências: o caso da Escola da Ciência–Física em Vitória/ES. 2018. Tese de Doutorado. Dissertação de Mestrado). Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, Brasil**. Recuperado de: http://repositorio.ufes.br/bitstream/10/8616/1/tese_12062_Disserta%C3%A7%C3%A3o%20-%20Jonathan%20Pires%20Janjacom.pdf.

JULIÃO, Letícia. Apontamentos sobre a história do museu. In: NASCIMENTO, Sylvania Sousa; TOLENTINO, Átila; CHAGAS, Mário (coord.). **CADERNO de diretrizes museológicas 1**. 2. ed. Brasília: Ministério da Cultura / Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/ Departamento de Museus e Centros Culturais, Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura/ Superintendência de Museus, 2006.

KOPTCKE, Luciana Sepúlveda; LOPES, Maria Margareth; PEREIRA, Marcelle. A construção da relação Museu-Escola no Rio de Janeiro entre 1832 e o final dos anos de 1927. Análise das formas de colaboração entre o Museu Nacional e as instituições da educação formal. **ANPUH – XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – São Leopoldo**, 2007.

KRÜGER, Eduardo L. Uma abordagem sistêmica da atual crise ambiental. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, v. 4, 2001.

LAVILLE, C.; DIONNE, J. **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas**. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

LAYRARGUES, P. P. A crise ambiental e suas implicações na educação. **Pensando e praticando educação ambiental na gestão do meio ambiente**. 2ª ed. Brasília: Edições IBAMA, 2002.

LAYRARGUES, Philippe Pomier. **Identidades da Educação Ambiental Brasileira**. Brasília: MMA. 2004.

LAYRARGUES, P. P.; LIMA, G. F. da C. Mapeando as macrotendências político pedagógicas da educação ambiental contemporânea no Brasil. **Encontro Pesquisa em Educação Ambiental: a pesquisa em educação ambiental e a pós-graduação**, v. 6, p. 1-15, 2011.

_____. As macrotendências político pedagógicas da educação ambiental brasileira. **Ambiente & Sociedade**, 17(Ambient. soc., 2014).

LEFF, E. (2009). Complexidade, Racionalidade Ambiental e Diálogo de Saberes. **Educação & Realidade**, 34(3). Recuperado de <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/9515>

LIMA, Diana Farjalla Correia. **ENANCIB – Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação**, 8, 2007, Salvador. Anais eletrônicos... Salvador, 2007. Disponível em: <<http://www.ancib.org.br/anais>>. Acesso em: 12 nov. 2022.

LIMA, G. F. C. **Crise Ambiental, educação e cidadania: os desafios da sustentabilidade emancipatória**. LOUREIRO, C. F. B.; LAYRARGUES, P. P.; CASTRO, R. S. (Org.). Educação ambiental: repensando o espaço da cidadania. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

LIRA-DA-SILVA, J. R. **Educação museal: investigando a mediação em um museu de ciências itinerante**. 2018. 144 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Educação, Salvador, 2018.

LOUREIRO, C. F. B. Educação Ambiental Transformadora. In: **Identidades da Educação Ambiental Brasileira**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2004.

LORENZETTI, L. **Estilos de pensamento em Educação Ambiental: uma análise a partir das dissertações e teses**. 2008. Tese (Doutorado em Educação Científica e Tecnológica) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008. Loureiro, C. F. B. (2009). Premissas teóricas para uma educação ambiental transformadora. **Ambiente & Educação**, 8(1), 37–54.

LONKHUIJZEN, D. M. V.; VARGAS, I. A.; ZANON, A. M.; WIZIACK, S. R. C. Educação Ambiental e museus: janelas epistemológicas do passado, presente e futuro. **INTERAÇÕES**, p. 617-634, 2022

LÜCK, H. **Pedagogia interdisciplinar: fundamentos teórico-metodológicos**. Rio de Janeiro: Vozes, 2010.

LUDWIG, Antônio Carlos Will. **Fundamentos e Prática de Metodologia Científica**. 3. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

MACHADO, Érika Pereira. MACHADO, Carlos Antônio Moraes. RASGA, Frederico Sucena. **Proposta Projetual de um museu de arte na cidade de Cuiabá – MT**. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Ano 05, Ed. 01, Vol. 06, pp. 147-181. Janeiro de 2020.

MADELLA, Cátia Regina; DE CASTILHO, Maria Augusta; SANTOS, Maria Christina de Lima Félix. Atividades educativas não formais realizadas no museu de arte

contemporânea-marco de mato grosso do sul. Composição **Revista de Ciências Sociais da UFMS**, v. 1, n. 23, p. 59-73, 2020.

MALUF, Maria Fernanda Terra. **O Museu e o Ato Criativo**. 2009. 153f. Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio. UNIRIO/MAST– Rio de Janeiro, 2009.

MARANDINO, M. Interfaces na relação museu-escola. **Cad. Cat. Ens. Fís.**, v. 18, n. 1, p. 85- 100, abr., 2001a.

_____. **Educação em museus: a mediação em foco**. 1. ed. São Paulo: GEENF/FEUSP, 2008.

_____. **A Educação em Museus e os Materiais Educativos** / Martha Marandino et al. São Paulo: GEENF/USP, 2016.48 p. + anexos

MASSARANI, L.; ALMEIDA, F. Introdução a um diálogo sobre a mediação em museus e centros de ciência. In:MASSARANI, L.; ALMEIDA, C. (org.). **Workshop sul-americano & escola de mediação em museus e centros de ciência**. Rio de Janeiro: Museu da Vida: Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, 2008. p.07-11.

MASSARANI, Luisa et al. Mediadores de centros e museus de ciência: um estudo sobre os profissionais que atuam na América Latina. **Museologia e Patrimônio**-Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio–Unirio, v. 14, n. 1, 2021.

_____. Mediadores em museus de ciência: um estudo sobre profissionais que atuam no Brasil. **ACTIO: Docência em Ciências**, v. 7, n. 1, p. 1-19, 2022.

MARCONI, M. A; LAKATOS, E. M. **Metodologia Científica**. 7. Ed. São Paulo: Atlas, 2017.

MARTINS, Evandro Silva. A etimologia de alguns vocabulários referentes à educação. **Olhares & Trilhas**, v. 6, n. 1, 2005.

MARTINS, L.; MARTINS, D. Novas práticas sociais no campo da educação museal: a cultura digital e a sociabilidade em rede. **Revista Docência e Cibercultura**, v.3, n.2, 2019. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/re-doc/article/view/44795>. Acesso em: jan. 2023.

MARTINS, Gilson Rodolfo. Contribuições da Etno-História para a arqueologia do nordeste do Mato Grosso do Sul, na área impactada pelo gasoduto Bolívia-Brasil. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, n. 11, pág. 303-310, 2001.

_____. Histórico da Criação do MuArq–Museu de Arqueologia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. albuquerque: **revista de história**, v. 1, n. 2, p. 73-88, 2009.

MARTINS, Luciana Conrado. **A constituição da educação em museus: o funcionamento do dispositivo pedagógico museal por meio de um estudo comparativo**

entre museus de artes plásticas, ciências humanas e ciência e tecnologia. 2011. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. doi:10.11606/T.48.2011.tde-04072011-151245. Acesso em: 2023-07-10.

MORIN, E. **A religião dos saberes**. O desafio do século XXI, SP. Bertrand Brasil, 2000.

_____. **Introdução ao pensamento complexo**. Tradução de Eliane Lisboa. 4. ed. Porto Alegre: Sulina, 2011.

_____. **Ensinar a viver: manifesto para mudar a educação**. Tradução de Edgar de Assis Carvalho e Mariza Perassi Bosco. Porto Alegre: Sulina, 2015.

MORAES, R. Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela análise discursiva. **Ciências e Educação**, v. 9, n. 2, p. 191-211, 2003.

MORAES, R. et al. **Mediação em museus e centros de ciências: o caso do Museu de Ciências e Tecnologia da PUCRS**. Massarani, L., Merzagora, M., Rodari, P. (Org.). **Diálogos e Ciência: mediação em museus de ciências e centros de ciências**. Rio de Janeiro: Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, 2007.

NORBERTO ROCHA, J.; ABREU, W. V. de. Editorial. **ACTIO**, Curitiba, v. 6, n. 2, p. 1-4, mai. /ago. 2021. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/actio>. Acesso em: 13 abril 2022. DOI: <http://dx.doi.org/10.3895/actio.v6n2.14699>.

OLIVEIRA, S. COUTINHO-SILVA, R. Aprendizagem significativa no contexto do ensino não formal. **Aprendizagem Significativa em Revista**, v. 10, n. 1, p. 46-67, 2020.

OLIVEIRA, R. C. **Arte e educação geográfica: possibilidades a partir de obras do Museu de Arte Contemporânea de Mato Grosso do Sul (MARCO)**. 2020. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, MS, 2020.

PEDRINI, Alexandre de Gusmão. **Educação Ambiental: reflexões e práticas contemporâneas**. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

QUEIROZ, G. R.P.C. Formação de mediadores para museus em situações educacionais ampliadas: saberes da mediação e desenvolvimento profissional. **Ensino em Re-Vista**, Uberlândia, v. 20, n. 1, p. 149-162, jan./jun. 2013. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/emrevista/article/view/23219>.

REIGOTA, M. **Meio Ambiente e Representação Social**. São Paulo: Cortez, 1995.

_____. **O que é educação ambiental**. 2º Ed. São Paulo: Brasiliense, 2009.

RIBEIRO, M. das G.; FRUCCHI, G. **Mediação - a linguagem humana dos museus**. In: MASSARANI, L.; MERZAGORA, M.; RODARI, P. (Org.) **Diálogos e ciência: mediação em museus e centros de ciências**. Rio de Janeiro: Museu da Vida/ Casa de Oswaldo Cruz/ Fiocruz, 2007. p. 67-74.

RICKLEFS, Robert E. **A economia da natureza**. Trad. Cecília Bueno. 5a ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.

RODARI, P.; MERZAGORA, M. Mediadores em museus e centros de ciência: status, papéis e treinamento: uma visão geral europeia. In: MASSARANI, L.; MERZAGORA, M.; RODARI, P. (org.). **Diálogos & ciência: mediação em museus e centros de ciência**. Rio de Janeiro: Museu da Vida: Casa de Oswaldo Cruz, 2007. p. 8-20.

RODRIGUES, Paola; MERZAGORA, Matteo. Mediadores em museus e centros de ciência: Status, papéis e capacitação. Uma visão geral europeia. In: MASSARANI, L.; MERZAGORA, M.; RODRIGUES, P. (orgs.) **Diálogos & ciência: mediação em museus e centros de Ciência**. – Rio de Janeiro: Museu da Vida/Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, p. 7-20, 2007

ROLDI, Maria Margareth Cancian; SILVA, Mirian do Amaral Jonis; CAMPOS, Carlos Roberto Pires. Diálogo com mediadores de Museus de Ciência. **Ciência & Educação** (Bauru), v. 25, p. 983-998, 2019.

SANTANA, Douglas Proença de. **Museus como ferramenta pedagógica: o caso do museu arqueológico e histórico de Coxim/MS**. 2017.

SANTOS A. S. R. dos. **Base legal da Educação Ambiental no Brasil: programa Ambiental: a Última Arca de Noé**, 1999.

SANTOS, Maria Christina de Lima Félix. **O patrimônio histórico museal em Campo Grande - MS: perspectivas e desafios no contexto do desenvolvimento local**. 2019. 168 f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Local) - Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, 2019.

SAUVÉ, L. **Uma cartografia das Correntes em educação ambiental**. In: M. SATO; I. C. M. CARVALHO (org.). Educação Ambiental. Porto Alegre: Artmed. p. 17-45, 2005.

SILVA, Rosana Louro Ferreira. **O meio ambiente por trás da tela-estudo das concepções de educação ambiental dos filmes da TV escola**. 2007. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

SILVA, Maria Cleidiane Barbosa da. **O museu de ciência como cenário da formação docente: saberes e concepções de licenciandos mediadores do Museu Seara da Ciência - UFC**. 2018. 117f. - Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira, Fortaleza (CE), 2018.

SILVA, Ketylen Karyne Santos; GONÇALVES, Josiane Peres. Visitas livres versus visitas orientadas: aprendizagem no espaço educativo do Museu de História do Pantanal em Corumbá/MS. Perspectivas em Diálogo: **Revista de Educação e Sociedade**, v. 7, n. 15, p. 273-290, 2020.

SHIMIZU, Carina Kotani. **Mediação informacional e cultural em museus e exposições: reflexões sobre teoria e prática pela visão dos profissionais de mediação**. 2021. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

TRAN, Lynn U. The professionalization of educators in science museums and centers. **Journal of Science Communication**, v.7, n.4, 2008

VAN LONKHUIJZEN, Dirceu Mauricio; CANDIA, Claudia Ester Soares; VILHALVA, Shirley. Iniciativas de Acessibilidade no Museu das Culturas: Doim Bosco-MCDIB. In: **Revista Forum**. 2013. p. 25-40.

ZEN, Daniel Dalla. O curso de museus e museologia no Brasil. **Revista Eletrônica Ventilando Acervos**, v. 3, n. 1, p. 76-91, nov. 2015.

APÊNDICE 01

QUESTIONÁRIO

PERFIL E CONCEPÇÕES DOS EDUCADORES MUSEAIS

Prezado(a) Educador(a) Museal, é com enorme prazer que a(o) convido a participar e contribuir com uma pesquisa quali-quantitativa, intitulada: CONCEPÇÕES E PERFIL DE EDUCADORES MUSEAIS DE MATO GROSSO DO SUL, SOB A PERSPECTIVA INTERDISCIPLINAR DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL CRÍTICA, cujo objetivo investigar o perfil e ações dos educadores museais de Mato Grosso do Sul. A mesma contribuirá para a construção de uma dissertação de mestrado, do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências-PPGEC da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Elaborada pela mestrandia Karina da Silva Almeida, sob a orientação da Profa. A Dra. Suzete Rosana de Castro Wiziack. Contamos com suas contribuições em nosso trabalho, e agradecemos sua participação. Muito Obrigada.

Em caso de dúvidas ou desistência, entrar em contato com a pesquisadora: Email- kariaalmeida_09@hotmail.com ou pelo telefone (67) 9.9662-5047 (Karina da Silva Almeida). Endereço: Av. São Nicolau, n.1705, bairro Santa Luzia, Campo Grande/MS.

Em caso de dúvida quanto à condução ética do estudo, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da UFMS (CEP/UFMS), localizado no Campus da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, prédio das Pró-Reitorias 'Hércules Maymone' – 1º andar, CEP: 79070900. Campo Grande – MS; e-mail: cepconep.propp@ufms.br; telefone: 67-3345-7187; atendimento ao público: 07:30-11:30 no período matutino e das 13:30 às 17:30 no período vespertino. O Comitê de Ética é a instância que tem por objetivo defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos. Dessa forma, o comitê tem o papel de avaliar e monitorar o andamento do projeto de modo que a pesquisa respeite os princípios éticos de proteção aos direitos humanos, da dignidade, da autonomia, da não maleficência, da confidencialidade e da privacidade.

Perfil dos Educadores Museais

1. Idade: _____.

2. Gênero: () Feminino () Masculino () Outros

3. Formação Acadêmica/Profissional:

() Ensino Médio Completo.

() Ensino Superior incompleto. () Ensino Superior Completo.

() Especialização Lato Sensu.

- Mestrado cursando.
- Mestrado concluído.
- Doutorado cursando.
- Doutorado concluído.
- Outros

4. Se você cursou ou cursa o Ensino Superior, (Graduação, Mestrado e/ou Doutorado) especifique o(s) nome(s) do(s) curso(s)?

5. Se você respondeu "outra formação" à questão 3. Especifique qual?

6. Em qual Museu você atua ou já atuou:

- Museu de Arqueologia da UFMS/ MUARQ
- Museu das Culturas Dom Bosco/ MCDB
- Museu de História do Pantanal/ MUHPAN
- Outros

7. Se você respondeu "outro" à questão anterior, especifique:

8. Vínculo com o Museu:

- Estagiário(a) Servidor(a) público concursado Servidor(a) temporário
- Servidor (a) terceirizado Voluntário(a) Ex Estagiário(a) Ex servidor(a) Ex Voluntário Outro

9. Se você respondeu "Outro" à questão anterior, especifique:

10. Há quanto tempo você trabalha(ou) e/ou estagia(ou) no Museu?

11. Em que período do dia você trabalha(ou) e/ou estagia(ou) no Museu:

- Matutino Vespertino Integral Outros

12. Por que você se interessou em trabalhar/estagiar neste museu?

13. Você possui algum curso de língua estrangeira e/ou consegue se comunicar (conversa) em outro idioma? Sim Não

14. Se você respondeu "Sim" à questão anterior, especifique qual(is) idioma(s)?

15. Quais atividades você desempenha(ou) no Museu?

- Administração e/ou Coordenação do Museu;
- Curadoria das exposições (cuida, seleciona, organiza e exhibe) ;
- Documentação e catalogação de um acervo;
- Conservação e restauro do acervo;
- Recepção dos visitantes;
- Condução e mediação dos visitantes (grupos escolares e público em geral);
- Outros

16. Se você respondeu "outros" a questão anterior, especifique ?
17. Se você desempenha(ou) a função de conduzir grupos escolares pelo museu. Responda: Em média, quantos grupos escolares você atende/atendeu e/ou guia/guiou diariamente?
18. Você participa ou participou de formações e/ou capacitações relacionadas a temática de museus? ()Sim ()Não
19. Em média, anualmente qual a quantidade de formações que você participa(ou)?
- () Nenhuma
- () De 1 a 3 Formações por ano
- () De 4 a 6 Formações por ano
- () De 7 a 9 Formações por ano
- () 10 Formações por ano
- () Mais de 10 Formações por ano
- () Outro
20. Se você respondeu "Sim" à questão 18 , especifique qual(is) o tipo(s) de Formação(ões):
- ()Curso
- ()Oficina
- ()Grupo de Estudos
- ()Minicurso
- ()Palestra
- ()Outros
21. Se você respondeu "Outros", à questão anterior, especifique:
22. Se você já realizou alguma formação. Quem ofereceu a formação (Nome da instituição, local) ?
23. Se você já realizou alguma formação. Ela foi oferecida em qual formato:
- () À distância (EAD)
- () Presencial
- () Híbrida
- () Outro:
24. Quais são as contribuições que as formações sobre Museus, proporcionaram ou proporcionam a sua prática profissional?
25. No futuro, você pretende atuar profissionalmente em Museus (Se Estagiário)? Por que?
- *Pergunta apenas para Estagiários(as).
26. Se você respondeu "sim", à questão anterior, responda por quê?
27. Você pretende realizar algum estudo ou mesmo especialização, mestrado e/ou doutorado na área de museus, museologia e/ou educação museal?
- Se sim, qual? E onde?

Concepções sobre Interdisciplinaridade

1. Você acredita que os museus oferecem um conhecimento interdisciplinar? Justifique sua resposta.

2. Para você o que é interdisciplinaridade?
 3. Você acredita que é possível explorar a Interdisciplinaridade a partir de uma visita ao Museu? () Sim () Não () Talvez () Outro
 4. Você já realizou e/ou participou de projetos interdisciplinares no Museu? Relate como foi.
 5. Na sua opinião, o museu pode realizar um projeto interdisciplinar voltado para atender os grupos escolares? Explique.
 6. Você se sente capacitado/preparado para trabalhar com a temática da Interdisciplinaridade? () Sim () Não () Talvez () Outro
 7. Na sua opinião, que disciplinas escolares podem ser trabalhadas a partir das visitas aos Museus:
 Artes Ciências/Biologia Física Filosofia Geografia
 História Inglês Língua Portuguesa Matemática
 Filosofia Sociologia Química Todas Outras.
 8. Quais áreas do conhecimento podem ser exploradas/trabalhadas no Museu?
 Linguagens e suas tecnologias Matemática e suas tecnologias Ciências da natureza e suas tecnologias Ciências Humanas e suas tecnologias Outros
9. Você consegue estabelecer relações de aproximações e contextualizações entre os conteúdos curriculares trabalhados pelo professor com as exposições do Museu? Cite exemplos.
10. Relate como você exploraria ou explora o Museu de forma interdisciplinar? Dê exemplos ou sugestões.
11. Na sua opinião, existe alguma metodologia e/ou atividade propícia para se trabalhar com a Interdisciplinaridade no Museu? Dê exemplos e sugestões.

Concepções sobre Educação Ambiental

1. Para você o que é Educação Ambiental?
2. Para você a Educação Ambiental é interdisciplinar? Explique sua resposta
3. Em seu dia a dia, relate práticas em prol do meio ambiente que você costuma realizar?
4. Para você, a Educação Ambiental abrange quais áreas do conhecimento?
 Ciências da natureza e suas Tecnologias;
 Ciências humanas e suas Tecnologias;
 Linguagens e suas Tecnologias;
 Matemática e suas Tecnologias;
 Outras.
5. Na sua opinião, a Educação Ambiental pode englobar quais dimensões:
 Ambiental;
 Econômica;
 Educacional;
 Ética;

- ()Étnica;
 ()Pedagógica;
 ()Tecnológica;
 ()Científica;
 ()Todas as Alternativas;
 () Nenhuma das Alternativas;
 () Outros.
6. Se você respondeu "Outro" à questão anterior. Especifique.
7. Você já realizou e/ou participou de práticas pedagógicas de Educação Ambiental na Escola, na Universidade e/ou no Museu? Relate quais.
8. Na Universidade, você já cursou alguma disciplina e/ou estudou a temática de Educação Ambiental? Se sim, detalhe como foi (conteúdos abordados)?
9. Você sente-se capacitado/preparado para trabalhar com a Educação Ambiental no Museu? ()Sim ()Não ()Talvez ()Outro
10. Você já realizou alguma formação acadêmica-profissional e/ou se capacitou para trabalhar com ações ou projetos de Educação Ambiental? ()Sim ()Não ()Talvez ()Outro
11. Na sua opinião, com quais disciplinas é mais fácil a realização de projetos de Educação Ambiental nos museus? Explique por que.
12. Você acredita que o Museu seja um espaço propício para o desenvolvimento de projetos e/ou atividades de Educação Ambiental? ()Sim ()Não () Talvez ()Outro
13. Relate uma ação ou prática de Educação Ambiental realizada no Museu?
14. Você conhece e/ou sugere alguma metodologia e/ou atividade para se trabalhar com a Educação Ambiental no Museu? Dê exemplos e sugestões.

Concepções sobre Museus

1. Você costuma visitar museus? (desconsidere o museu que você atua/trabalha)
 () Sim () Não ()Outro
2. Anualmente, com que frequência você visita Museus (desconsidere o Museu em que atua)?
 () 1 vez por ano () 2 vezes por ano () 3 vezes por ano () De 4 a 6 vezes por ano () De 7 a 10 vezes por ano () Mais de 10 vezes () Outros.
3. Você considera que os museus são locais propícios para se desenvolver ações/atividades:
 () Artísticas () Apreciação estética () Culturais () Educativas
 () Interdisciplinares () Lazer () Lúdicas () Entretenimento
 () Pesquisa () Turísticas () Recreativas ()
 Históricas () Sociais () Todas as alternativas () Nenhuma das alternativas ()Outras
4. Se você recepciona grupos escolares. Qual etapas/níveis de ensino você mais recepciona no Museu?
 () Educação Infantil

- Ensino Fundamental I (Anos iniciais)
- Ensino Fundamental II (Anos finais)
- Ensino Médio
- Graduação
- Pós-graduação
- Todas
- Nenhuma
- Outros

5. No que diz respeito as Modalidades de ensino. Quais grupos pertencentes a estas modalidades você já recepcionou no Museu?

- Educação do Campo
- Educação Especial
- Educação a Distância (EAD)
- Educação de Jovens e Adultos (EJA)
- Educação Escolar Indígena
- Educação Escolar Quilombola
- Educação Profissional e Tecnológica
- Todas
- Nenhuma
- Outros

6. Você se sente capacitado para recepcionar os visitantes do Museu?

- Sempre
- Às vezes
- Nunca
- Outros

7. Qual o Papel do(a) Educador (a) Museal ?

8. Como você se prepara/preparou para receber os visitantes do Museu?

9. Quais são os benefícios dos Museus para o processo de ensino e aprendizagem de grupos escolares?

10. Quais são as necessidades, dificuldades e/ou obstáculos para conduzir grupos escolares ao Museu?

11. Na sua opinião, qual deve ser a função dos Museus?

12. Para finalizar, deixe um breve relato de experiência a respeito de seu cotidiano no Museu. Quais são suas dificuldades, alegrias e/ou desafios encontrados durante a condução de grupos escolares (dê exemplos: como no planejamento, condução/indisciplina do grupo escolar)?

Data: _____, de _____, de _____.

Local: _____.

Assinatura do (a) Educador(a) Museal

Assinatura da Pesquisadora

APÊNDICE 02**ENTREVISTA COM OS(AS) GESTORES (AS) DOS MUSEUS**

1. Idade:
2. Gênero: () Feminino () Masculino () Outro. Qual?
3. Em qual Museu você atua?
4. Qual a tipologia do Museu (artes, história, ciências, etc.)?
5. Formação Profissional?
6. Vínculo Profissional com o Museu (temporário, efetivo, terceirizado, voluntário etc.)?
7. Há quanto tempo você trabalha no Museu?
8. Conte como você conseguiu este emprego (convite, indicação, processo seletivo, concurso, outros)?
9. Você possui alguma formação, especialização, pós-graduação, curso específico voltado para a área de Museu e/ou Museologia? Qual?
10. Com que frequência você participa de formações e/ou capacitações relacionadas à Museus, Museologia e/ou Educação museal ?
11. Para você, qual a função do Museu?
12. Qual a função dos Educadores Museais?
13. Relate brevemente quais atividades você realiza no Museu (rotina)?
14. Quais atividades são realizadas no Museu (pelos demais profissionais)?
15. Especifique, quais projetos e/ou programas são realizados e/ou coordenados no, ou pelo Museu? O Museu possui parcerias? Se sim, quais?
16. Qual o perfil dos visitantes do Museu (turistas, estudantes, professores)?
17. Em média, quantos grupos escolares o Museu recebe diariamente?
18. Você oferece e/ou organiza capacitações no Museu com grupos de professores?
19. Se sim, quem organiza e oferece as capacitações? Você busca parcerias?
20. Atualmente, o Museu possui quantos Educadores Museais?
21. Como os educadores museais são selecionados?
22. Quais atividades os educadores museais desempenham no Museu?
23. Como os Educadores museais estabelecem diálogo com os visitantes? (de maneira espontânea, roteiro pré-estabelecido, etc.)?

24. Os Educadores museais problematizam e/ou exemplifica temáticas levantadas a partir das visitas?
25. Em média, quanto tempo é dedicado à mediação com o público por cada mediador?
26. Você considera que os Educadores Museais estão capacitados para recepcionarem todos os tipos de público?
27. Os educadores museais passam por treinamentos e capacitações? Se sim, quais? E com que frequência?
28. Quem oferece os cursos e/ou as capacitações dos educadores museais?
29. Os educadores museais participam de cursos e/ou capacitações voltadas para a temática de Educação Ambiental?
30. Os educadores museais participam de cursos e/ou capacitações voltadas para a temática de Interdisciplinaridade?
31. Na sua opinião, quais medidas devem ser tomadas e/ou estratégias devem ser traçadas buscando melhorias na formação de educadores museais?

Data: _____, de _____, de _____.

Local: _____.

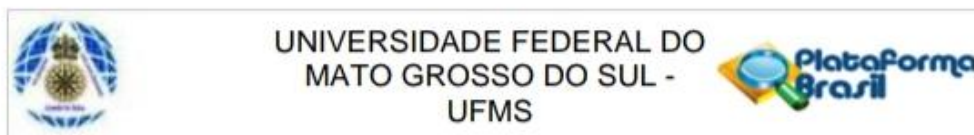
_____.

Assinatura do (a) Gestor(a) Museal

_____.

Assinatura da Pesquisadora

ANEXO 01



Continuação do Parecer: 5.943.916

Ausência	tcle_educadoresmuseais.pdf	09/09/2022 21:00:11	Karina da Silva Almeida	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	tcle_gestoresmuseais.pdf	09/09/2022 20:59:14	Karina da Silva Almeida	Aceito
Folha de Rosto	folhaderosto_plataforma_brasil_Karina.pdf	13/07/2022 22:30:51	Karina da Silva Almeida	Aceito
Brochura Pesquisa	instrumento_de_coleta_de_dados_entrevista_gestores_dos_museus.pdf	29/06/2022 23:24:40	Karina da Silva Almeida	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	termo_de_autorizacao.pdf	29/06/2022 23:21:18	Karina da Silva Almeida	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

CAMPO GRANDE, 14 de Março de 2023

Assinado por:

Juliana Dias Reis Pessalacia
(Coordenador(a))

Endereço: Av. Costa e Silva, s/nº - Pioneiros - Prédio das Pró-Reitorias - Hércules Maymone - 1º andar
Bairro: Pioneiros **CEP:** 70.070-900
UF: MS **Município:** CAMPO GRANDE
Telefone: (67)3345-7187 **Fax:** (67)3345-7187 **E-mail:** cepconep.propp@ufms.br

